

MARIA TERESA GARRITANO DOURADO

MULHERES COMUNS, SENHORAS RESPEITÁVEIS:

A presença feminina na Guerra do Paraguai

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Dourados, para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nanci Leonzo

Dourados-2002

MARIA TERESA GARRITANO DOURADO

**MULHERES COMUNS, SENHORAS
RESPEITÁVEIS: A PRESENÇA
FEMININA NA GUERRA DO
PARAGUAI**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Dr.^a. Nanci Leonzo (UFMS): _____
Presidente e Orientadora

Dr.^a. Vera Lúcia do Amaral Ferlini (USP): _____
2.º Examinador

Dr. Cezar Augusto C. Benevides. (UFMS): _____
3.º Examinador

Dourados, _____ de _____ de _____.

DADOS CURRICULARES

MARIA TERESA GARRITANO DOURADO

NASCIMENTO: 02/01 – RIO DE JANEIRO-RJ

FILIAÇÃO: Caetano Garritano

Lindóia de Matos Garritano

1985/1988 Curso de Graduação em História

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados-
MS

1996/1998 Curso de Especialização em História do Brasil

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de
Dourados.

2000/2002 Curso de Pós-Graduação em História, nível de Mestrado

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de
Dourados

*A meu pai, Capitão Aviador Caetano Garritano (In memoriam), que me ensinou,
enquanto voávamos, que o saber, como o horizonte, é infinito.*

*A minha mãe, Lindóia de Matos Garritano, força motriz de um sonho, que me
ensinou a nunca aceitar um não como resposta.*

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao fim desta viagem, cujo resultado é um conhecimento provisório e parcial sobre a história que me propus a contar, é difícil registrar todas as pessoas que foram essenciais para seu percurso; mas, mesmo correndo o risco de ser indelicada pelo esquecimento, gostaria de lembrar algumas pessoas que tornaram possível este trabalho. À professora Nanci Leonzo, minha orientadora, agradeço a paciência, o estímulo, as sugestões e a eterna disponibilidade em me atender, pedindo desculpas pela exaltação ao telefone celular, cada vez que encontrava um documento importante, que, para o pesquisador iniciante, é sempre inédito.

Ao professor doutor Jérri Roberto Marin, agradeço pelas críticas e sugestões pertinentes e valiosas.

Aos professores, colaboradores e incentivadores assíduos, Cláudio Alves de Vasconcelos e Paulo Roberto Cimó Queiroz, por nunca esquecerem que, antes de serem doutores, são educadores.

À professora mestra Benícia Couto de Oliveira, pelo interesse e disponibilidade durante a elaboração do projeto para a seleção.

A minha família, Norival, Henrique e Adriana, pedindo desculpas pelos gritos *vê se me esquece e tô fora*, cada vez que a angústia sobrepunha a razão, mas muito feliz em ver que o meu exemplo foi seguido por todos e muito rapidamente. Aos familiares do Rio de Janeiro, que não me deixaram ao relento, mesmo não acreditando no interesse que este trabalho pudesse despertar, especialmente ao Zélio, Nilza, Sandra, Júlio e Zaelma, responsáveis pelo *ir e vir*, e pelas gostosas gargalhadas na noite de verão carioca.

A todos os colegas e amigos da turma de mestrado 2000: Iara, Edna, Walteir, Astor, Cláudio, Paulo Roberto, Ciro, Manuel, Sérgio e Neimar, pelo prazer da descontração, da discussão e das novas amizades.

Aos professores Lúcia Maria Paschoal Guimarães, Jérri Roberto Marin e Nanci Leonzo, que participaram do Exame de Qualificação, pelas sugestões e reflexões.

A Lúcia Monte Alto Silva, diretora do Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro, por facultar o acesso ao arquivo fora do horário aberto ao público e a seus funcionários, Isabel R. P. Correia e Luiz Augusto S. da Silva, pela inestimável ajuda.

Aos Tenentes Marcos Paulo Mendes Araújo e Alcemar Ferreira Junior, historiadores do Arquivo Histórico do Exército, pela persistente procura de documentos valiosos para a elaboração deste trabalho.

Devo uma palavra final de gratidão às funcionárias da UFMS, pelo inestimável auxílio, em especial a Thais E. Saconato, secretária do Mestrado, a Erundina A. da Silva, da Biblioteca do CEUD e a Maria Aparecida Ferreira Carli, do Centro de Documentação Regional.

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura e das suas imagens frente à sociedade. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos.

Mary Del Priore

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	10
RESUMO	11
<i>ABSTRACT</i>	12
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 <u>R</u>ETRATOS INACABADOS.....	17
1.1 Os silêncios historiográficos.....	18
1.2 As muitas faces de Elisa Lynch.....	38
CAPÍTULO 2 <u>P</u>ERFIS ESBOÇADOS.....	51
2.1 Matriarcas	52
2.2 Patriotas	80
CAPÍTULO 3 <u>H</u>EROÍNAS NA GUERRA E NA VIDA COTIDIANA... 	99
3.1 Fugitivas.....	100
3.2 Viúvas e descendentes dos combatentes	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
FONTES.....	122
BIBLIOGRAFIA	128

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Batalha do Avaí	25
Figura 2: Batalha do Avaí (detalhe).	Erro! Indicador não definido.
Figura 3: Mulher com Fuzil, retratada por Diógenes Hequet.	27
Figura 4: Batalha do Avaí (detalhe: auto-retrato).....	28
Figura 5: Pancha Garmendia.....	32
Figura 6: La Paraguaya.....	37
Figura 7: Elisa Alicia Lynch quando jovem	40
Figura 8: Elisa Alicia Lynch.....	50
Figura 9: <i>Relação das Famílias da Província de Mato Grosso que se achavão prisioneiras dos inimigos, e que sendo resgatadas receberão pelo Consulado Brasileiro desta Republica os generos para seo vestuario, que vão abaixo declaradas</i>	61
Figura 10: D. Rosa da Fonseca e seus filhos	83
Figura 11: “Hospital de Sangue” em Tuyuty	86
Figura 12: A presença da mulher no acampamento do 7º Batalhão de Voluntários.....	88
Figura 13: Jovita Alves Feitosa.....	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHE - Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro-RJ.

AHI - Arquivo Histórico do Itamaraty. Rio de Janeiro-RJ.

ATJ - Arquivo do Tribunal de Justiça. Campo Grande-MS .

BN - Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro-RJ.

CDR - Centro de Documentação Regional. Dourados-MS.

RESUMO

Da Guerra do Paraguai (1864-1870), conhece-se, razoavelmente, a história militar, política e diplomática, mas sabe-se muito pouco sobre a história social e suas conseqüências. Como era o cotidiano da vida em um acampamento militar, qual o tratamento dispensado aos feridos, quem os recolhia nos campos de batalha, qual a sua alimentação, as doenças, o serviço de saúde, quem cuidava dos transportes, do comércio, da disciplina, pouco se sabe; sobretudo, sobre a maioria das pessoas que compunham esse universo, a relação entre elas e como foram inseridas no contexto histórico. O presente estudo procura demonstrar que a mulher que seguia o homem na guerra, penetrando num mundo do qual, tradicionalmente, não fazia parte, movida por necessidades econômicas, afetivas, entre outros, como enfermeira, andarilha, mãe, esposa, patriota, vivandeira, fugitiva, viúva, *destinada* e *residenta*, mesmo na retaguarda dos campos de batalha, participou ativamente, e com grande intensidade, desse episódio histórico. Portanto, discuto, nesta dissertação, como a temática feminina na Guerra do Paraguai foi abordada pela historiografia tradicional, pelos memorialistas, artistas, viajantes estrangeiros e, também, pelos historiadores contemporâneos, produzindo uma história permeada de lacunas e silêncios, tornando precário o conhecimento das mulheres que viveram este cotidiano e nele tiveram um papel, mas que, quase sempre, não apareceram nos registros oficiais.

ABSTRACT

The military, political and diplomatic history of Paraguayan War (1864-1870) is reasonably known, but one knows very little about social history and its consequences. About everyday life in a military camping, what was the treatment given to the wounded, who picked them up in the battle field, their food, illnesses, health service, who took care of transportation, trade, discipline, very little is known; mainly about the majority of the people who belonged to this universe, the relationship among them and how they were inserted in the historical context. The present study tries to demonstrate that the woman that followed men during war, entering a world she didn't belong to, moved by economical and affective necessities, among others, as nurse, wanderer, mother, wife, patriot, sutler, runaway, widow, *destinada* and *residenta*, even in the rear of armies, participated actively and with great intensity of this historical episode. Therefore, this dissertation discusses how feminine thematic in Paraguayan War was approached by traditional historiography, by memoirists, artists, foreign voyagers and also by contemporary historians, producing a history permeated by blanks and silences, turning precarious the knowledge about women that lived this quotidian and played a role in it, but almost always didn't appear in official records.

INTRODUÇÃO

*A história escrita do mundo é, em
larga medida, uma história de
guerras, porque o Estado em que
vivemos nasceu de conquistas,
guerras civis ou lutas pela
independência.
John Keegan, 1996.*

As guerras, de um modo geral, sempre despertaram a minha atenção. Meu interesse sobre esse assunto iniciou-se na infância, quando, junto com meu pai, capitão aviador da Aeronáutica, lia livros e mais livros sobre a II Guerra Mundial, assistia a todos os filmes sobre batalhas famosas e, algumas vezes voava, com ele nos velhos aviões da Força Aérea Brasileira. O contexto familiar influenciou, sem dúvida, o surgimento de meu interesse pela Guerra do Paraguai, pois a vida de um historiador não pode ser separada da história que escreve. Na escola, essa tendência foi crescendo quando, fascinada, escutava os professores contando as mais incríveis histórias dos povos do passado, e as aulas eram como viagens por outros mundos e épocas: e eu viajava... e viajava...; na imaginação infantil, tentava, de alguma forma, incluir-me no contexto histórico, mas não conseguia, por não saber onde, já que as mulheres, com raras exceções, não apareciam na história tradicional. Aquilo sempre me incomodou bastante e, ao tentar desnudar o passado, imaginava o que teria acontecido com as mulheres que nunca apareciam. Este estudo resultou de uma paixão, e de um desejo de contar uma história, mas não uma história qualquer, e sim uma história de uma guerra em que fosse registrada a presença das mulheres, em que fizesse sentido a importância de sua participação e presença. Mas, além da paixão, o historiador, preocupado com o saber científico, precisa das fontes, dos documentos necessários para elaborar uma dissertação, e nessa constatação reside um dos múltiplos desafios que enfrentei ao longo da elaboração deste trabalho. Afinal, ele resulta da insistência no propósito em desvendar uma época em que a história somente valorizava os personagens masculinos, ofuscando a figura feminina, a qual desaparecia no cenário da guerra. No entanto, apesar de tênues, os vestígios foram crescendo e se avolumando, a

partir dos relatos de Taunay, Palleja, Cerqueira, Pedro Américo, e Alcala, entre muitos outros, que as viram e as anotaram.

De fato, não restam dúvidas de que, da Guerra do Paraguai, se conhece razoavelmente a história militar, política e diplomática, mas se sabe muito pouco sobre a história social e suas conseqüências. Desde Pero Vaz de Caminha, escrivão que redigiu a famosa carta ao rei de Portugal comunicando-lhe o *achamento* da Nova Terra, no dia 26 de abril de 1500, e que mencionava “...quatro ou cinco mulheres moças que não pareciam mal”, já era possível constatar a forma como eram vistas as nossas mulheres. Esse fato, que percorre um longo e árduo caminho, permite endossar a seguinte afirmativa: “...a história das mulheres é uma história recente e que se ressent de um passado mal contado e que cultivar a memória das mulheres é, sobretudo fazer justiça”.¹ A história da guerra acompanha a história dos homens e eles sempre preencheram os espaços oficiais da historiografia, nas caravelas, na Europa ou nas novas terras recém descobertas. Mas a historiografia das últimas décadas favorece a história das mulheres, pois vem-se voltando para os grupos excluídos da memória histórica, marginalizados do poder, sobre os quais paira um sistemático esquecimento quanto à vida e o cotidiano ao longo da história. Em busca do universo das mulheres durante os séculos que marcaram a exploração portuguesa e européia, defrontamo-nos com essa face escondida ao tempo dos descobrimentos e nos séculos seguintes. Quase nada se conhece sobre a presença feminina durante a guerra e, principalmente, no período imediatamente pós-guerra. A situação da mulher era de quase total invisibilidade, sendo ofuscada pelos homens que retinham o papel de personagens principais e eram considerados dignos de interesse para a história. Mas ela vem ganhando espaço significativo na historiografia brasileira; entretanto, as pesquisas ainda não avançam em direção ao interior, no caso específico, a história da mulher em Mato Grosso, no século XIX.

A proposta de estudo desta dissertação de mestrado, a situação da mulher na Guerra do Paraguai, nas suas mais variadas possibilidades ou vertentes, ganha novos contornos e desdobramentos, a partir do momento em que procuro fazer uma nova abordagem e uma análise criteriosa dos acervos documentais, em migalhas e dispersos, encontrados no Arquivo Histórico do Exército, no Arquivo Histórico do Itamaraty, na Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, e no Arquivo do Tribunal de Justiça de

¹ SCHUMAHER, S.; BRAZIL, E. (Orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, biográfico e ilustrado, p.9.

Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, nos quais, basicamente, desenvolvi a minha pesquisa. O objetivo principal do presente trabalho é, pois, penetrar no universo feminino, tentando tornar visíveis as mulheres que estiveram envolvidas na Guerra do Paraguai e que ficaram escondidas pelo tempo, pelo descaso e pelo preconceito. É também, questionar a dimensão de exclusão a que estavam submetidas por um discurso masculino e tentar abrir possibilidades na recuperação do segmento feminino para, com isso visualizar e discutir outras temáticas, também relegadas ao esquecimento. As raras mulheres que foram vistas e mencionadas pelos memorialistas, que tiveram direito a nomes e sobrenomes, destacavam-se individualmente por serem casadas com homens que pertenciam à elite imperial, como, por exemplo, Ana Néri, casada com um oficial da marinha; como Ludovina Portocarrero, casada com o comandante do Forte de Coimbra e Dona Senhorinha, casada com o Guia Lopes, imortalizado por Taunay em *A Retirada da Laguna*. Apresento, pois, questões que merecem ser investigadas e analisadas com rigor científico. Efetuei uma leitura das fontes historiográficas repudiando o historicismo, tão presente na historiografia brasileira e mato-grossense, enfatizando as contradições. Corro o risco dessas mulheres, acima citadas, tornarem-se mais inacessíveis, mas ficarei satisfeita ao vê-las no mesmo espaço ocupados pelas “Marias”, que aparecem sempre no coletivo, sem nome, sem rosto, enfim, sem lugar na Memória e na História.

A dissertação está dividida em três capítulos, sendo o primeiro deles “Retratos Inacabados”, dedicado aos silêncios historiográficos e às muitas faces de Elisa Alicia Lynch. “Perfis Esboçados” é o título do segundo capítulo, onde analiso as matriarcas, patriotas, andarilhas e vivandeiras. No terceiro capítulo, “Heroínas na Guerra e na Vida Cotidiana”, enfoco as fugitivas e descendentes dos combatentes.

É preocupante que, a despeito da farta documentação existente sobre Mato Grosso, parte dela inédita, ainda existam graves problemas na realização da investigação histórica, sobretudo na área da História Social, sendo que os mais graves são: a descontinuidade de informações e a falta de disposição para a pesquisa em arquivos que, para muitos, são entediantes, empoeirados, vazios, alguns escuros e distantes de casa. Contudo, a história precisa, muitas vezes, penetrar nesse mundo e dar vozes ao passado. Eu, ao contrário da maioria dos historiadores atuais, assim como Leopold van Ranke, tenho requintado prazer em mergulhar nas coleções de fontes primárias e nas pastas de arquivos empoeiradas, as quais exercem sobre mim uma atração, assim como *uma folha de alface*

*sobre um coelho*². O gosto pelos papéis velhos e amarelados, a sensação de aventura ao descobrir documentos desconhecidos, de imaginar os cenários do passado, enfim, o fazer história, tornou-se uma paixão, em que os arquivos são locais onde aprendi a procurar respostas para minhas perguntas, e eles têm-se mostrados generosos, fazendo parte, hoje, do meu universo de historiadora. Paixão e incentivo aprofundado através da leitura de Philippe Ariès, que me guiou:

Costuma-se dizer que a árvore impede a visão da floresta, mas o tempo maravilhoso da pesquisa é sempre aquele em que o historiador mal começa a imaginar a visão de conjunto, enquanto a bruma que encobre os horizontes longínquos ainda não se dissipou totalmente, enquanto ele ainda não tomou muita distância do detalhe dos documentos brutos, e estes ainda conservam todo o seu frescor.

Aqui, compartilho com vocês, que têm o mesmo “paladar” pelo tema feminino, algumas de minhas descobertas, esperando conseguir transmitir e, principalmente, incentivar, o amor pela pesquisa. Minha investigação é, sem dúvida, pioneira, porque privilegia silêncios historiográficos, representações e mitos. Exponho, portanto, os resultados de abordagens iniciais, sustentando a hipótese de que, numa sociedade dominada pelo poder masculino, os vestígios femininos desaparecem intencionalmente e com grande facilidade.

Por último, mantive a ortografia de época na transcrição de trechos de documentos, bem como o idioma espanhol.

² GRAFTON, A., *As origens trágicas da erudição*, p.42.

CAPÍTULO 1

RETRATOS INACABADOS

1.1 OS SILÊNCIOS HISTORIOGRÁFICOS

As temáticas consideradas irrelevantes até há pouco tempo, como o amor, a paixão, o corpo, o desejo, a loucura, a doença, entre outros, vêm despertando, principalmente nas duas últimas décadas, um interesse cada vez maior por parte dos historiadores. Sob essa perspectiva, a pesquisa sobre as mulheres tem-se firmado, cada vez mais, como um objeto fundamental, na busca da compreensão do gênero humano.

De fato, a partir da década de 70, com a “Nova História” favorecendo a expansão da história das mentalidades e da história cultural, voltada, por exemplo, para a abordagem de “outras histórias”, inaugurou-se uma conjuntura mais aberta sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos: prostitutas, operários, velhos, pobres. Os objetos da investigação histórica multiplicaram-se, e, nesse contexto os historiadores passam a buscar, com maior intensidade, testemunhos sobre as mulheres, enfrentando o desafio da invisibilidade e colocando-as na condição de objeto e sujeito da história.

Mas é preciso um amplo percurso para encontrá-las e escrever sobre elas. Numa sociedade como a nossa, em que as desigualdades permanecem perenes, a mulher, a criança, o velho, entre outros, diluem-se nas classes detentoras de poder. As dificuldades de penetrar no passado feminino têm levado os historiadores a lançar mão da criatividade, em buscas de pistas que lhes permitam transpor o silêncio e a invisibilidade que perdurou por tão longo tempo nesse terreno. Minha investigação é, sem dúvida, pioneira, porque privilegia silêncios historiográficos, representações e mitos. Exponho, portanto, os resultados de abordagens iniciais, sustentando a hipótese de que, numa sociedade dominada pelo poder masculino, os vestígios femininos desaparecem intencionalmente e com grande facilidade.

A guerra é a opção de um grupo contra o outro porque ela é tão antiga quanto a história e tão universal quanto a humanidade, mas é uma atividade da qual as mulheres, com exceções insignificantes, sempre e em todos os lugares, ficaram excluídas, nunca figurando como atores principais. José Murilo de Carvalho, em recente e interessante artigo, comentou o lançamento do Diário da Campanha do Paraguai, de Francisco Pereira da Silva Barbosa, colocado na *Internet* por seus descendentes:

Da Guerra do Paraguai (1864 - 1870) conhecemos razoavelmente a história militar, política e diplomática. A escola encarrega-se de informar sobre batalhas, exaltar generais e almirantes. Estátuas, quadros e nomes de ruas reforçam a versão patriótica

dos livros escolares. Mas sabemos muito pouco sobre a história social da guerra e suas conseqüências. Quem eram os combatentes, como foram recrutados, como era a vida nas trincheiras, como era o tratamento dos soldados, sua alimentação, suas doenças, o serviço de saúde, a relação entre eles e os oficiais, a disciplina...etc.³

O famoso historiador, apesar de ressaltar os silêncios historiográficos, tão comuns em diários, cartas, reminiscências, memórias e recordações, entre outros, não foge à regra da maioria dos escritores, os quais não mencionam a participação feminina brasileira. Ele faz apenas uma referência às mulheres paraguaias. Incluo, aqui, também, o autor do diário. Absorvo, com bastante curiosidade e desafio, a frase final do artigo: “Silêncio proposital do autor ou problema que se coloca apenas para o leitor de hoje ?.” As lacunas existentes, detectadas, hoje, por muitos historiadores preocupados com o rigor científico, parecem constituir um paradigma na historiografia tradicional:

Mas o silêncio das fontes não pode ser o único culpado pelo descaso voluntário de nossos intelectuais e, particularmente, daqueles que se dedicaram ao estudo de nossa história militar. Mesmo quando há evidências, as mulheres foram – e ainda são – comumente esquecidas.⁴

Quando se fala em guerras dos séculos passados, imaginamos sempre homens marchando a pé ou a cavalo, em situação de combate. Esquecemos que as mulheres, muitas vezes com filhos, acompanhavam seus maridos soldados e, como não havia abastecimento regular das tropas, muitas trabalhavam, alimentando, socorrendo, plantando, lutando, ou mesmo comercializando gêneros de primeira necessidade. Viviam ocupadas demais em manter todo aquele aparato de guerra . De fato, a atuação feminina, sempre na retaguarda, não aparece como elemento que teve sua importância nas batalhas. Mas as mulheres lá estiveram, e pouco sabemos sobre elas. Presença extra-oficial, testemunhas silenciadas no tempo, exército sem nome, todos esses termos despertam a minha curiosidade. Afinal, se a Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança ainda é pouco conhecida, a presença feminina o é muito mais. Incluída entre índios, velhos e crianças, formava um exército “invisível”, que se tornou imprescindível por ocasião do desenrolar da guerra. Essa presença, sempre constante, permitiu que alguns estudiosos as registrassem. Taunay, Palleja, Cerqueira, McMahan, Baptista Pereira,

³ CARVALHO, J., *Um voluntário na Guerra do Paraguai*, p.11.

⁴ LEONZO, N., *Nossas Marias Quitérias*, p.50.

Encarnación Bedoya, Roberto Romero, Dorotea de Lassere, Guido Alcalá, Rodrigues da Silva, Olinda Kostianovsky, entre muitos outros e com olhares diferentes, referem-se às mulheres na Guerra do Paraguai.

Escrever sobre esse tema é um verdadeiro trabalho de rastreamento, porque a escassez de vestígios acerca do passado das mulheres, produzidos por elas próprias, constitui-se num dos grandes problemas enfrentados pelos historiadores. Ao contrário, encontram-se mais facilmente representações sobre as mulheres, que tenham por base discursos masculinos determinando quem são elas, o que fizeram e o que devem fazer. É necessário esclarecer que estou entendendo, como representações, os vestígios, ou simplesmente as pistas, muitas delas historiográficas. Vale a pena reproduzir o que escreveu, a propósito, Michelle Perrot :

O ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutora. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou 'mental', ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade.⁵

Na historiografia brasileira e, principalmente, na mato-grossense, prevalecem as pertinentes observações acima descritas. São homens escrevendo sobre homens, sendo as mulheres, quando mencionadas, meros detalhes, que nada contribuem para a compreensão do episódio ou, mesmo, do processo histórico. Na história da Guerra do Paraguai, muitas vezes, a mulher foi omitida, discriminada e ironizada. De fato, na maioria das obras analisadas, observo que, quando as mulheres saíram do anonimato, foi porque demonstraram algum ato de heroísmo, como o da preta Ana, que, mesmo assim, só teve direito ao primeiro nome, sendo a etnia lembrada com preconceito, o que a remetia a grupos sociais de origem humilde, conforme registrou Taunay:

A preta Ana, mulher de um soldado, prevenira os cuidados da administração militar nesta obra caridosa. Colocada durante o combate no meio do quadrado do 17º, ela se desvelara com todos os feridos, tirando ou rasgando das próprias roupas o que faltava para os curativos e ligaduras: proceder tanto mais digno de nota e de admiração, quanto mais miserável o da mor parte das suas companheiras, que quase todas se

⁵ PERROT, M., *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*, p.185.

tinham escondido debaixo das carretas, onde disputavam lugar com tumulto medonho.⁶

Sobre o mesmo episódio e com o mesmo olhar de discriminação, Ana surgiu em outras obras:

Foi uma autêntica heroína essa mulher de um soldado que se chamava Ana e cognominada Ana Mamuda, cujo gesto digno e humano, se fixou na admiração e na gratidão de todos. Era uma humilde negra de coração branco, mas, antes de tudo, mulher. Sublime mulher, cuja glória a história tem o dever de registrar e consagrar.⁷

Anna Mamuda, a vivandeira e transviada, que no quadrado de 17 ‘se diviniza e surge aureolada de uma gloria immortal como a mais humana das mulheres’. É que ella fôra o Anjo de Caridade, adejando dentro daquelle quadrado, com a pureza então de heroína, que na pratica do bem, ligando membros dilacerados com os farrapos que lhe cobriam o próprio corpo, confortando o agonizante com as palavras que a Fé lhe inspira!⁸

A discriminação racial antecedendo ao nome, os apelidos e as ironias são uma constante nas obras analisadas. Com a invasão do Forte de Coimbra, por exemplo, em dezembro de 1864, algumas mulheres tornaram-se *visíveis*, devido aos seus feitos heróicos. As setenta mulheres presentes no Forte, nesta data, eram, em sua maioria, esposas dos militares. Elas fabricaram 3.500 balas de fuzil, adaptando, com pedaços de suas roupas, os projéteis de maior calibre. Duas delas, mulheres simples do povo, Aninha Gangalha e Maria Fuzil, tiveram seus nomes registrados, quando, se aproveitando da escuridão da noite, desceram até o rio, em busca de água para os defensores do Forte. Uma terceira, a esposa do ten. cel. Hermenegildo de A. Portocarrero, ganhou o direito ao nome, sobrenome e título. D. Ludovina,⁹ nascida em Montevideu, celebrou-se ao lado de seu marido, quando da resistência da guarnição desse Forte à invasão paraguaia: “hoje uma das grandes heroínas brasileiras, além do símbolo de

⁶ TAUNAY, A., *A Retirada da Laguna*: Episodio da Guerra do Paraguay, p.85.

⁷ SOUZA, C., *A Medicina na Guerra do Paraguai*, p.84.

⁸ AZEVEDO, P., *A epopéia de Mato Grosso no Bronze da História*, p.37.

⁹ SCHUMAHER, S., BRAZIL, É. (Orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado, p.343.

valor, patriotismo, abnegação e espírito de sacrifício da esposa militar brasileira”.¹⁰ Isto, porque seu marido era um oficial graduado e exercia um posto de comando.

Fonte preciosa de informação sobre o cotidiano de qualquer guerra são os diários, memórias, entre outros, escritos pelos combatentes, praças ou oficiais. Dentre eles, cito o do Capitão Pedro Werlang, em seu Diário de Campanha, que relata um fato curioso, dificilmente encontrado em outras obras analisadas sobre a Guerra do Paraguai. Era muito comum o uso de guias em tropas que se deslocavam constantemente, geralmente homens da própria região e requisitados pelo exército. O mais famoso deles, o Guia Lopes, deu nome a uma cidade de Mato Grosso do Sul e ficou conhecido devido ao relato de Taunay, em *A Retirada da Laguna*. São raros, porém, o registro de mulheres, com esta mesma função:

Mas o inimigo pressentiu o plano e bateu em retirada. O Coronel Câmara perseguiu-o dia e noite através de banhadais e caminhos os mais pavorosos que se possa imaginar. Como vaqueanas ou guias serviam-lhe mulheres que tinham remanescido naquela zona.¹¹

A historiografia brasileira sobre a Guerra do Paraguai é ampla e bastante diversificada; tanto nos estudos dados como “clássicos”, como naqueles de pouca projeção, as mulheres são negligenciadas. Ao longo do século XX, a Guerra do Paraguai foi abordada pelos memorialistas e historiadores mato-grossenses sob premissas específicas, sendo que o discurso histórico, com fortes conotações memorialistas, construído pelos intelectuais mato-grossenses, esteve, sempre, atrelado aos grupos que disputavam e partilhavam o poder, dando-lhes, principalmente, legitimidade.¹²

Homens no poder escreviam sobre homens transformados em “heróis”. Vez por outra surgia alguma respeitável senhora, como é o caso de Dona Ludovina, e Dona Senhorinha. Prova-se, mais uma vez, a condição subalterna da mulher. É possível pensar que, se não tivessem esposos vistos como heróis, jamais seriam conhecidas. Portanto, a mulher que, esporadicamente, é lembrada nos relatos na Guerra do Paraguai é a esposa corajosa, fiel e abnegada. Ana Néri, precursora da enfermagem no Brasil, casada com o oficial de marinha

¹⁰ BENTO, C., *Bicentenário do Forte de Coimbra*, p.11.

¹¹ BECKER, K., *Alemães e Descendentes- do Rio Grande do Sul- na Guerra do Paraguai*, p.146.

¹² ZORZATO, O., *Conciliação e Identidade: Considerações sobre a historiografia de Mato Grosso*, p.89.

capitão-de-fragata Isidoro Antônio Néri, só foi lembrada em razão de seus vínculos com a elite monárquica e por ser casada com um oficial graduado.

No caso específico de Dona Senhorinha, é interessante ressaltar os atributos que lhe foram concedidos pelos memorialistas.¹³ Para alguns, provavelmente inspirados em Taunay, tratava-se de uma mulher de “alma forte”, uma “verdadeira matrona”, em cujas veias corria o sangue de pioneira, de bandeirante.

Até que ponto Taunay é uma fonte fidedigna? Assim, escrever sobre “silêncios” significa, também, desmistificar as lembranças colhidas e reelaboradas de acordo com os interesses do momento. Como simplesmente aceitar o seguinte juízo ?:

Hoje, em Mato Grosso do Sul, quando se pronunciam os nomes de Campos de Erê, Monjolinho, Retiro e Jardim, o nome de D. Senhorinha – Rafaela Senhorinha Maria da Conceição Barbosa – se alteia sobre as campinas verdejantes do rincão matogrossês, que foram banhadas com o suor e as lágrimas dessa mulher que se tornou heroína ao procurar construir, por mais de uma vez, o seu lar em terras que sempre conheceu e amou como de sua grande Pátria – o Brasil.¹⁴

A busca de fontes sobre a Guerra remete o pesquisador a lançar mão de outros recursos, como, por exemplo, os registros iconográficos, que serão abordados nessa parte da dissertação. Devo, porém, adiantar que não terei como objetivo estabelecer uma relação entre as séries de representações tal como prevê Chartier, até porque minhas fontes são esparsas e relativamente escassas. Percorri um longo caminho, cheio de meandros e armadilhas, para encontrar algum olhar masculino que houvesse notado as mulheres, alguma sombra de saia ou algum cabelo esvoaçante, no meio da iconografia das batalhas. Candido Lopes, fotógrafo e pintor argentino, presente na Guerra como voluntário, apesar de ter produzido 56 quadros referentes à Guerra do Paraguai, não registrou em nenhum deles a presença feminina, que um Pedro Américo estilizou em A Batalha do Avaí, tela de 11 por 6 m, citada como sua principal obra, iniciada e concluída em Florença, no ano de 1877. Nesta pintura a óleo, que hoje pertence ao acervo do Museu Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, a qual, muitas vezes, é citada como de autoria de Vitor Meirelles, referente à batalha do dia 11 de dezembro de 1868, o autor reproduz, em cores vivas, toda a violência da luta, destacando, entre outros,

¹³ RODRIGUES, J., *Histórias da Terra Matogrossense*, p.111.

¹⁴ RODRIGUES, J., *Histórias da Terra Matogrossense*, p.113.

cenar de cavalaria, tiros de pistola, em meio a lanças e facões. Mesmo envolvido pelo turbilhão da batalha, o artista parece demonstrar um sentimento de família, quando representa as idades da vida, a presença de uma mulher enrolada em mantos que tenta proteger um bebê, enquanto está sendo segura, pelo outro lado, por uma criança maior. Ela surgiu em meio à batalha em postura materna de defesa da prole apenas com seu corpo e, ao seu lado, em sintonia com a idéia de família, está um homem armado, um velho com os braços estendidos, um adolescente que demonstra atitude belicosa, uma vaca e um cesto com alimentos.

A imagem histórica representada reflete a cultura, o espírito de uma sociedade na época em que foi produzida. No quadro, elaborado segundo o gosto europeu, aparecem outras etnias além da branca em seus diferentes matizes. Enquanto o homem se destaca, tomando quase toda a tela, numa busca de glorificação da imagem masculina, a mulher aparece somente num canto do lado direito, mas a sua presença é, constantemente, retirada em obras que tratam desse tema. Confirma-se, também, no quadro, a imagem da mulher em postura de debilidade, muito comum no final do século XVIII e através de todo o século XIX.

As representações da mulher na arte serviram para reproduzir as suposições mantidas pela sociedade em geral, e por artistas em particular, acerca da superioridade e do poder masculino. A ênfase atribuída à fraqueza e à passividade femininas, sua viabilidade sexual para as necessidades masculinas, sua definição doméstica e sua função materna como o domínio natural mostra a função ideológica que encobre as relações de poder explícitas na sociedade, tornando-as parte da ordem natural das coisas. Essa visão conservadora dava à mulher o papel apenas de dona de casa e mãe, não lhe sendo permitido ultrapassar essas fronteiras. Contrariando essa premissa, ainda no que refere à chamada “Dezembrada”, uma pintura de Diógenes Hequet traz estampado um flagrante colhido em Lomas Valentinas. Na imagem, em meio aos soldados entrincheirados, o artista destacou a curiosa figura de uma mulher empunhando um fuzil¹⁵.

Outro detalhe bastante interessante no quadro de Pedro Américo é a presença de um soldado localizado bem no meio da tela, que está usando um quepe com o número 33, que, segundo informações do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, é um auto-retrato do pintor.

¹⁵ CUNHA, M., *A Chama da Nacionalidade: Ecos da Guerra do Paraguai*, p.131.

Ainda que se observe, no quadro mencionado, a presença de uma mulher no cenário da batalha, sua representação obedece à demonstração da diferença de gênero no contraste entre força e fraqueza. Neste sentido, o quadro reproduz velhos papéis mantidos pela iconografia da época. Em inúmeras guerras, a mulher, tradicionalmente, é representada apenas como mãe exemplar que, na paz, cuida do lar, educa os filhos e colabora com o homem em seus mais variados trabalhos e, na guerra, consola, permanecendo serena e firme nas horas de provação e de luta, sendo sempre a companheira leal e a mãe dedicada. Cabe ao historiador resgatar, além dessas ações, outros papéis desempenhados pela mulher, sobretudo na guerra.

É interessante recordar que o retrato “oficial” de Jovita Alves Feitosa é a única imagem de uma mulher com uniforme da Guerra do Paraguai que se conhece e a mostra com o uniforme de um dos batalhões, não parecendo ser uma personagem masculinizada que se apropria de qualidades usualmente atribuídas aos homens como, por exemplo, ser fotografada com armas nas mãos. Muito pelo contrário, mesmo vestida de homem, fazia questão de dar um toque feminino ao usar saia e brincos, com postura correta, evidentemente feminina, os braços entrecruzados e o olhar seguro, penetrante e bonito, que transmite firmeza e determinação.

Em outra figura analisada, a de D. Rosa Maria Paulina da Fonseca, a mãe patriota mostra o semblante forte e sério, a fisionomia austera, de comando, sem nenhum sorriso ou alegria nos lábios e rosto, cabelos presos, vestido de mangas compridas, a postura estudada, em pé e rodeada pelos sete filhos que ela incentivara a ir para a guerra.

Percebe-se, também, que, em outras figuras iconográficas analisadas, produzidas pelos artistas da época, a mulher aparece, timidamente, em determinados espaços. A imagem iconográfica, confrontada com outros documentos, permite concluir que a mulher não teve uma participação tão tímida como a iconografia sugere, apesar de rara.

Mas, do outro lado da fronteira, no Paraguai, observo uma outra realidade, diferente da brasileira. De fato, a participação da mulher na guerra foi intensa e longamente registrada pela historiografia paraguaia. A guerra não traz apenas uma história de fixação de barreiras físicas e mentais, mas condensa uma história de diferenças externas e internas. Dentro da percepção de alteridade, analiso as representações femininas paraguaias no período compreendido, principalmente, entre 1864 a 1870. De acordo com Roger Chartier:

...qualquer discurso histórico deve ser analisado através de uma dupla operação, qual seja: a) a que leva em conta as representações vistas como vestígios, sejam elas: discursivos, iconográficos, estatísticos, etc. b) a que permite estabelecer a relação,

ainda que hipotética, entre as séries de representações construídas e trabalhadas enquanto tais, e as práticas que constituem o seu referente externo.¹⁶

No que diz respeito ao primeiro tópico, esclareço que estou entendendo, como representação, os vestígios, ou simplesmente as pistas, muitas delas historiográficas, que auxiliam na tentativa de compreensão do papel desempenhado pela mulher simples, em muitos casos marginalizadas socialmente. Um exemplo claro é o que ocorre com as mulheres paraguaias denominadas *as destinadas* e *as residentas*.

O capitão Domingo A. Ortíz, combatente da Guerra do Paraguai, que, como membro da comissão de limites paraguaio-brasileira, voltou a visitar o acampamento de Espadín, em 1873, relatou:

El 1º de octubre (1873) nos hallamos en la cabecera del arroyo Espadín, célebre por la desgraciada suerte que sufrieron en sus solitarias costas, centenares de las principales familias del Paraguay, durante la cruel y desastrosa guerra del año 1865.

El 9 del mismo mes, recogimos datos sobre el curso del arroyo Espadín, estuvimos hasta la isla que sirvió de recostadero al campamento de las destinadas, de cuya proximidad, eran indicios vehementes, los numerosos cráneos y huesos humanos que veíamos a los lados del camino.¹⁷

Em fevereiro de 1868, Solano López promulgou um decreto presidencial para que Assunção fosse evacuada, sob pena de morte¹⁸, e isso era extensivo a todos os seus habitantes. Observo duas categorias distintas entre as mulheres paraguaias condenadas ao êxodo: refiro-me, em primeiro lugar, às *destinadas*, parentes de réus políticos, desertores e traidores da pátria, que, por isso, eram castigadas e obrigadas a marchar pelo interior do país por pertencerem a famílias de conspiradores, inclusive pelas faltas de amigos e conhecidos, tendo que seguir uma escolta que sempre as levava para regiões mais difíceis de serem alcançadas

¹⁶ CHARTIER, R., *A História Cultural: Entre Práticas e representações*, p.87.

¹⁷ ALCALA, G., *Residentas, Destinadas y Traidoras*, p.5.

¹⁸ “La orden de evacuación del 22.2.1868 rezaba: ‘Artículo 1.º La Ciudad de la Asunción queda desde esta fecha declarada punto militar. Artículo 2.º Dentro de cuarenta y ocho horas de la publicación del presente Decreto, se evacuará totalmente la Ciudad, retirándose la población á los puntos que señalará el Departamento de Policía. Artículo 3.º Toda persona que se encontrare robando en las casas desocupadas ó en las calles, será inmediatamente fusilada. Artigo 4.º Cualquiera persona que se encontrare en comunicacion con el enemigo sufrirá [!] la pena capital. Artículo 5.º Incurrirá [!] en la misma pena todo individuo que, teniendo conocimiento del hecho, no denunciare inmediatamente, ante la Comandancia general de armas, al traidor ó espia.’ ”. *Apud* Bárbara Potthast-Jutkeit, “*Paraíso de Mahoma*” o “*País de las mujeres*”?, p.270.

pelos aliados e obrigadas a cultivar os campos. Centenas de inocentes, principalmente mulheres, foram perseguidas e pagaram pelas faltas e erros de seus filhos, maridos e irmãos. Cito duas mulheres da elite, Carmelita Gill de Cordal, e Olívia Corbalan, como exemplos de destinadas:

Al investir-se su suerte en la guerra y volver-se en su contra – a más tardar desde la caída de Humaitá – López se volvió cada vez más desconfiado y sufocó toda sobre las mujeres de la clase alta, cuyos maridos pertenecían al círculo de los potenciales ‘traidores’. Ya Carmelita Gill de Cordal, cuyo esposo, gravemente herido, había caído prisionero de los argentinos en 1866 y por ello fue tildado de desertor en el Paraguai, se había visto obligada a renegar públicamente de su esposo.¹⁹

Nem todas as *destinadas* provinham dessa elite; mas posso afirmar, com base na leitura dos documentos analisados, que a maioria das mulheres da classe alta viveu a Guerra como uma desterrada. No quartel geral provisório, em São Fernando, que representava, naquele momento, um exemplo clássico de Estado totalitário, em que qualquer manifestação suspeita de prejudicar a ordem vigente era denunciada imediatamente, eram feitos julgamentos sumários contra os suspeitos e suas famílias, inclusive as mulheres, que eram interrogadas e torturadas até confessarem a existência de uma conspiração. Elas eram vigiadas com rigor, separadas de pessoas conhecidas e amigas e, com frequência, de suas famílias.

A *destinada* mais famosa que a historiografia paraguaia registrou foi Pancha Garmendia, conhecida, também, como “heroína del honor”, “doncella del Paraguay”, “doncella de Orleans” e “doncella do martyrio”:

Era o carinho, a jóia, o orgulho de Assumpção, que nella via o esplendor da sua raça e talvez a imagem da sua belleza moral. Apareceram-lhe pretendentes á mão de esposa como era natural. Não contavam, porém com o Generalito, que a destinava para si, como tinha feito com tantas outras. O primeiro dos seus admiradores, D. Pedro Egusquiza, foi recrutado para o exercito e mandado para o deserto. Os outros retrahiram-se. O bravo Generalito, que, para o Sr. O Leary, é o typo das perfeições, redobrou de insistência. Panchita nunca lhe deu uma esperanza. Não era da massa de que se fazem as barregãs, mesmo de déspotas. A sua resistência cresceu á proporção da audácia do monstro, que só recuou ao vê-la prestes a despenhar-se no tumulto para fugir-lhe.²⁰

¹⁹POTTHAST-JUTKEIT, B., “Paraiso de Mahoma” o “País de las mujeres” ?, p.279.

²⁰ PEREIRA, B., *Civilização contra Barbárie*, p.162.

Em torno de sua figura, paira um misto de lenda e realidade, mas a maioria dos historiadores paraguaios tem opiniões semelhantes e a registra como uma vítima de Solano Lopes, que a julgou como conspiradora e decretou sua morte por lanceamento:

No obstante, Pancha Garmendia – fue ajusticiada com lanza en Arroyo Guazú el 11 de diciembre de 1869. Con 40 años de edad. Es difícil creer que López, hombre de mucha voluntad, haya ordenado esta ejecución en represalia contra una pobre mujer que ya no era más que una sombra de si misma vencida por el infortunio.²¹

A historiografia paraguaia registra que a morte de Pancha Garmendia é um dos mais tristes e obscuros capítulos da história paraguaia. Mulher de rara beleza, foi musa inspiradora de poetas, como pode ser visto num poema, escrito, possivelmente, em 1850, atribuído ao Marechal Francisco Solano López:²²

A Pancha Garmendia

Tu eres de mi amor asiento,
bella gloria, dulce encanto,
a quien mi amoroso llanto
rendidamente presento.
Tan solo decirte intento,
quien sin ser tuyo, concibo,
seré dichoso por cierto, y,
aunque amor me tiene muerto,
tu, eres gloria por quien vivo.

En contínua adoración,
fija se halla el alma mía,
pues, hoy es idolatría,
lo que ayer era pasión.
Angustiado el corazón,
sufro, pero con decoro,
y, aunque el porvenir ignoro,
siendo verdadero amante:
tú eres por quien gimo y lloro.

Si alguna vez alcanzara
a coronarme de rey,
mandaría que, por ley,
por reina te proclamaran.
Diamantes, perlas y oro,
tú eres mi único tesoro,
en quien mi esperanza fundo,
pues, en lo que encierra al mundo,
tú eres el ángel que adoro.

²¹ ALCALA, G., *Residentas, Destinadas y Traidoras*, p.15.

²² ROMERO, R. A., *Pancha Garmendia y Francisco Solano Lopez: Leyenda y realidad*, p.12.

De tu singular belleza,
del imán de tu hermosura,
pende mi suerte futura,
si le das giro a mi empresa.
Pues, siendo tu gentileza,
el móvil por quien yo vivo,
me otorgarás un recibo
que acredite mi lealtad,
ya que tú eres la deidad
por quien me encuentro cautivo.

Outra *destinada*, a francesa Dorotea Duprat de Lasserre, 25 anos, foi enviada à localidade de Yhú, e depois a Espadín, uma espécie de campo para trabalhos forçados que se encontra, atualmente, em território brasileiro, perto do encontro das cordilheiras de Amambay e Mbaracayú, porque seu pai, irmão e esposo haviam sido executados como réus políticos no processo de São Fernando. Ela escreveu um impressionante relato de seus dias de cativo e demonstrou sua imensa indignação:

El 25 de diciembre de 1868 las señoras desterradas á morir de hambre por *orden* de López, han sidos salvadas por el ejército brasileiro. Yo soy una de ellas; vivo, escribo, pero aun non cabe en mi mente como es que puedo hablar de las crueldades y sufrimientos de que hemos sido víctimas.

Cayó una lluvia espantosa: estaba con un dolor terrible de muelas, nos mojamos en grande, amanecimos sin un mate de yerba que tomar, ni un bocado de algo que comer; eran ya las doce, llovía siempre, ya teníamos verdadera hambre, la sirvienta de la señora da Leite estaba en un estado deplorable de languidez, cuando de repente abortó una burra de la señora; yo les dije que en Francia se comía burro, y que comiesen el aborto al momento. Se animaron y bajo una continua lluvia cocinaron esa carne ...yo cerré los ojos, pues había jurado vivir y comí ese alimento.²³

O segundo lugar pertence às *residentas*, heróicas mulheres cujos parentes estavam em bons termos com Lopes e que seguiam o exército pela convicção de que nele se corporificava a “nação”, tal como um rei que arrastava seus súditos fiéis em seu êxodo. Acompanhavam, sobretudo, seus filhos adolescentes, seus maridos, pais e irmãos, servindo como mão de obra para os mais diversos serviços. Esses dois grupos, responsáveis por toda a atividade agrícola, passaram todos os tipos de privações e quase foram exterminados, mas deixaram, para a posteridade, muitos relatos, que hoje pesquisados servem para elucidar um período histórico extremamente doloroso para os dois países.

²³ ALCALA, G., *Residentas, Destinadas y Traidoras*, p.5.

Vale, ainda, ressaltar que o Paraguai deu tratamento totalmente diferente a suas mulheres. A participação feminina na “Grande Guerra” foi intensa, dramática e bastante registrada. Embora fossem divididas em duas categorias distintas: *as residentes*, e *as destinadas*, em muitos momentos as trajetórias desses dois grupos se tocam, compartilhando sofrimentos e propiciando relações de compaixão mútua e de solidariedade, sendo que a diferença entre elas era mais aparente do que real, pois as unia um destino comum: a responsabilidade por todo o trabalho de retaguarda e a morte pela fome:

Esa mujer estuvo al lado del hombre en los combates; alentó al guerrero; asistió a los heridos en los hospitales, curándoles sus heridas; tomó al arado y labró la tierra; tejió y fabricó el uniforme de nuestros ejércitos; organozó comisiones encargadas de recaudar fondos para la guerra; se convirtió en obrera de todos los talleres, y en gesto heroico se despojó de sus joyas y alharas para ofrecerlas en aras de la patria.

Esa mujer es digna del bronce que perpetúe su memoria. A los cien años del sacrificio de todo su pueblo, creemos justo reconocimiento que la patria agradecida erija un monumento que inmortalice su nombre, simbolice la imagen de la mujer en la Historia del Paraguay.²⁴

Apesar disso, a historiografia paraguaia registra, com grande frequência, o nome e o papel desempenhado por essas mulheres. Entre os inúmeros exemplos, posso citar as reuniões realizadas pelas mulheres de Assunção, com o objetivo de angariar fundos para a guerra. Nessas reuniões, eram registradas nominalmente todas as participantes:

Por iniciativa de doña Escolástica Barrios de Gill, viuda del pro-hombre don Juan Andrés Gill, se reunieron unas treinta distinguidas damas con el fin de lograr tales objetivos.

Se realizó una asamblea ‘a la cual concurrieron todas las clases de la sociedad, porque la causa es de todas y todas sin excepción deben defenderla’.

[...] Luego hablaron las ‘Kyguá verá, las famosas mujeres del pueblo de las peinetas doradas’.

Con lo cual se dio por terminado este acto, y se procedió a la firma de la manera siguiente: Josefa Antonia Carrilo de Escalada, Escolástica Barrios de Gil, Ana Josefa Mora de Haedo...²⁵

²⁴ ANUARIO DEL INSTITUTO FEMININO DE INVESTIGACIONES HISTORICAS, p.10.

²⁵ KOSTIANOVSKY, O., *La mujer paraguaya: su participación en la Guerra Grande*, p.16.

Também é bastante evidenciada a participação das mulheres em combate, que traçam um perfil de coragem e bravura, no qual são equiparadas aos homens e tornadas tão perigosas como eles:

Una heroína apareció en esta ocasión: una mujer llamada Francisca Cabrera, al ver al enemigo avanzando tomó un cuchillo y seguida de sus hijos corrió a ocultarse en el monte. Rodeada de éstos, les dijo que todos morirían si eran cargados por el enemigo, pero ella les defendería con su cuchillo hasta morir y que después de muerta ella, el mayor de sus hijos tomaría el cuchillo y pelearía hasta el fin. Dijo a todos que el enemigo les querría llevar pero que prefiriesen morir.²⁶

Terminada a guerra contra a Tríplice Aliança, o Paraguai estava arrasado e reduzido a escombros, com imensa parte da população masculina morta ou desaparecida. Era chegada a hora da reconstrução nacional, e coube às *residentas* esse papel. Substituindo o homem, atuaram nas mais diversas atividades e, até hoje, são homenageadas como heroínas, fundamentais para o ressurgimento da nação paraguaia.

De fato, eram numerosas no Paraguai, mas raras no sul de Mato Grosso, por isso muitas imigraram, passando a constituir a grande maioria dos estrangeiros residentes em Corumbá.²⁷

²⁶ ALCALA, G., *Residentas, Destinadas y Traidoras*, p.66.

²⁷ MARIN, J., *O Acontecer e o “Desacontecer” da Romanização na Fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*, vol. 1, p.71.

1.2 AS MUITAS FACES DE ELISA LYNCH

Ao longo dos séculos XIX e XX, biógrafos, memorialistas e historiadores traçaram, com propósitos diferentes, perfis de Elisa Lynch, dando a ela um lugar de destaque no confronto conhecido como Guerra do Paraguai. O que me interessa, quando escrevo sobre a história de Madame Lynch, é, sobretudo, a tarefa de fazer mediações entre duas culturas, entre o passado e o presente, e de resgatar a trajetória de sua vida. Tentarei levantar esses perfis, efetuando uma leitura criteriosa nas diferentes obras, ainda que de cunho novelesco e pouco científico, o que não permite uma conclusão segura. Uma conclusão hipotética, que reúna os fragmentos numa explicação coerente, poderia ser a de que Elisa Lynch tornou-se mais bela e perfeita do que realmente teria sido. Esta é mais uma das funções do mito, quando ele se torna história, tal como demonstra Girardet:

É erradamente que se crê que o mito é sempre mentiroso. O mito torna-se história. Ele é o impulso psicológico, a inspiração ideal, que pode conduzir os homens para o bem ou para o mal, mas que lhes é de qualquer modo indispensável.²⁸

Portanto, discuto a construção e a consolidação do mito Elisa Lynch, tentando combinar uma abordagem cronológica com uma abordagem analítica. Ele foi construído num determinado contexto histórico, quando o Estado necessitou de auto-afirmação política, numa tentativa de moldar ou manipular a opinião pública, revelando facetas desconhecidas desse imaginário. Mostro como o corpo de retaguarda feminino apareceu em imaginários da época da guerra por meio de romances, cartas, livros oficiais, diários e narrativas, entre outros, e no período pós-guerra, quando começou a aparecer o mito Elisa Lynch.

A vida da irlandesa é analisada por nove testemunhas, isto é, quatro paraguaios, dois brasileiros, dois argentinos e a própria Elisa. Dentre os autores selecionados, estão os seguintes: Hector Florencio Varela (1870), Encarnación Bedoya (1865), Elisa Lynch (1875), Viriato Corrêa (1930), Hector Blomberg (1942), Arturo Bray (1957), Maria Concepcion Leyes de Chaves (1960), Luisa Ríos de Caldí (1977) e Fernando Baptista (1986).

Elisa Alicia Lynch, chamada simplesmente *La Madama*, pelos paraguaios da época, ao contrário de *La Señora*, a esposa do presidente Carlos Antonio López e mãe de Solano

²⁸ GIRARDET, Raoul, *Mitos e mitologías políticas*. p.13.

Lopes, foi a mulher mais famosa da história paraguaia até hoje, historiadores e romancistas do mundo inteiro procuram avaliá-la, escrevendo sobre ela, constantemente, em todo tipo de literatura. Sem dúvida, qualquer que seja o julgamento dos estudiosos interessados em sua vida, seu caráter e sua atuação, não se pode negar sua influência na história tanto social como política do Paraguai. Nasceu, segundo declarações próprias²⁹, em 1835, na ilha irlandesa de Corck, de uma família de classe média:

... de padres honorables y pudientes, pertenecientes á una familia irlandesa, que contaba por parte de padre dos obispos y mas de setenta magistrados, y por parte de madre un Vice-Almirante de marina inglesa y que tuvo la honra de combatir con quatro de sus hermanos bajo las órdenes de Nelson en las batallas del Nilo y Trafalgar. Todos mis tios fueron oficiales en la marina ó ejército inglés. Mis primos lo son hoy, y varios otros de mis parientes ocupan altas posiciones en Irlanda.³⁰

Ela registrou sua família como respeitável e importante, enfatizando a presença dos militares ingleses e o local de seu nascimento. Com 15 anos, casou-se com um médico militar francês, Xavier de Quatrefages, e mudou-se para a Argélia. Voltou a Paris em 1853, onde conheceu Francisco Solano López. Já havia, então, se separado do marido. Os primeiros quinze anos de Elisa Lynch são bastante polêmicos e controversos; os autores que escreveram sobre ela não se apóiam em documentos científicos, preferindo biografias romanceadas e de difícil comprovação. Em *Esposicion y Protesta*, de 1875, demonstrou uma aguçada capacidade de defesa, provavelmente tentando construir uma imagem que a beneficiasse diante de um mundo hostil que procurava dar nomes aos causadores da destruição do país, usando a obra como estratégia de resistência e recurso de sobrevivência. A maioria das biografias, a despeito da sincera boa vontade do autor, sejam meticulosamente exatas ou não, sempre escondem alguns assuntos, enquanto revelam outros.

Em 1855, Elisa Lynch chegou a Buenos Aires, onde nasceu seu primeiro filho com Solano López e, no mesmo ano, mudou-se para Assunção. Depois, teve mais cinco filhos com o Marechal, mas este e Elisa mantinham casas separadas, devido ao clima moral da época e porque ela não podia se casar. Permaneceu no Paraguai por 15 anos, até o final da guerra, em 1870, quando caiu prisioneira das tropas brasileiras em Cerro Corá.

²⁹ LYNCH, E., *Esposicion y Protesta*, p.291.

³⁰ LYNCH, E., *Esposicion y Protesta*, p.7.

Faço um exercício de análise documental, utilizando, na medida do possível, as concepções de Girardet e uma metodologia de trabalho vinculada a um corpo teórico, no caso, o que diz respeito à construção do mito político. Para o citado autor, o mito político inscreve-se na história do nosso tempo, podendo ser visto como “fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real”³¹. No que diz respeito a Elisa Lynch, trata-se, sem dúvida, de uma fabulação, provocando, por vezes, ao que tudo indica, a deformação do real.

A chegada de uma elegante européia, trazida de um continente distante pelo filho do presidente, conhecido por todos pelas várias amantes e filhos ilegítimos, provocou um escândalo e despertou a curiosidade de todos os paraguaios, durante toda a sua permanência no Paraguai. A preocupação com “os outros”, “os de fora”, não é um fenômeno dos tempos modernos, mas, comum nas sociedades, sejam elas antigas ou modernas, despertando manifestações de intolerância diante do “outro”, do “diferente”. Em torno de Elisa Alicia Lynch, girou por muitos anos “...a política do Paraguai. Inteligente, relativamente culta, ambiciosa, astuta, a sua vontade habilmente dissimulada conseguira impor-se sem violências ao homem que não admitia que ninguém o contrariasse.”³²

A maioria das biografias que se publicou sobre essa controvertida mulher tem um caráter novelesco, inclusive aquelas que alegam basear-se em intensivas pesquisas. A primeira dessas fictícias memórias que se conhece até o momento, escrita em 1870, no final da guerra, pelo jornalista argentino, Hector Florencio Varela, que escreveu sob o pseudônimo “Orion”, relata um episódio de difícil comprovação, mas é provável que a atmosfera hostil e de tensão constante que descreve tenha sido autêntica. Com um grupo de mais ou menos vinte pessoas, Varela empreendeu uma excursão de barco a uma das primeiras colônias estrangeiras no Paraguai, Nueva Burdeos. Assim descreveu a jornada:

Haría una hora que estábamos en camino, cuando, sin que nadie sospechase en sorpresa semejante, se vió salir de la cámara del vapor, a madama Lynch.
El capitán Mesa y demás oficiales, al verla presentarse en la cubierta [...] saludándola cual se fuera una soberana.
Si no lo era en el sentido que la palabra tiene [...] era, sin disputa, la soberana de la hermosura
Elisa estaba realmente tentadora.
Su traje era de la más esmerada elegancia.[...]

³¹ GIRARDET, R., *Mitos e mitologias políticas*, p.13.

³² COLLOR, L., *No Centenario de Solano Lopes*, p.85.

Al subir, Elisa paseó una mirada tierna y expresiva por todas las personas que componían la comitiva: saludó con cierta coquetería, y fué a sentarse a un sillón aque se le tenía reservado, sin duda[...].

La porteña que con nosotros iba, se puso fuera de sí.

En estos casos, nuestras damas no transigen: son implacáveis.

-Si hubiera sabido que esta malvada venía, yo me habría guardado bien de venir – dijo con enfado. Es una insolencia que la inglesa venga haciendo alarde de ser una prostituída. Yo ni la he de mirar durante todo el camino.

En vano algunos de mis compañeros y yo tratamos de disuadirla en cuanto a la exageración de su dureza, haciéndole comprender que estábamos todavía en

Inútil tarea !

La argentina como la señora de Bermejo era intransigente, considerando como una traición a sus principios.[...]

Esta, por el contrario, viva, perspicaz, intencionada, y sobre todo, apercibida inmediatamente de la situación, no tardó en ponerse en campaña con el conocido intento de acercarse a nuestra compañera, y entablar conversación con ella.³³

O escritor, também argentino, Hector Pedro Blomberg, cuja mãe era sobrinha de Solano López, um dos poucos que comentou a versão autobiográfica de Lynch, escreveu, em 1942, *La Dama del Paraguay*, tentando lançar luzes sobre a irlandesa, setenta e dois anos depois. Como Varela, Blomberg lançou o mito da mulher fatal transplatina, mas, apesar disso, começou sua obra criticando o outro autor, descrevendo-o como um “fugoso y romántico escritor de 23 años” :

Se há fantaseado mucho sobre los amores de Elisa Lynch. Hector F. Varela, que visitó a la bella irlandesa en Asunción al año de haber llegado ella al Paraguay, publicó años después en Buenos Aires su obra célebre, un intento de biografía novelada en la que traza un retrato físico tan exacto como es falso el retrato moral de la misma, a quien atribuye confesiones tan peregrinas como inesperadas.³⁴

Porém, não eram somente as estrangeiras que se mantinham muito reservadas diante da companheira de Lopéz. Isto ocorria, também, com a maioria das paraguaias dos grupos privilegiados. Tanto em Varela como nas *Memórias de Encarnación Bedoya*³⁵, entre outros, percebi, claramente, que a rejeição dessas mulheres à “la Lynch” não se devia ao fato dela ser estrangeira, como muitos apologistas queriam fazer crer, nem a inveja que algumas poucas distintas e elegantes senhoras tinham, como outros biógrafos (masculinos) pensavam. Tudo leva a crer que o repúdio e indignação moral dessas mulheres, muitas vezes dissimulados,

³³ VARELA, E., *Elisa Lynch*, p.291.

³⁴ BLOMBERG, P., *La Dama del Paraguay*, p.17.

³⁵ POTTHAST-JUTKEIT, B., “*Paraiso de Mahoma*” o “*País de las mujeres*”?, p.225.

tinham íntima relação com a instituição do *matrimônio*, considerado indissolúvel no Paraguai da segunda metade do século XIX.

As *Memórias* da senhora Bedoya, consideradas uma fonte extraordinária, é um dos poucos relatos paraguaios autênticos e, sobretudo, absolutamente o único conhecido até agora, dessa época, escrito por uma mulher. Ela deixou um relato sobre o desejo de Elisa Lynch pertencer à sociedade local:

El año siguiente en julio le dijo la Lynch a una señora de la amistad de ella que proponga que las familias de la Capital hagan una visita al presidente Lopez de casa de este a casa de su madre, y de allí a casa del hno del tirano Venancio Lopez y por último a casa de esa muger inicua la Lynchi, que para esto no mas fué que la Sra.[...] propuso la visita, un pavo Sr. dijo que era el primer pensamiento de Doña Fulana y mi tio Saturnino que andaba queriendo casarse con la hna de Lopez dijo a Dolores Jovellanos y a mi padre que tomemos un coche (que muchos habían en alquiler) y Dolores y yo fuimos en uno que alquilamos, las dos eramos sobrinas de ese Saturnino Bedoya, fuimos esa noche primero a casa de Lopez, despues a casa de la madre y de allí a casa de la Linchi y antes de ir a casa de la madre del tirano subió en nuestro coche Manuel Gondra [...] que me dijo: Conque fin será este paseo, yo lo dije: va ver Ud el fin que tiene esto. Llegamos pues a casa de esa desgraciada muger que abandonó al marido que era un militar de alto grado que era de apellido Quatrefage, que mientras este fué en comición el año 1855, que Lopez estuvo en Paris, y asistió a un baile en el que ella estuvo también, allí se conocieron y se arreglaron y ya vino con él. Aquí Don Carlos [=C.A.Lopez, B.P.] les dijo a su esposa y sus hijas: ahí viene Pancho com su Hembra, espero pues que esa mala muger no pisará los humbrales de esta casa. Estuvimos como digo, en la noche del 24 de julio [el cumpleaños de F.S.Lopez, B.P.] en casa de ella que vivia donde es el Colegio Nacional, nos esperaba ella con un ambigú esplendido pero un momento no mas estuvimos, y cuando nos levantamos todas las familias que fuimos que eramos muchas, cuantos eran los coches que había en alquiler, nos dijo ella: que pronto se retiran, se puso en la puerta por la que teniamos que salir y ofreció su casa y su amistad a todas las de la visita: todas les dimos no más las gracias, no les dijimos que la visitaríamos que habiamos de visitar a semejante muger bien, cuando subimos en el coche subió tambien Gondra y le dije: ya ve Ud. para que fué esta visita, es buscando tener relaciones com las principales familias, y como no consiguió lo que quisieron ella y el tirano se vengaron bien de ellas que las mandó desterradas al Pueblo de Yhû despues que mató a sus esposos.³⁶

Do mesmo modo que este relato mostra a rejeição e arrogância moral das famílias mais privilegiadas, em Varela observo a atração que Elisa Lynch – apesar de algumas reservas – exercia sobre os homens. Mesmo seus maiores críticos reconheciam sua beleza extraordinária, formação e inteligência, que não somente aumentava sua influência sobre Solano Lopez, como também a transformava numa anfitriã de todos os estrangeiros residentes em Assunção. O fausto e o poder que a cercavam eram uma parte de seu poder. Os diplomatas,

³⁶ POTTHAST-JUTKEIT, B., “*Paraíso de Mahoma*” o “*País de las mujeres*”? , p.226.

homens de negócios, entre outros, encontravam nela algo de sua antiga pátria. Esta circunstância tinha uma importância política, especialmente depois que Francisco Solano Lopez sucedeu a seu pai. Solano não se opunha à inclinação de sua companheira pela vida luxuosa; muito pelo contrário, transmitia seus pedidos a exportadores londrinos e parisienses e a ajudava a adquirir bens imóveis de propriedade do Estado em condições francamente vantajosas. Na casa de Madame Lynch, em Assunção, de acordo com a maior parte de seus biógrafos, podia-se admirar telas caras, o melhor champanhe, as últimas revistas da moda, os tecidos importados, que impunham uma nova moda às mulheres da elite. Os relatos dos viajantes estrangeiros, que por várias razões percorriam o mundo, são valiosos para se visualizar uma época, permitindo se conhecer uma parte da vida íntima de Elisa Lynch e do país. Assim é que o comerciante Van-Halle deixou registradas algumas impressões bastante interessantes:

Ao meio dia passava revista as tropas, em frente ao velho palácio de seu pae. Depois da revista S. Ex. concedia audiencia aos seus numerosos solicitadores. S. Ex. tratava de tudo: política, commercio, clero, tudo lhe passava pelas mãos. O commercio era quasi todo d'elle, a Sra. Lynch também tinha interesse no pequeno commercio, emprestando dinheiro a 12%. Entre os dous estava todo o monopolio do commercio no paiz.

A Sra. Lynch a tudo admirava: as ricas fazendas de seda e setim, vestidos de tartalana com fio de ouro, chales da China e de cachemira, rendas e bordado.³⁷

Do mesmo modo, esse relato, outorgando a Elysa Lynch o papel de inovadora de costumes, pode ter sido outra razão importante para a antipatia contra a irlandesa, que sempre foi vista com suspeita durante todo o tempo de sua permanência no Paraguai. Cinco anos após a biografia de Héctor Varela, ela procurou refutar, em sua obra, algumas observações de seus pretensos biógrafos:

Largo tiempo he guardado un silencio profundo, á pesar de haber sido mi nombre explotado durante seis años por enemigos de causa, por personas que buscaban un lucro escribiendo folletos y libros que revestian de escenas espantosas, presentandome como el tipo de la prostitucion y del escándalo, y como á una de esas fieras humanas que se complacen y deleitan en el esterminio de la sociedad.³⁸

³⁷ VAN HALLE, J., *Lopez: viagem ao Paraguai; episódios da vida íntima do exditador e de sua favorita Elisa Lynch*, p.14.

³⁸ LYNCH, E., *Exposicion y Protesta*, p.3.

Trata-se de um texto importante, porque é a maneira pela qual Elisa Lynch gostaria de ser lembrada. Em um texto prévio, no entanto, o tom que prevalece é o de auto defesa, diante do que ela via como injúria: “necesito anticiparme en algunos hechos, tomados del libro que publicaré mas tarde sobre mi vida y los acontecimientos á que sido ligada”.³⁹ Ao que tudo indica, ela jamais publicou um livro, ficando, portanto, sua defesa restrita a este texto prévio. Durante muitas décadas depois da guerra, somente sua própria voz elevou-se em sua defesa, talvez pelo fato das inúmeras acusações que recebeu sobre a posse ilegal de bens particulares e do Estado:

Nada tengo ni poseo ajeno, y solo mi posición de extranjera, de prisionera y de desamparada, basta para que muchos quieran aprovecharse de la ocasión procurando perjudicarme en cuanto esté a su alcance⁴⁰.

De fato, Elisa Lynch teve que enfrentar, sozinha, uma acusação criminal, ordenada pelo governo provisório, em 23 de fevereiro de 1870, e publicada no *El Pueblo*, um diário político, comercial e literário em Assunção:

Acusacion Criminal de Elisa Alicia Linch

Edicto

Por disposicion del Sr. Juiz de primera Instancia en lo criminal y encargado interinamente del de lo Civil y Comercial D. Bernardino B. Wamosy, se cita, llama y emplaza á Elisa Alicia Lynch, de nacion inglesa, ausente, para que en el termino de cuatro meses a contar de la fecha compareza ante el juzgado de S.S. y escribanía a mi cargo, à contestar a la acusación criminal, que en cumplimiento de sancionado por el Congreso Nacional, promueve D. Jose Garcia Picos nombrado Abogado ad hoc, por haber robado dineros del Tesoro Nacional, felonía despojada y estorguida la fortuna, dinero y alharas de los hijos de la Nación y extranjeros y como complice adulteria en los asesinato y torturas, praticados por el finado Ex Presidente Francisco Solano Lopez; bajo apercibimiento de no comparecer en el termino designado, se procederá en su rebeldía, y se pasará los perjuicios à que hubiere lugar por derecho.

Asuncion, Noviembre 24 de 1871

Hilario Amarilla

Escribano de lo Criminal⁴¹

Na Guerra do Paraguai, os personagens mais significativos não têm merecido estudos recentes; mesmo assim, ganham referências de acordo com a época e a postura ideológica dos

³⁹ LYNCH, E., *Esposicion y Protesta*, p.6.

⁴⁰ LYNCH, E., *Esposicion y Protesta*, p.12.

⁴¹ ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATI. Ofícios Recebidos. Assunção. 1855-1881.

autores. É o caso de Solano Lopes e, em menor grau, o de Elisa Lynch, porque, na verdade, há um silêncio em torno de ambos, na medida em que os historiadores contemporâneos não se têm ocupado dessas personagens.

Em 1957, Arturo Bray dedicou a Lynch um capítulo de seu livro “Hombres y épocas del Paraguay”, nitidamente masculino, no qual citou importantes personalidades do século XVI até o século XX. Fundamenta a inclusão de Elisa Lynch do seguinte modo:

Elisa Alicia non fue un hombre ni encarnó por sus propios fueros una época del Paraguay, pero su recia estampa de mujer se halla íntima e irremisiblemente vinculada a la memoria del más señero y discutido protagonista de aquél drama de América, al parecer irreparable, que se conoce, con el nombre de Guerra de la Tríplice Alianza. Biografías noveladas, semblanzas más o menos ajustadas a la verdad y aun piezas de teatro – sin contar libelos emponzoñados como mordeduras de alacrán – han pretendido cincelar el carácter y personalidad de la irlandesa, mas quasi siempre con brochazos de prejuicios atávicos y torbellino de leyendas, cuando no haciéndola instigadora y cómplice de los errores y horrores, reales o imaginarios, que enmarcan con tonalidades sombrías la figura de Francisco Solano Lopez.⁴²

A posterior revisão da vida de Elisa Lynch, no processo de reabilitação e heroicidade de seu companheiro, converteu-se em ideologia oficial, na ditadura de Alfredo Stroessner, quando o mito foi resgatado, chegando até à apoteose. A interpretação – ainda hoje – oficial de seu papel, influída por aquela revisão, reflete-se, entre outras, no Dicionario de la Mujer Guaraní de Luisa Ríos de Caldí, do ano de 1977, que anotou:

Nació en Cork (Irlanda) en 1835. Su nombre está íntimamente ligado a nuestra historia por cuanto fue la compañera amorosa, fiel y abnegada de nuestro Heroe Epónimo, a quien acompañó siempre hasta llegar al Gólgota de nuestro martirologio. Mujer de alma con temple de acero: venciendo penurias, fatigas y los prejuicios propios de su época, al lado del gran amor de su vida, hizo la Vía-Crucis al igual que otras tantas heroínas del glorioso cuadro de la Residenta. Cuando el 5 de marzo de 1865 el Congreso Nacional declaró la guerra al Brasil, el mismo día ella donó al gobierno la décima parte de sus joyas. Además, se declaró ciudadana paraguaya, y durante aquellos cinco años de terrible guerra asistió a los heridos y enfermos con ternura maternal.

En Cerro Corá recibió en sus brazos el cadáver de su hijo, el Coronel Panchito López quien al ser intimado a rendirse respondió: ‘Un Coronel paraguayo muere pero non se rinde’. Después que fue masacrado el último resto de nuestro ejército, en *compañía* del Mariscal y todo su Estado Mayor, Elisa Lynch se abocó a la triste tarea de dar piadosa sepultura, tanto a su amado como al fruto de sus amores. Esta mujer, que amó a su patria de adopción como a la suya propia, falleció en Paris (Francia) el 25 de julio de 1886, a las 16 horas.

Sus restos fueron repatriados durante el gobierno del General de Ejército *don* Alfredo Stroessner, siendo depositada la urna que guarda sus cenizas en un lugar de

⁴² BRAY, A., *Hombres y épocas del Paraguay*, p.101.

privilegio del Ministerio de Defensa Nacional bajo la custodia del glorioso ejército paraguayense mientras se prepara un mausoleo digno de ella. Hoy, con todos los honores correspondientes a tan ilustre dama, el Superior Gobierno depositó la misma urna en la Recoleta en un mausoleo costado por el gobierno paraguayense.⁴³

Alfredo Stroessner Matiauda⁴⁴, no poder no Paraguai, de 1954 a 1989, durante o processo interno de consolidação da ditadura faz uso do discurso para convencer o povo paraguaio de que viera para salvar o país de suas constantes lutas internas. Como todo discurso revela a existência de graus de persuasão, alguns mais ou menos visíveis, outros mais ou menos mascarados, Stroessner vale-se dos dois; num país cuja principal característica era a instabilidade política e o atraso econômico, a promessa de paz e progresso tinha, sem dúvida, um efeito avassalador, especialmente entre as camadas mais humildes da população. Seus discursos despertavam, no povo paraguaio, o velho sonho de construir a “grandeza da Pátria” e, para isso, resgatou a memória dos grandes heróis nacionais, principalmente a de Solano López, transformando-os em mitos. Ao mesmo tempo, procurava comparar-se a eles, buscando associar seu próprio nome e imagem àqueles que eram venerados. Nessa parte, Roland Barthes foi um guia seguro, pois ensinou-me que “os homens não mantêm com o mito relações de verdade, mas sim de utilização: despolitizam segundo as suas necessidades”.⁴⁵

Os autores brasileiros que fizeram menção a Elisa Lynch oscilam entre o amor e o ódio, levando-se em conta, é claro, o momento em que suas obras foram escritas e divulgadas. Exemplifico esta problemática com o texto do brasileiro Viriato Corrêa, que, em 1930, a descreveu nos seguintes termos:

Nela tudo esplende e fascina. O cabelo, de um ruivo acastanhado, fulge em tonalidades tão cálidas, que só ela o deve ter tão belo. É alta, esbelta, olímpica, com os olhos de um azul insondável. O colo magnífico, a voz puríssima, e é, além disso, culta, inteligente, espiritual. Conhece tudo que é belo e grande no mundo, com um sentido admirável de elegância, conforto e bom gosto, que lhe dão um realce surpreendente. Lynch encarna o contraste racial [...] mas, entre os dois, os contrastes eram violentos demais. Havia as incompatibilidades de raça. Para Elisa, Solano

⁴³ RIOS, C., *Diccionario de la Mujer Guaraní*.

⁴⁴ Nos países de língua hispânica, o nome paterno precede o nome materno.

⁴⁵ BARTHES, R., *Mitologias*, p.164.

López nunca podia ter passado de um bárbaro que ela explorava porque tinha que explorar.⁴⁶

O economista e jornalista gaúcho Fernando Batista, em 1986, pretendeu ultrapassar os limites de uma biografia e, apesar de afirmar que seus relatos se apoiavam em minuciosas pesquisas, seu livro parece mais um roteiro cinematográfico, cheio de lances melodramáticos. Exemplifico:

Elisa assistia impaciente aos lances sensacionais da grandiosa investida, por meio de telescópios assestados no alto dum mangrullo mascarado com ramagens, sob a turbulência do bombardeio incessante. Não podendo resistir à atração que sobre ela exercia o formidável espetáculo, de repente desceu a escada, montou o alazão, passou a jugular do boné por baixo do queixo, e toca-se a toda brida para Curupaity, sem nada transmitir ao amante, que despacha ordens telegráficas e recebe comunicados da frente, em guarani, para não serem decifrados pelos aliados. À medida que se aproxima do valão transfundido numa imensa cratera, granadas explodiam ao seu redor assustando-lhe o cavalo, que negaceava mastigando o freio, relinchando e tentando empinar-se. Boa cavaleira que era, domina o corcel a chicotaços e segue em frente, arriscando-se a morrer ou cair prisioneira da soldadesca aliada prestes a tomar a trincheira, e que a considerava principal causadora dessa campanha cheia de sacrifícios, que nunca terminava.⁴⁷

Enfatizei alguns relatos sobre Elisa Lynch, o que já me permitiu vê-la como uma mulher de muitas faces. Será difícil saber como foi, realmente, a verdadeira Elisa Lynch, mas esse exercício historiográfico torna-se imprescindível. Sua história sempre fascinou várias gerações e se mantém atravessando os séculos; sua imagem de mulher fatal e contestadora de convenções, que atravessou o mundo para acompanhar um amor, é usada pela literatura poética como fonte inspiradora até de poetas contemporâneos, como observei no poema:

MADAME LYNCH

Por que me condenam?
Porque fui adúltera?
Segui um homem,
Uma aventura,
Para um continente morno e desconhecido?

Por que me condenam?
Pela minha beleza,
Meus olhos azuis,

⁴⁶ CORRÊA, V., *O Brasil dos meus avós*, p.167.

⁴⁷ BAPTISTA, F., *Elisa Lynch: Mulher do mundo e da guerra*, p.310.

Meus cabelos de fogo
Onde refulgem tiaras de princesa?

Por que me condenam?
Porque entregam meus lamentos ao piano,
Meu riso rola as escadarias
E meus punhos frágeis cintilam de pedrarias?

Por que me condenam?
Porque amo o patético Paraguai,
As águas do lago Ipacaraí,
As estâncias forradas de nardos e jasmims-do-cabo?

Poe que me condenam?
Porque não tenho paixões difusas,
Sou fiel a um companheiro
E aos frutos gerados entre fogos e líquens?

Por que me condenam?
Porque tenho gosto ao luxo,
Enfeito este pesadelo
Com lanternas mágicas,
Caixas de músicas
E licores de cereja?
Por que me condenam?
Como se eu fosse Maria Antonieta?
Ouço o rumor de metais,
O fragor de botas,
O marulhar do abismo.

Ó fidalgas agressivas,
Damas aristocráticas,
Cheias de orgulho e charutos,
Atirem suas pedras,
Já estou condenada!⁴⁸

Sem dúvida, Elisa Lynch jamais se viu dessa maneira, o que foi demonstrado através de *Exposicion e Protesta*. No Brasil, ela despertou o interesse da elite intelectual, como por exemplo, Baptista Pereira, que a definiu, em 1928, como “A Imperatriz Elisa: era a senhora de um povo sobre o qual tinha direito de vida e de morte”.⁴⁹

⁴⁸ NAVEIRA, R., *Guerra entre irmãos*: Poemas inspirados na Guerra do Paraguai, p.31.

⁴⁹ PEREIRA, B., *Civilização contra Barbárie*, p.70.

CAPÍTULO 2

PERFIS ESBOÇADOS

2.1 MATRIARCAS

A historiografia tradicional e alguns autores memorialistas como Taunay e Joaquim Francisco Lopes⁵⁰, o Sertanejo, entre outros, permitem constatar que o povoamento do sul de Mato Grosso se fez a partir da primeira metade do século XIX, quando essa região foi palco de um processo de expansão interna, com expropriação de terras indígenas e disputa de pioneiros por glebas imensas sem limites definidos. De fato, tocando rebanhos, trazendo famílias, escravos, instrumentos de trabalhos e objetos que possuíam em sua região de origem e que lhes poderiam ser úteis, caravanas de pioneiros de origem luso-brasileira atravessaram o rio Paranaíba, penetrando no sertão desconhecido e enfrentando os contingentes nativos, fizeram a guerra e se apropriaram de suas terras. Embora o desbravamento tenha sido obra de muitos, grande parte da historiografia corrente que trata do tema tem reservado a uns poucos a realização do gigantesco projeto, talvez por escassez de fontes ou por opção do próprio pesquisador. Poucos deixaram registros de suas passagens nessa região; os que o fizeram eram, geralmente, pessoas que ocupavam cargos públicos, chefes de famílias numerosas e politicamente influentes.

O processo migratório, nos trinta anos anteriores à Guerra do Paraguai, em território mato-grossense, deu-se através de duas correntes. Uma delas foi procedente do norte de Mato Grosso, de Cuiabá, decorrendo da crise política de 1834, que resultou num movimento armado conhecido como Rusga ou Revolução Cuiabana. Terminou com a morte ou fuga de dezenas de pessoas, que se deslocavam no sentido Norte-Sul, à procura de campos para a criação nos Pantanais, nos vales dos rios tributários do Baixo-Paraguai e, em parte, nos campos da Vacaria:

Documentadamente comprovado, um dos pioneiros do desbravamento das terras sulinas do baixo-Paraguai foi Brás Pereira Mendes, que se fixou, em 1834, nas cabeceiras do Rio Negro. Malquistara-se em Cuiabá a propósito da desordem da rusga, desinteligência sangrenta entre lusos e brasileiros. E descera para as terras do sul.⁵¹.

⁵⁰ Sobre a ocupação sul-matogrossense e o papel dos Lopes, um grande clã que migrara de Minas Gerais para Mato Grosso nos anos de 1830, ver João Lucidio, *Nos Confins do Império: um deserto de homens povoado por bois*. (A ocupação do planalto sul Mato Grosso 1830 –1870), p.77.

⁵¹ ALMEIDA, M., *Episódios Históricos da Formação Geográfica do Brasil*, p.228.

A outra onda de migrantes pioneiros procedeu, em grande parte, de Minas Gerais e de algumas regiões de São Paulo, como Franca, por exemplo, em direção Leste-Oeste até encontrar-se com os cuiabanos no vale do rio Miranda. A partir daí, espalhou-se até as margens dos rios Ivinhema, Iguatemi e Apa, atingindo o extremo sul de Mato Grosso e a fronteira com o Paraguai, motivada pelo entusiasmo com os extensos campos de criar:

Na região da Vacaria, os formosos campos de forragem nativa se alongaram a perder de vista, como um oceano verde de suaves ondulações, com pequenas manchas de capões de tonalidade mais acentuada, compondo uma paisagem de empolgante e serena beleza. No decurso de muitos anos êsses campos ficaram isolados do contato do civilizado.⁵²

No século seguinte ao descobrimento, os portugueses chamavam de sertão toda a terra que se estendia, desconhecida, diante do litoral, todo o território que se abria para além da costa onde aportavam com seus navios. Nos séculos XIX e parte do XX, o termo sertão continuou a designar grandes áreas do interior do território brasileiro, tanto aquelas áreas desconhecidas, como as pouco povoadas. Era a fronteira entre civilização e barbárie, dentro do próprio território nacional. Misterioso, mítico, inculto, deserto, longínquo, vazio. Ao longo do tempo, incontáveis colonizadores, aventureiros, senhores, mercadores, religiosos e criminosos, viveram da implantação de núcleos de povoamento, de coleta e extração de recursos naturais ou, mesmo, da instalação de núcleos de exploração econômica efetiva em terras do sul de Mato Grosso, o que significou confronto e, em muitos casos, extermínio total ou parcial de vários povos nativos. Devo acrescentar que, além do gentio bravio, a natureza, como matéria bruta a ser transformada, representava mais uma variante da violência cotidiana para esses pioneiros.

No século XIX, são numerosas e diversificadas as “visões do sertão”⁵³. Mas elas apresentam alguns pontos em comum, que são as referências das imagens do verde eterno das matas, da solidão e da grandiosidade apresentada por aquela região. Baixíssima densidade populacional e dimensão territorial excessiva. Solidão pelo afastamento da civilização e grandiosidade diante da natureza. A narrativa do Visconde de Taunay, cujos escritos sobre o

⁵² ALMEIDA, M., *Episódios Históricos da Formação Geográfica do Brasil*, p.227.

⁵³ O sertão, nas suas mais variadas interpretações, tanto para escritores nacionais como para viajantes estrangeiros, é analisado com maior profundidade em Lylia Galleti, *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*.

sul da província de Mato Grosso foram quase todos de memória, relatou com emoção a paisagem, o tipo triste das pessoas, a música, as doenças, os contratos de casamentos, a morte, a grandiosidade da natureza diante do sertanejo melancólico que tentava dominá-la. Em *Visões do Sertão*, com riqueza de detalhes e de forma poética, o escritor narrou aspectos importantes das condições de vida do sertanejo e da sua luta diante do deserto desconhecido.

Em *Derrotas pelos Sertões das Províncias de São Paulo, Minas e Mato Grosso*, de Joaquim Francisco Lopes, uma espécie de diário de viagem, datado de 1829 a 1841, o sertanista relatou suas incursões e penetrações pelas províncias, com riqueza de detalhes, e, também, as condições de vida no sertão, o que, para ele, significava uma busca de terras para se estabelecer e se fixar⁵⁴.

Preferencialmente enfocadas pela historiografia, e que deixaram registros ao se fixarem, dando origem a futuros povoados e, mais tarde, a sedes municipais, estão alguns grupos familiares que formaram os primeiros grandes clãs, como, entre outros, os Souza, Garcia Leal, Lopes, Barbosa e Pereira. Para o desenvolvimento deste trabalho, dois grupos serão melhores analisados: o primeiro deles, o dos Gonçalves Barbosa, representados por Antônio e Ignácio, procedentes de Franca, estado de São Paulo. Antônio, junto com toda a família, escravos, criações e bens móveis, chegou à região do rio Pardo em 1835, dando o nome de Sucuriú a sua posse. Dali seguiu, a convite do genro Gabriel Francisco Lopes, e se estabeleceu nos campos da Vacaria, onde fundou, a partir de 1836, as posses Boa Vista e Caçada Grande⁵⁵. Com a chegada dos outros irmãos e suas famílias, em 1842, inicia-se o processo de desbravamento da zona da Vacaria e de vários pontos da serra de Maracajú e planalto de Amambaí. Com prole numerosa, os Barbosa povoaram o sul de toda a Província, unindo-se com outros pioneiros, como os Lopes, através do casamento de Gabriel Francisco Lopes e Senhorinha Maria da Conceição Barbosa.

O segundo grupo analisado, necessário para a compreensão deste trabalho, os Lopes, procedia, segundo Mario Monteiro de Almeida, de Piunhi, em Minas Gerais. Por volta de 1820, o chefe do clã, Antonio Francisco Lopes, transferiu-se para a vila paulista de Franca, onde alguns de seus filhos constituíram suas próprias famílias. As informações sobre os Lopes

⁵⁴ ALMEIDA, M., *Episódios Históricos da Formação do Brasil*, p.234.

⁵⁵ BARBOSA, E., *Os Barbosa em Mato Grosso*, p.14.

são escassas, sendo registrados pela historiografia apenas Joaquim Francisco Lopes, o Sertanejo, Gabriel Francisco Lopes, desbravador dos sertões, que constituía posses para negócios e José Francisco Lopes, o Guia Lopes, vaqueano das tropas brasileiras na *Retirada da Laguna*, episódio da Guerra do Paraguai, imortalizado por Taunay.

Em 1846, Gabriel F. Lopes fundou, nas cabeceiras do Apa, hoje município de Bela Vista, uma posse de terras, onde se instalou com a esposa, três filhos e quatro escravos. Construiu duas casas, distantes uma da outra oito quilômetros, a que chamou Monjolinho e Retiro. Em 1849, foi assassinado por dois escravos.

Inserida nesse contexto, de sertão-barbárie, natureza primitiva, luta pela terra, fronteira internacional em litígio, com limites ainda móveis e enfrentando todos os tipos de adversidades impostas por uma situação pioneira, está uma daquelas raras mato-grossenses que povoaram essas terras e de quem ouvimos falar quando é lembrado o episódio Guerra do Paraguai, na medida em que há um completo silêncio das fontes em relação à presença feminina. Mais conhecida como D. Senhorinha – Rafaela Senhorinha Maria da Conceição Barbosa, filha de Antônio Gonçalves Barbosa, que era oriundo de Sabará, Minas Gerais, onde fora furriel⁵⁶, guarda do ouro da Coroa. Casada em primeiras núpcias com Gabriel Francisco Lopes, teve que enfrentar sozinha, logo após a morte do marido, a captura e prisão por uma patrulha militar paraguaia, em 18 de outubro de 1849, sob o comando do Capitão Ramos, que a levou, juntamente com seus três filhos menores, dois escravos e mais um grupo de pessoas, para o interior da República, e que tinha ordens de aprisionar todos os brasileiros que se estabelecessem em propriedades agrícolas nas zonas que o Paraguai pretendia incorporar a seu domínio.⁵⁷

O caso mais conhecido e registrado de brasileiros levados como prisioneiros é verificado através do documento enviado por Antônio Gonçalves Barbosa, pai de D. Senhorinha e Inspetor do Distrito da Vacaria (espécie de delegado), ao sub-delegado de Miranda, Joaquim P. da Veiga, exigindo providências para o caso do seqüestro, pelos paraguaios, de sua filha e família e outros brasileiros, perfazendo um total de vinte e duas pessoas:

⁵⁶ Patente das Forças Armadas no período monárquico, entre o cabo da esquadra e o segundo sargento. Corresponde, hoje, ao terceiro sargento.

⁵⁷ MENDONÇA, E., *Datas Mato-grossenses*, p.70.

Recebi o ofício que V. S. dirigiu-me e estou presente. A minha filha há mais de vinte dias que foi roubada com tôda a sua família e criação, só o carro conduzirão. Entendo também fora o meu genro, o filho do Exmo. Sr. Barão e seus camaradas. Creio que foram 22 pessoas que roubaram dos nossos.

Esbarrancado, 12 de novembro de 1850

Ilmo. Subdelegado Joaquim Paes da Veiga

Antônio G. Barbosa, Inspetor de Vacaria.⁵⁸

Por exigência do representante diplomático do Império em Assunção, Conselheiro Silva Paranhos, conhecido como Visconde do Rio Branco, foram libertados mais tarde, retornando ao Brasil, quando D. Senhorinha se casou, segundo o costume generalizado naquela época, com seu cunhado, José Francisco Lopes, que também tinha enviuvado, de Maria Pereira, deixando três filhos: José Francisco Lopes Junior, Teothonia e Ritta. Passou a residir na Fazenda Jardim, à margem do Rio Miranda.

A eclosão do confronto bélico com o Paraguai representou, para D. Senhorinha, uma nova prisão, no mês de agosto de 1864, juntamente com seus filhos, quando, ao lado de centenas de outros moradores da fronteira e, por isso mesmo, muito mais expostos às agruras de uma guerra, são internados como prisioneiros, como Frei Mariano, no interior da República, agora por um tempo e sofrimento muito maior.⁵⁹ O marido, José Francisco, ausente em Miranda, escapa de ser aprisionado, situação semelhante a sua primeira prisão, quando também se encontrava sozinha, sem a proteção do chefe da família. A incrível mobilidade masculina era, provavelmente, resultado da busca incessante por novas terras, deixando as mulheres, periodicamente, em estado de abandono. Essa segunda prisão é registrada por Taunay:

Quando, em 1865, irromperam os paraguaios em território brasileiro, conseguira escapar-lhes, mas único da família, que caíra toda em poder do inimigo e fora

⁵⁸ SOUZA, J., *Evolução Histórica do Sul Mato Grosso*, p.105.

⁵⁹ Fray Mariano de Bagnaia, vice prefecto de las misiones apostólicas en Mato Grosso, del 30.8.1869, quien junto con otros dos hermanos había sido llevado a Paraguay. Mientras que los otros dos monges habían sido asesinados, Fray Mariano sobrevivió la guerra en cautiverio paraguayo bajo condiciones indignas. POTTHAST-JUTKEIT, B., “*Paraíso de Mahoma*” o “*Pais de las mujeres*”?, p. 246; SPANZERLA, A., *A História de Frei Mariano de Bagnaia*, p.110.

transportada para a aldeia paraguaia de Horcheta, a sete léguas da cidade de Concepcion. Com ela ali vivia o coração do velho guia.⁶⁰

Taunay alega que foi por esse motivo que José Francisco decidiu servir de guia ao exército brasileiro, sempre na esperança de poder resgatar sua mulher, em meio a charcos e pântanos, na invasão malograda pelo norte:

... Por tôdas estas razões, nêle encontrou o Coronel Camisão apaixonado adepto. Desde que, dando-lhe a conhecer os seus projetos, acenou a José Francisco Lopes com o ensejo de, como guia da expedição, ir ter com a família e vingar-lhe os agravos, empolgou o espírito do sertanista brasileiro, que, apesar de todo o ardor, jamais perdeu, contudo, a perfeita intuição das conveniências.⁶¹

D. Senhorinha, seus filhos e escravos foram enviados, juntamente com outros prisioneiros brasileiros e estrangeiros (da região de Corumbá), para o interior do Paraguai, onde permaneceram por cinco anos. É possível que tenham conseguido sobreviver graças ao cultivo da agricultura de subsistência. Estes prisioneiros foram resgatados pelas tropas brasileiras em 1869, sem comida, roupas e sapatos. Outro prisioneiro que a historiografia memorialista registrou também foi resgatado, no dia 15 de agosto, em Caacupê:

Achámos muitos prisioneiros, nossos compatriotas. Entre elles, estava um frade capuchinho, Frei Mariano, que cahira nas mãos das forças de Barrios, na invasão de Matto-Grosso. Que diferença entre o sacerdote e os soldados! Àquelle, com o habito de burel muito gasto, mas com o corpo, bem fornido de suas carnes, alegre e risonho; os outros esqueleticos, macilentos e edemaciados parecendo terem perdido a lembrança do sorriso e com o corpo retalhado de cicatrises dos tagantes do fero Dictador.⁶²

Apesar do quadro de tensão na região do Prata e dos constantes alertas enviados pela correspondência diplomática em Assunção⁶³, e pelo Palácio do Governo da Província de Mato Grosso⁶⁴ ao governo imperial, na década de 60, de que existia, por parte do governo

⁶⁰ TAUNAY, A., *A Retirada da Laguna*, p.39.

⁶¹ TAUNAY, A., *A Retirada da Laguna*, p.40.

⁶² CERQUEIRA, D., *Reminiscencias da Campanha do Paraguay*, p.332.

⁶³ DORATIOTO, F., *Maldita Guerra*, p.98.

⁶⁴ RELATÓRIO do Presidente da Província de Mato Grosso Brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho, de 10 de outubro de 1864, p.6.

paraguaio, indícios evidentes de preparo para uma guerra, o Brasil achava-se totalmente indefeso e despreparado, a ponto de, seis meses depois de iniciada a luta, não ter conseguido tomar a ofensiva. A ocupação do Forte de Coimbra, em dezembro de 1864, e, no ano seguinte, das vilas de Corumbá, Dourados e Miranda, demonstrou, tanto para o Império como para a província, a fragilidade militar da fronteira meridional mato-grossense, o que foi constatado pelo abandono dessas pequenas vilas, as quais, com exceção de Dourados e, por pouco tempo, Coimbra, esboçaram uma pequena reação. Oficialmente, a guerra começou com a captura, pelos paraguaios, do navio Marquês de Olinda, a 11 de novembro de 1864, que levava a bordo o novo presidente da província de Mato Grosso, Coronel Frederico Carneiro de Campos. Entre desentendimentos e desencontros do governo local e a Corte, devidos, em parte, pela escassez de informações, e pela falta de verbas provenientes do centro para a província, a população civil mato-grossense encontrava-se totalmente indefesa, recaindo sobre ela todos os horrores que uma guerra acarretava.

De fato, quando se fala em guerra, tradicional esfera de poder exclusivamente masculino, nunca se pensa em mulheres e crianças, mas elas penetraram e atuaram num universo que não lhes pertencia. Na teoria, a guerra era um universo de homens, armas, cavalos, fome, doenças, mortes, etc. mas, na prática, as mulheres tiveram um papel na Grande Guerra, tanto as brasileiras como as paraguaias, formando um segmento significativo, na retaguarda e nunca passivo, como mães, esposas legítimas ou não, enfermeiras, prisioneiras escravas, fugitivas, etc., atuando nas mais diversas frentes de trabalho e enfrentando, junto com os homens, tudo o que uma guerra proporcionava. Mesmo que a escassez das fontes e o número pouco significativo de estudos que tratam da história social mato-grossense como um todo dificultem os trabalhos sobre o tema, cotejando-se os memorialistas com as pesquisas mais recentes, é possível avançar na história das mulheres que estiveram na Guerra do Paraguai.

No Arquivo Histórico do Itamarati, por meio da análise da documentação diplomática, emitida pelo Consulado Geral do Brasil, em Assunção, no dia 10 de dezembro de 1869, que relatava as despesas efetuadas com socorros prestados às famílias resgatadas pelo Exército Brasileiro, sob o comando do Brigadeiro Câmara, e que se encontravam prisioneiras dos paraguaios, no Distrito de Conceição, é possível conhecer diversas situações e momentos por que passaram mulheres e crianças, durante a guerra. As despesas, num total de 96 libras

esterlinas e quinze shillings, “foram sacadas contra o Tesouro Público Nacional e a favor de Pedro Pinheiro Guimarães”:

Consulado Geral do Brasil
Assumpção, 10 de Dezembro de 1869

Illmo. Exmo. Snr.

Levo ao conhecimento de V. Excia. que nesta data saço contra o Thesouro Publico Nacional e a favor de Pedro Pinheiro Guimarães a quantia noventa e seis libras esterlinas e quinze shillings, importância nesta data despendida por este Consulado com socorros prestados às famílias brasileiras, resgatadas no Districto de Conceição pelas forças sob o Commando do Brigadeiro Câmara, e rogo à V. Excia que se digne mandar honrar este saque

Ao S. Excia. O Snr. Conselheiro Barão de Cotegipe, Ministro e Secretario de Estudo dos Negócios da Marinha e interinamente dos Negócios Estrangeiros.

Tenho a honra de reiterar à V. Excia. As seguranças de meo respeito e distincta consideração.

Miguel Joaquim de Souza Machado.⁶⁵

Outro processo, bastante curioso, em que se pede indenização ao governo brasileiro, foi o de João José Monteiro, que relatou, com dramaticidade, os pormenores de seus padecimentos e perdas com a ocupação paraguaia, o aprisionamento de sua família e prisão no Paraguai, com informações detalhadas :

Illmo. Sr. Cônsul

Dis João José Monteiro, natural de Cuiabá, commerciante e proprietário em Corumbá, que tendo a desgraça de cair prisioneiro em poder do inimigo que invadio sua Província, bem como, sua mulher, dous filhos e duas escravas, foram todas conduzidas com o suplicante para esta Cidade. Aqui lhe forão tomadas as escravas para darem as famílias dos invasores (em cujo poder ellas ainda se achão) e sendo o suplicante enviado com sua família para diversos pontos do interior, foi depois mandado para Peribebuy, onde foi resgatado depois do combate do dia 12, cheio de miséria e gravemente enfermo, como V. Il. Não ignora, nem o Exmo. Sr. Conselheiro Paranhos, pois que ambos, por effeito de bondade, já tem honrado o suplicante com suas [ilegível] no leito da dor em que se acha com sua família.

Em tal estado, recorre o Suplicante a V. S^a para pedir-lhe o abono de trinta libras esterlinas por conta do Estado.

Assumpção, 4 de outubro de 1869.⁶⁶

⁶⁵ AHI. Consulado Brasileiro. Offícios Recebidos. Assunção. 1855-1881.

⁶⁶ AHI. Consulado Brasileiro. Offícios Recebidos. Assunção. 1855-1881.

Esses documentos, encontrados no Arquivo Histórico do Itamarati, num total de seis, elaborados pelo Quartel do Comando do Depósito de Recruta em Assunção, e datados dos dias 5 de novembro e 13 de dezembro de 1869,⁶⁷ permitem esclarecer muitas dúvidas a respeito dos moradores da fronteira mato-grossense. São relações que mencionam os primeiros socorros prestados às 146 pessoas resgatadas; dentre elas, encontramos D. Senhorinha e oito de seus familiares. Segundo o relatório do Major João Batista Barreto Leite, foi distribuído, além de peças para vestuário, como tecidos, chapéus, bonés de pressão e sapatos, todo o material necessário para a confecção de roupas, como agulhas, linhas, botões de madrepérola, colchetes e dedais, revelando que as próprias famílias confeccionavam suas vestimentas.

Esses documentos são profundamente enriquecedores para o estudo de um tema que, até hoje, somente alguns memorialistas relatavam, mas sem a comprovação necessária para um trabalho científico.

Não busco, ali, uma nova interpretação para um grande acontecimento. Minha preocupação é mostrar o duro cotidiano das pessoas comuns, em sua totalidade, mulheres e crianças, diante do inimigo e em um país estrangeiro; como conseguiram sobreviver aos horrores da guerra, em que estado estavam quando foram encontradas e quais suas necessidades mais imediatas. Através de uma análise criteriosa, posso inferir que as pessoas, após cinco anos de guerra e prisioneiras, encontravam-se doentes, desnudas e descalças, o que justificava a distribuição de tecidos e material para a confecção de roupas, sapatos e bonés, conforme consta da relação nº2⁶⁸. Para atender os resgatados, doentes e desnutridos, das famílias brasileiras e seus escravos, foi criada uma enfermaria provisória, no edifício Quartel de São Francisco, localizado no Depósito de Recruta. A relação nº 5⁶⁹ traz os nomes e as idades dos internos dessa enfermaria, uma observação com relação aos escravos (ilegível) e seus donos. No dia 13 de dezembro de 1869, encontravam-se internas 45 pessoas; entre elas, cinco parentes de D. Senhorinha: Maria do Carmo Lopes (30 anos), Rita Ramona Lopes (17 anos), Isabel Simão Lopes (16 anos), Fausta Felicíssima Lopes (13 anos) e Pedro José Lopes (12 anos).

⁶⁷ AHI. Consulado Brasileiro. Ofícios Recebidos. Assunção. 1855-1881.

⁶⁸ AHI. Consulado Brasileiro. Ofícios Recebidos. Assunção. 1855-1881.

⁶⁹ AHI. Consulado Brasileiro. Ofícios Recebidos. Assunção. 1855-1881.

Figura 9: Relação das Famílias da Provincia de Mato Grosso que se achavão prisioneiras dos inimigos, e que sendo resgatadas receberão pelo Consulado Brasileiro desta Republica os generos para seo vestuario, que vão abaixo declaradas.

N.º	Nomes	Annos de Idade	Chita	Murim	Algodão trançado e riscado	Baeta	Chapeos	Bonnes	Sapatos
1	Maria das Dores Ferreira	38	8 ½	4		2 ¼			/
2	Emerenciana Theresa do Espirito Santo	20	8 ½	4		2 ¼			/
3	Bernardina de Senna Pereira	19	8 ½	4		2 ¼			/
4	Maria Ritta da Conceição	17	8 ½	4		2 ¼			/
5	Maria Francisca	12	8	4		2			/
6	Maria Ritta	12	7	4		2			/
7	Belarmina das Dores	4	2	2		2			
8	Salviana Pereira da Roza	7		3	2	2		/	
9	Rupiana Candida do Espirito Santo	26	8 ½	4		2 ¼			/
10	Dario Ladario Mariano	6		2	2	2			
11	Antonio Ferreira	11		2	2 ¼	2		/	/
12	Maria Ignacia Zeferina	28	8 ½	4		2 ¼			/
13	Margarida Francisca Zeferina	28	8 ½	4		2 ¼			/
14	Maria Joana Zeferina	18	8 ½	4		2 ¼			/
15	Camilla Maria Zeferina	10	7	4		1 ¾			/
16	Justianno José de Souza	7		2	2	1 ½	/		/
17	Julio Jose de Souza	9		2	2 ¼	1 ½	/		
18	Maria Ignacia Ferreira	40	8 ½	4		2 ¼			/
19	Maria das Dores Ferreira	23	8 ½	4		2 ¼			/
20	Maria do Carmo Ferreira	18	8 ½	4		2 ¼			/
21	Mariana Ferreira	18	8 ½	4		2 ¼			/
22	Demenciana Ferreira	8	7 ½	4		2 ¼			
	Somma		75 ½	77	7	14			

N.º	Nomes	Annos de Idade	Chita	Murim	Algodão	Baeta	Chapeos	Bonnes	Sapatos
	Transporte		75 ½	77	7	14			
23	Viriato Ferreira	7		2 ½	2	2	/		
24	Pedro Gonçalves Ferreira	3			2	2			
25	Anna Silveria Zeferina	48	8 ½	4		2 ½			/
26	Perceliana Maria da Trindade	22	8 ½	4		2 ½			/
27	Mequelina Zeferina	20	8 ½	4		2 ½			/
28	Maria da Gloria	9	7 ½	3		2			/
29	Felicissima Zeferina	10	7 ½	3		2 ½			/
30	Polidonia Maria d'Arruda	28	8 ½	4		2 ¼			/
31	Francisco Ferreira	11		2		2 ¼		/	/
32	Joaquim Marcondes	7		3	2	2	/		
33	Floriana Maria	22	8 ½	4		2/4			/
34	Antonia Bernardino	20	8 ½	4		2 ¼			/
35	Maria Rita	7	5	2		2 ¼			
36	Maria Antonia Barbosa de Jesus	40	8 ½	4		2 ¼			/
37	Senhorinha Maria da Conceição	47	8 ½	4		2 ¼			/
38	Maria do Carmo Lopes	30	8 ½	4		2 ¼			/
39	Rita Romana Lopes	17	8 ½	4		2/4			/
40	Izabel Simão Lopes	16	8 ½	4		2 ¼			/
41	Fausta Felicissima Lopes	13	7	2 ½		2			/
42	João José Lopes	11		2	2/2	2	/		/
43	Pedro José Lopes	12		2	2 ½	1 ¼	/		/
44	José Francisco Lopes	7		2	2	1 ½	/		
45	Bernardo Francisco Lopes	5		2	2	1 ½			
46	Rita Tomasia Ferreira	17	8 ½	4		2 ½			/
47	Maria Ferreira	13	7	3		2			/
48	José Ferreira	8		2	2	1 ¾		/	
	Somma		74	76	14	28 ½			

N.º	Nomes	Annos de Idade	Chita	Murim	Algodão	Baeta	Chapeos	Bonnes	Sapatos
	Transporte		74	76	14	28 ½			
49	Maria de Jesus Ferreira	3	2	2		1 ¼			
50	Francisco Xavier de Souza	12		2 ½	2 ½	2		/	/
51	Maria Martins de Souza	10	6	2 ½		2			/
52	Margarida do Carmo Souza	8	5	2 ½		1 ¼			/
53	Etelvina do Carmo Souza	7	5	2 ½		1 ½			
54	Honorato Pedro de Souza	5		2	2	1 ½			
55	José Epiphania de Souza	3		2	2	1 ½			
56	Rufina Maria do Espirito Santo	70	8 ½	4		2 ¾			/
57	Antonia da Costa Conceição	40	8 ½	4		2 ¼			/
58	Maria Rita de Jesus	19	9	4		2 ¼			/
59	Antonia Maria	12	8 ½	3		1 ¼			/
60	Maria do Carmo	10	8 ½	3		1 ¼			/
61	Maria Luisa	50	8 ½	4		2 ¼			/
62	Maria Angelica	23	8 ½	4		¾			/
63	Joaquim Rodrigues	3		2	2	1 ½			
64	Joaquina Luisa	3	3	2		1 ¼			
65	Theotonia Joaquina	30	8 ½	4		2 ¼			/
66	Maria Joaquina	14	8 ½	4		2 ¼			/
67	Antonia Barboza	12	7	3		2 ¼			/
68	Zacarias Barboza	6		2	2	1 ¼			
69	Cesario Barboza	7		2	2	1 ¾	/		
70	Josepha Maria	40	8 ½	4		¾			/
71	Maria Terencia	30	8 ½	4		2 ¼			/
72	Rita Bueno da Silva	20	8 ½	4		2 ¼			/
73	Victalina Bueno da Silva	30	8 ½	4		2 ¼			/
74	Anna Luisa	30	8 ½	4		2 ¼			/
	Somma		89	75	11	10			

N.º	Nomes	Annos de Idade	Chita	Murim	Algodão	Baeta	Chapeos	Bonnes	Sapatos
	Transporte		89	75	11	10			
75	Francisca Maria Luisa	20	8 ½	4		2 ½			/
76	Maria José	12	8	3		1 ¾			/
77	Romana Motta	10	7	3		1 ½			/
78	Lucina Maria dos Santos	7	6	2		1 ¼			
79	Maria Martinha	7	6	2		1 ¼			
80	Ventura Henrique dos Santos	5		2	2	1 ¼		/	
81	Vicente Antonio	2		2	2				
82	Caetano de Pinho Vasconcellos	5		2	2	1 ¼			
83	Maria Elena	6	6	2		1 ¼			
84	Euzebio Campos da Silva	5		2	2	1 ¼			
85	Maximiana Maria do Espirito Santo	50	8 ½	4		2 ½			/
86	Mequelina de Souza	14	8 ½	4		2 ½			/
87	Candida Rodrigues	30	8 ½	4		2 ½			/
88	Victoria Tiburcio	20	8 ½	4		2 ½			/
89	Anna Maria	30	8 ½	4		2 ½			/
90	Manoel Germano do Espirito Santo	12		3	2	2 ½	/		/
91	Francisca Maria	40	8 ½	4		2 ¼			/
92	Maria Pinto	20	8 ½	4		2 ¼			/
93	Esmeria Maria	40	8 ½	4		2 ¼			/
94	Anna Maria	6	6	4		1 ¾			
95	Maria Margarida	3	4	2					
96	Aguida Maria	30	8 ½	4		2 ¼			/
97	Francisca Antonia	12	8 ½	4		2 ¼			/
98	Maria Custodia	30	8 ½	4		2 ½			/
99	Maria Juliana	25	8 ½	4		2 ¼			/
100	Maria da Crus	5	4 ½	2 ½	1 ¾				
	Somma		97	82	10 ¾	11 ½			

N.º	Nomes	Annos de Idade	Chita	Murim	Algodão	Baeta	Chapeos	Bonnes	Sapatos
	Transporte		97	82	10 ³ / ₄	11 ¹ / ₂			
101	Florencia Martinha	6	5	2 ¹ / ₂		1 ³ / ₄			
102	Anna Maria	20	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
103	Rita dos Passos de Jesus	20	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
104	Joanna Maria de Jesus	25	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
105	Joaquim Calisto	7		2	2	1 ¹ / ₄			
106	Anna Joaquina	13	8	4		2			/
107	Anna Vicencia	7	5	3		1 ³ / ₄			
108	Percelina dos Santos	8	6	3		1 ³ / ₄			
109	Sebastiana Maria do Espirito Santo	16	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
110	Barbara Maria Francisca	40	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
111	Domingas Mendes	40	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
112	Luisa Ribeiro	40	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
113	Joaquina Maria	22	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
114	Maria Rosa Barboza de Jesus	23	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
115	Maria Victoria Barboza	26	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
116	Francisca Barboza	20	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
117	Joana Barboza	27	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
118	Claudina Barboza	16	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
119	Torquato Barboza	13	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
120	Maria Geralda Barboza	6	5	2 ¹ / ₂		1 ¹ / ₄			
121	Anna Joaquina Barboza	20	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
122	Maria Lucinda Barboza	12	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
123	Miguel Francisco Barboza	6		2	2	1 ¹ / ₄			
124	Urbano Barboza	6		2	2	1 ¹ / ₄			
125	Theodosia Maria de Arruda	25	8 ¹ / ₂	4		2 ¹ / ₄			/
126	Carolina Maria da Crus	10	6	3		2			
	Somma		103	89	6	63 ³ / ₄			

N.º	Nomes	Annos de Idade	Chita	Murim	Algodão	Baeta	Chapeos	Bonnes	Sapatos
	Transporte		103	89	6	63 $\frac{3}{4}$			
127	Anna Gertrudes da Silva	30	8 $\frac{1}{2}$	4		2 $\frac{1}{4}$			/
128	Antonio Patrício	8		2	2	1 $\frac{2}{4}$		/	
129	Margarida Ferreira da Silva	9	6	3		2			
130	Maria Roza de Jesus	46	8 $\frac{1}{2}$	4		2 $\frac{1}{4}$			/
131	Candida d'Oliveira	26	8 $\frac{1}{2}$	4		2 $\frac{1}{4}$			/
132	Ludovina d'Oliveira	23	8 $\frac{1}{2}$	4		2 $\frac{1}{4}$			/
133	Feliciana d'Oliveira	18	8 $\frac{1}{2}$	4		2 $\frac{1}{4}$			/
134	Silveria d'Oliveira	16	8 $\frac{1}{2}$	4		2 $\frac{1}{4}$			/
135	Magdalena d'Oliveira	13	8	3		2 $\frac{1}{4}$			/
136	Anna d'Oliveira	6	4	2		1 $\frac{3}{4}$			
137	Ignocencia d'Oliveira	14	8 $\frac{1}{2}$	3		2 $\frac{1}{4}$			/
138	José d'Oliveira	9		2	2	1 $\frac{3}{4}$		/	
139	João d'Oliveira	5		2	2	1 $\frac{1}{4}$			
140	Emerenciana d'Oliveira	5	4	2		1 $\frac{1}{4}$			
141	Antonio de Oliveira	5	4	2		1 $\frac{1}{2}$			
142	Camilla de Oliveira	3		2	2	1 $\frac{1}{2}$			
143	Vicente de Oliveira	3		2	2	1 $\frac{1}{2}$			
144	João Chissostomo de Oliveira	5		2	2	1 $\frac{1}{2}$		/	
145	Baldoina Gonsalves Barboza	29	8 $\frac{1}{2}$	4		2 $\frac{1}{4}$			/
146	Maria Jacintha de Oliveira	20	8 $\frac{1}{2}$	4		2 $\frac{1}{2}$			/
	Somma		858	473 $\frac{1}{3}$	71 $\frac{1}{4}$	287 $\frac{3}{4}$	11	10	98

Alem dos artigos acima mencionados, isto é, oitocentas e cinqüenta e oito jardas de chita, quatrocentas e setenta e tres e meia jardas de murim, setenta e uma e uma quarta jarda de algodão trançado riscado, dusesentas e oitenta e sete e tres jardas de baeta vermelha superior, onze chapéos de velludo preto, dez bonnes de pressão forrados de seda e noventa e oito pares de sapatos de lona, receberão mais as ditas familias o seguinte: mil agulhas, duas libras de linhas em novellos, seis dusias de botões de madropello, seis ditas de dedais, seiscentas e quarenta pares de colxetes. Quartel do Commando do Deposito de Recruta em Assumpção, 5 de Novembro de 1869.

*João Batista Barreto Leite
Commandante do Deposito de Recrutas*

Certifico que os generos especificados na relação supra asignalada pelo Major João Baptista Barreto Leite, commandante do Deposito de Recruta, foram distribuídos pelos individuos mencionados na dita relação.

*Assumpção, 10 de dezembro de 1869
Miguel Joaquim de Souza Machado*

Fonte: Arquivo Histórico do Itamaraty.

No sistema cruel da escravidão, os escravos acompanhavam seus senhores e enfrentavam juntos os horrores da guerra e da prisão, sendo registrada a internação, na enfermaria, de um deles, pertencente à família Lopes.

Os maus tratos que estas pessoas sofreram, durante o tempo em que estiveram prisioneiras, debilitaram de tal modo a sua saúde que, nos poucos dias que permaneceram em Assunção e apesar do cuidado que receberam para minorar seus sofrimentos, foi muito grande a mortalidade na enfermaria criada para atendê-las. Na relação nº 4⁷⁰, com a mesma data de 13 de dezembro, constam os nomes das famílias brasileiras e seus escravos, que não tinham nomes e nem sobrenomes, e que faleceram na enfermaria provisória, num total de 25 pessoas, no Quartel de São Francisco. Além dos nomes e das idades, também se faz referência às datas de falecimentos, como dia, mês e ano. Consta na observação que, da família Lopes, faleceu um escravo, no dia 7 de novembro de 1869.

Além do socorro prestado pelo Consulado Geral do Brasil, as famílias receberam, também, ajuda de outros brasileiros moradores da capital paraguaia, como relata o documento abaixo transcrito, emitido por um funcionário do Consulado Brasileiro:

Para attender as diversas necessidades dessa pobre gente, alem dos socorros prestados por este Consulado, eu, o Srn. General Polydoro, Brigadeiro Salustiano e Dr. Pitahy, promovemos uma subscrição, entre alguns brasileiros, em favor destas infelizes familias, e o producto desta subscrição, um conto tresentos e noventa e um mil e setecentos réis, foi entregue a uma comissão, de que faço parte, para distribui-lo entre as referidas famílias pelo modo que mais conveniente fosse. Opportunamente remeterei a V. Ex.a relação das pessoas que subscreverão-se para tão caridoso fim.

Miguel Joaquim Souza Machado⁷¹.

A última relação, a de n.º⁶⁷², refere-se às famílias brasileiras que se achavam prontas, no Quartel de S. Francisco, à espera de transporte para a província de Mato Grosso. É interessante observar que, nessa relação, D. Senhorinha aparecia acompanhada somente de seus 3 filhos homens e menores de idade: João (11), José (7) e Bernardo (5). As filhas mulheres e um dos filhos, que apareciam em outras relações, nesta, de nº 6, não se encontram,

⁷⁰ AHI. Consulado Brasileiro. Ofícios Recebidos. Assunção. 1855-1881.

⁷¹ AHI. Consulado Brasileiro. Ofícios Recebidos. Assunção. 1855-1881.

⁷² AHI. Consulado Brasileiro. Ofícios Recebidos. Assunção. 1855-1881.

provavelmente por ainda se encontrarem doentes e internados na enfermaria criada para atendê-los.

Outro caso de prisioneira de guerra, encontrada e resgatada por tropas brasileiras comandadas pelo major Antonio José de Moura, em Tibicuari, em dezembro de 1869, foi o de D. Ignez Augusta Corrêa de Almeida, esposa do negociante Ricardo da Costa Leite, que foi presa em Corumbá, em 1865, e levada para Assunção, com seu marido e dois filhos. Quando foi encontrada, já havia perdido toda a sua família. Recebeu do Exército Brasileiro um auxílio de vinte libras esterlinas e roupas, seguindo para Rosário e dali para Mato Grosso, chegando em Cuiabá em fevereiro de 1870. Faleceu em 1887, reclusa e sem conseguir se recuperar dos horrores e sofrimentos da guerra.⁷³

Pela análise do documento, observo a não existência de homens adultos, sob a ótica atual, pois os mais velhos, Pedro José Lopes, Francisco de Souza e Manoel Germano do Espírito Santo, tinham, nessa época, apenas 12 anos. No entanto, para a época, eles já eram considerados homens feitos, como menciona Gilberto Freyre:

Meninos-diabos eles só eram até os dez anos. Daí em diante tornavam-se rapazes. Seu traje, o de homens feitos. Seus vícios, os de homens. Sua preocupação, sifilizarem-se o mais breve possível, adquirindo as cicatrizes gloriosas dos combates com Vênus que Spix e Martius viram com espanto ostentadas pelos brasileiros.⁷⁴

Apesar disso, o número de mulheres era muito maior que o dos homens: 116 eram mulheres e 30 eram homens, o que se justifica pelo estado de guerra em que se encontravam. A maioria não trazia sobrenomes, mas alguns eram de famílias bastante significativas, como os Barbosa, os Lopes, os Oliveira, os Souza, entre outros. Alguns substituíam o sobrenome da família por nomes evocativos de santos, possivelmente por sugestão dos próprios párocos, para demonstrarem alguma religiosidade ou, talvez, um costume de época, com destaque para os que seguem:

‘do Espírito Santo’, ‘das Dores’, ‘de Jesus’, ‘da Cruz’, ‘dos Santos’, ‘da Trindade’, ‘da Conceição’.

⁷³ MENDONÇA, E., *Datas Mato-grossenses*, p.285.

⁷⁴ FREYRE, Gilberto., *Casa-Grande & Senzala*, p.671.

Os nomes mais comuns encontrados foram Marias (59) e Annas (10), não sendo possível identificar, pelo documento, quem era o chefe da família, já que não existia nenhum homem adulto e as mulheres foram relacionadas sem nenhum critério familiar. Tudo indica que pessoas com o mesmo sobrenome formariam um grupo familiar e a mulher mais velha seria a sua representante. Diante desses resultados, a população infantil era de 57 crianças, num universo de 146 pessoas, sendo que 30 eram meninas e 27 eram meninos, predominando a faixa etária de 2 a 11 anos.

Até o século XIX, não havia, propriamente, distinção entre os tecidos usados pelos homens e os usados pelas mulheres. A diferença das fazendas relacionava-se, antes, com a condição social e com o tipo de traje que com o sexo, as mais grosseiras sendo utilizadas tanto para o grupo feminino como para o masculino⁷⁵. No Brasil dos séculos XVI, XVII e XVIII, os colonos usavam roupas impróprias para o clima. A falta de adaptação do traje brasileiro ao clima tropical chegou até o século XIX, acentuando-se, mesmo.⁷⁶ Os tecidos que as famílias receberam do Consulado Brasileiro, como chita, morim, algodão trançado e riscado, o veludo dos bonés, e a baeta, não fugiam à regra geral. Esses tipos de tecidos, também usados pelos escravos, no século XIX, são observados por meio dos anúncios do *Jornal do Comércio*, do Rio, e do *Diário de Pernambuco*, que esclarece sobre a indumentária dos escravos domésticos:

...a maioria , de camisa de baeta encarnada e ceroula de algodão; ou de calça e camisa de estopa; ou de camisa de algodão grosso e calça de ganga. Mulecas de vestido de panno da Costa com listas vermelhas; pretas velhas de vestidos de chita roxa, saia lila, preta por cima, panno da Costa azul com matames brancos, e lenço azul amarrado na cabeça.⁷⁷

O modo de vestir da maioria da população, tão comum e de cores vivas, pode ser vislumbrado a partir do relato de uma viajante inglesa que, no século XIX, esteve no Brasil e achou horrorosa a situação das mulheres, “ignorantes, beatas, nem ao menos sabiam vestir-se”. Anotou Mrs. Kindersley que as mulheres envelheciam depressa, apresentando uma aparência de um amarelo doentio. Relatou também que:

⁷⁵ MELO E SOUZA, G., *O Espírito das Roupas*, p.69.

⁷⁶ FREYRE, G., *Casa-Grande & Senzala*, p.678.

⁷⁷ FREYRE, G., *Casa-Grande & Senzala*, p.717.

...as mulheres do século XVIII trajavam-se que nem macacas: saia de chita, camisas de flores bordadas, corpete de veludo, faixa. Por cima desse horror de indumentária, muito ouro, muitos colares, braceletes e pentes.⁷⁸

É preciso considerar que os viajantes, de um modo geral, adotavam uma perspectiva típica da tradição européia; suas narrativas transparecem a arrogância de um estrangeiro diante de um nativo, não se preocupando, ao relatar suas impressões, com particularidades de uma região tão diferente das deles, como clima, população, costumes etc. Era o olhar do europeu se espantando com a formação social preconceituosa, a qual proporcionava um modo de vida que desconsiderava as contradições da vida das diferentes camadas sociais.

O tecido que predominava era a chita, um tecido ordinário de algodão, estampado e colorido, sendo entregue a todas as mulheres, perfazendo um total de 858 jardas,⁷⁹ ou seja, 784 metros. O segundo tecido mais usado, tanto por homens, como por mulheres, foi o morim, totalizando 473 ½ jardas ou 432 metros.

Com a eclosão da Guerra do Paraguai, a vida dos habitantes da província de Mato Grosso tornou-se mais difícil. O bloqueio à navegação do rio Paraguai, imposto por Francisco Solano Lopes, interrompeu o fluxo comercial fluvial que permitia o abastecimento com certa regularidade. Como alternativa de vida no período da guerra, a população livre e pobre, com alguma qualificação, encontrou novas possibilidades de trabalho, tais como a produção de armamentos, embarcações, a carpintaria, marcenaria e costura, entre outros. De fato, o Arsenal de Guerra, em Cuiabá, foi transformado numa grande oficina e em mercado de trabalho para os livres pobres, tanto para os homens, como carpinteiros, marceneiros, etc. como para as mulheres, como costureiras, lavadeiras, já que o estado de guerra ampliava o contingente militar:⁸⁰

O Arsenal de Guerra, necessitando contratar o feitiço de mil bonés para os diferentes corpos estacionados nesta Província, convida as pessoas que dele de queiram encarregar, a apresentarem suas propostas em carta fechada, com declaração do

⁷⁸ FREYRE, G., *Casa-Grande & Senzala*, p.581.

⁷⁹ Unidade fundamental de comprimento do sistema inglês, equivalente a 3 pés ou 914 mm.

⁸⁰ VOLPATO, L., *Cativos do Sertão: Vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888*, p.70.

menor preço até ao dia 14 do mês de maio. Cuiabá, 29 de abril de 1865. Manoel F. de Moraes – Escriturário interino.⁸¹

A dificuldade em obter fontes para buscar reconstruir a presença das mulheres foi, por vezes, desanimadora, devido à parca produção de carácter historiográfico que trata do tema. Quando existem registros, são pouco organizados; como penetrar no passado, quando, praticamente, não se deixaram vestígios de seu cotidiano? Uma das possibilidades é tentar cruzar os dados disponíveis. Entretanto, apesar da exigüidade das fontes e no meio de muitas dificuldades, um processo encontrado no Arquivo do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande⁸², revelou material privilegiado na tarefa de fazer vir à tona uma parte da vida de D. Senhorinha, seus familiares e todo o contexto de uma época difícil do pós-guerra. Trata-se do inventário de José Francisco Lopes⁸³, o famoso Guia Lopes, da *Retirada da Laguna*, de Taunay. A sua leitura permitiu-me recolher algumas informações pertinentes a essa pesquisa, não tendo eu, porém, a perspectiva de esgotar o estudo a respeito da História Social em Mato Grosso. É um material denso, que requer uma leitura paciente e uma análise criteriosa que envolveria um espaço de tempo maior, e o considero, junto com outros inventários, um fascinante convite à pesquisa histórica. Composto de 102 páginas, esse processo, aberto na Comarca de Santa Cruz de Corumbá, pelo *Juizo Municipal e Órfãos*, em 1872, traz, inicialmente, a relação de herdeiros, que era preciso determinar muito claramente ao se proceder a divisão da herança, já que D. Senhorinha tinha outros filhos com o primeiro marido:

1872

JuizoMunicipal e Orphãos de Corumba

Inventario

Inventariado: José Francisco Lopes

Inventariante: A Viuva D. Senhorinha Maria da Conceição

Herdeiros das primeiras nupcias com D. Maria Pereira

1º Jose Francisco Lopes Junior, fallecido, e foi casado com D. Maria Victoria Barbosa (existe)

⁸¹ O BOLETIM DE NOTÍCIAS., Cuiabá, 9 de maio de 1865, p.2.

⁸² Documento encontrado graças a informação da Prof^a. Dr^a. Nanci Leonzo.

⁸³ INVENTÁRIO de José Francisco Lopes.

2º D. Teothonia Maria Lopes, falecida e foi casada Ignacio Gonsalves Barbosa, deixando no seculo um filho de nome Zacarias de 12 annos e outro de nome Antonio de 15 annos

3º D. Ritta Lopes, casada com Verissimo Antonio Cardoso, ambos falecidos deixando no seculo um filho de nome Manoel Verissimo Cardoso de 15 annos

Herdeiros das segundas nupcias

1º D. Isabel de idade de 19 annos

2º D. Fausta de idade de 17 annos

3º João de idade de 16 annos

4º Pedro de idade de 14 annos

5º Jose de idade de 11 annos

6º Bernardino de idade de 10 annos

O Escrivão [ilegível]

Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil oito centos setenta e tres, aos trinta dias do mês de outubro do dito anno, nesta Vila de Corumba, e no meu Cartorio, por parte de Dona Senhorinha Maria da Conceição, viuva de Jose Francisco Lopes, foi-me entregue o requerimento que adiante se ve despachado pelo meretissimo juiz municipal e de Orphãos o alferes Jose Joaquim de Sousa França do que para constar, faço esta autoação em que me assigno. Eu Pacifico Lastenio, Escrivão de Orphão que escrevi.⁸⁴

Ao cotejar esse primeiro documento, que traz a relação de filhos do segundo casamento de D. Senhorinha, com a relação das famílias encontradas e resgatadas pelo exército brasileiro no Paraguai, em 1869, não encontrei o nome de Maria do Carmo e Rita Ramona, provavelmente porque eram filhas do primeiro casamento, com Gabriel Francisco Lopes, e sem direito à herança dos meio-irmãos.

Em 31 de outubro de 1873, em Santa Cruz de Corumbá, comarca onde foi iniciado o processo, na casa de morada e residência do Juiz Municipal e Orfãos, o alferes Jose Joaquim de Sousa França, D. Senhorinha prestou declaração e juramento, “que seu marido, Jose Francisco Lopes, morreu de Cholera morbus, na ocasião que servia de guia das forças brasileiras contra o Paraguai, na vila de Miranda ao chegar na sua fazenda do nome Jardim, sem testamento e deixando herdeiros”.⁸⁵ Ela fez a declaração de herdeiros, em 14 de março de 1874, dos dois casamentos de Jose Francisco Lopes, na qual constam nomes, sobrenomes, idades, se eram casados e com quem, se eram falecidos, e se deixaram filhos. Na seqüência do

⁸⁴ INVENTÁRIO de Jose Francisco Lopes.

⁸⁵ INVENTÁRIO de Jose Francisco Lopes.

processo, também foram citados e tiveram que prestar juramento do espólio, em audiência, todos os que estivessem envolvidos, direta ou indiretamente, assim é que foram designados:

Avaliadores dos bens de raiz:

João Faustino do Prado

Joaquim de Souza Moreira

Avaliadores dos bens semoventes:

Evaristo José Gomes da Silva

Joaquim Antonio dos Reis

Partidores:

Manoel Leite de Barros

Francisco da Costa Leite de Almeida⁸⁶

Bastante interessante, o documento, datado de 11 de abril de 1874, mostra como tudo era extremamente difícil para uma mulher sozinha, no áspero mundo dos homens, mas dependendo deles para tudo, inclusive para se locomover, já que morava “num lugar denominado Jardim, que dista desta Villa para mais de trinta e cinco legoas”.⁸⁷ D. Senhorinha não pode exprimir-se por escrito, era analfabeta, e os escriturários assinavam por ela a seu rogo, “por não saber ler nem escrever”. Teve que depender e confiar, portanto, em outras pessoas para fazer solicitações, declarações e procurações, lutando pelos seus bens e de seus filhos por ocasião do processo de inventário. É preciso ressaltar que não há como ignorar o fato de que todo o aparato judicial, em 1870, era cem por cento masculino. De fato, por determinação da lei, ela teve que entregar uma parte do dinheiro da herança a um curador nomeado pelo Juiz de Órfãos e Ausentes. Diz o documento:

Dis D. Senhorinha Maria da Conceição, viuva e inventariante dos bens deixado pelo seu finado marido Jose Francisco Lopes, que não podendo ultimar de prompto o inventario a que se esta procedendo por este juiso, por depender de citação da maior parte dos herdeiros, os quaes se achão ausentes, e não podendo a supplicante deter-se por mais tempo, em consequência da longa ausencia que tem tido essa sua familia, sob pena de soffrer maior prejuiso e mesmo incomôda [ilegível] vem por isso impetrar a V.S. a graça de mandar que a supplicante faça entregar a quantia de 6:612196 ao curador nomeado aos orphãos, visto ser esta a importancia que tem ser partilhada entre os mesmos orphãos e mais herdeiros já que faz parte dos bens do inventario a quantia de trese conttos dusentos e vinte e cinco mil novecentos e

⁸⁶ INVENTÁRIO de Jose Francisco Lopes.

⁸⁷ INVENTÁRIO de Jose Francisco Lopes.

cincoenta seis; ficando a supplicante de posse de igual importancia da que fica em deposito, em conta da sua meia ação.⁸⁸

A “meia ação” a que se refere o documento aponta para o regime de partilha segundo as leis do Império, que rezavam a comunhão de bens. Vale lembrar que os maridos, considerados como “cabeça do casal”, tinham “poder marital” sobre tais heranças, cabendo a eles, portanto, herdar e administrar os bens da esposa, conforme seu único arbítrio, como foi o caso de Clemente Gonsalves Barbosa, casado com Isabel Porcina Lopes e de Manoel Silvestre Loureiro, casado com Fausta Felisbina Lopes, sendo as duas filhas de D. Senhorinha.

A interpretação desses documentos pode ser facilitada pela comparação com outros inventários, como, por exemplo, de mulheres de elite do sertão nordestino e do pai de D. Senhorinha, Antonio Gonsalves Barbosa, numa mesma época, os quais apresentam profundas diferenças, tanto no conteúdo como no montante do total avaliado. Eram documentos escritos e, portanto, comprometidos com outros valores, de dominação e poder, e dependiam da alfabetização e discernimento de quem os produzia. O primeiro se refere a inventários de mulheres do Nordeste, que raramente ultrapassavam um montante de 10 contos de réis, apesar de, em seus arrolamentos, constarem moradas de casas em cidades, peças de ouro, escravos, casas de fazendas e terras:

Não se costumava avaliar uma fazenda de porteiras fechadas. Fazenda era uma unidade produtiva, que valia pelas terras que possuía, pelas reses, pelos apetrechos, pelas roças, pelos currais, pelos cercados, era o conjunto de benfeitorias em uma fazenda que a valorizava ou a distinguiu.

E mais:

A riqueza se manifestava em escravos, posses de terras, canaviais, plantações de algodão, fardos de algodão em rama e em caroço, roças de mandioca, engenho de farinha, rolos de couro de veado, couro de gado, solas, enxadas, e outros apetrechos de agricultura, e, alguns baús de madeira, alguns santos de madeira, mas, relativamente, pouca louça, poucas jóias, poucos adereços de casa.⁸⁹

⁸⁸ ATJ de MS. Secção do Memorial. Inventário de Jose Francisco Lopes.

⁸⁹ PRIORE, M., *História das Mulheres no Brasil*, p.270.

No inventário de Jose Francisco Lopes, só em dinheiro, foi constatada a quantia de 13 contos de réis, uma diferença razoável, considerando-se o estado de pós-guerra e o fato de que o patrimônio do casal foi dividido e as partes correspondentes dadas aos herdeiros. Ao contrário dos inventários das mulheres nordestinas, neste inventário não observo a presença de escravos, peças de ouro, prata, platina, cobre, louças e móveis, e nada que uma fazenda daquela época era obrigada a ter para sua subsistência, como, por exemplo, um engenho de madeira para a fabricação do açúcar mascavo e rapadura, ou um alambique de cobre para a produção de cachaça, comuns nesta época, provavelmente devido à destruição pelo fogo e ao saque das tropas paraguaias por ocasião da invasão, como foi registrado por Taunay numa carta ao seu pai, no dia 20 de dezembro de 1865:

Fui em companhia de Juvêncio e mais alguns outros companheiros reconhecer a margem esquerda dêsse rio e voltamos pelo caminho de Coxim que corta a fazenda de Luiz Teodoro. Foi ela completamente destruída e do modo mais bárbaro. Nem as árvores escaparam! Faz-nos pena ver magníficas laranjeiras ainda derribadas. Cento e cinco alqueires de arroz foram queimados e tudo num só dia virado de pernas para o ar!⁹⁰

Veja a relação de bens de Jose Francisco Lopes:

Arrolamento dos bens do casal a inventariar por falecimento de José Francisco Lopes, como inventariante D. Senhorinha Maria da Conceição, asaber:

Bens de Rais

Tres partes de terras na fazenda denominado Jardim.

Uma parte de terra na fazenda denominado Miranda

A metade das terras da fazenda denominado Apa, confinando ao Norte com a posse de Ignacio Candido, sendo limite o ponto da Serra Maracajú: ao Sul pelo rio Apa, ao Poente com a posse de Jose Carlos, sendo limite pelo espigão mestre: pelo Nascente com a Serra de Maracajú, cujo terreno terá tres legoas em quadras.

Um Carro Velho

Seis bois de Carro

Bens Semoventes

Trinta e Cinco rezes de Criar de toda a classe

Um Cavallo pintado lazão-velho

Vinte rezes bravas.

Treze contos duzentos e vinte e cinco mil, e novecentos réis cuja quantia a inventariante já recebeo a sua parte

⁹⁰ TAUNAY, V., *Cartas da Campanha de Mato Grosso: 1865-1866.*, p.139.

Dividas passivas

A João de Moraes Ribeiro, da quantia de trezentos e dez mil reis

Ao Major Jose Caetano Metello, da quantia de cincoenta mil reis.

Villa de Miranda 10 de março de 1882

O Procurador

Luis Jose de Castro Arruda⁹¹

Na descrição dos “bens de raiz” do segundo inventário analisado, que serviu para comparação, o de Antonio Gonsalves Barbosa⁹², de 1854, que deixou, por ocasião de sua morte, quatro sítios bem arrolados, o qual relaciona as casas de morada, as árvores frutíferas e currais, indicando quais os tipos de produtos que eram plantados na segunda metade do século XIX, no sul de Mato Grosso e mostrando que naquela época, eram bastante valorizadas as benfeitorias:

Um sitio no lugar denominado Fazenda Boa Vista com casa de morada coberta de capim, curral, engenho em bom estado, casa de alambique, monjolo com rego d agua quintal grande com plantações, setenta e seis pés de laranjeiras, vinte de limeiras, oitenta de café, cincoenta de jabuticaba e um canavial de meia quarta de planta.

Um sitio no lugar denominado Fazenda de Santa Rita – com casas de morada, paiol de mantimentos, moinho com todos os seus pertences, quintal grande com cerca de arroeira com plantações Redo de agua com distancia de meia legoa e outros beneficios.⁹³

Outro aspecto que ressaltou nos inventários é o que diz respeito aos instrumentos de trabalho mais utilizados (foice, machado, enxada e cavadeira), não arrolados no inventário de Jose Francisco Lopes, mas que aparecem nos outros dois, o que permite uma visão do sistema agrário, do uso do solo, das técnicas de cultivo e dos produtos cultivados. Também nos inventários de Antônio G. Barbosa e das mulheres nordestinas não vem explicitada a localização geográfica das sedes das fazendas, o que ocorre na de seu genro, Jose F. Lopes.

⁹¹ INVENTÁRIO de Jose Francisco Lopes.

⁹² APEMAT., Termo de Descrição e Avaliação dos Bens que ficaram por falecimento de Antonio Gonçalves Barbosa em Miranda (1854), *apud* João Lucidio, *Nos Confins de Império Um Deserto de Homens Povoado por Bois*, p.188.

⁹³ APEMAT, Termo de Descrição e Avaliação dos Bens que ficaram por falecimento de Antonio Gonçalves Barbosa em Miranda (1854), *apud* João Lucidio, *Nos Confins de Império Um Deserto de Homens Povoado por Bois*, p.188.

Durante dez anos, o longo tempo que durou a realização do inventário, encerrado em 1882, a família Lopes teve que elaborar uma nova relação de herdeiros, já que alguns filhos haviam morrido, mas tinham deixado descendentes, e seus membros passaram por diversos procuradores, juízes, promotores públicos, avaliadores, escriturários, depositários. Tiveram que efetuar despesas com *emolumentos* à Coletoria Provincial, à Alfândega de Albuquerque, transferência da comarca de Corumbá para a comarca de Miranda, provavelmente por ser mais perto do local de residência. Muito interessante foi observar a participação, nesse inventário, de um personagem bastante conhecido na Guerra do Paraguai, no episódio da retirada de Corumbá, que foi o Barão de Vila Maria, o qual, em 28 de outubro de 1875, era Juiz de Órfãos e Ausentes, e foi a única autoridade de quem não constava o nome e sobrenome, como se o título nobre de barão fosse superior a qualquer outro. Durante todo o processo analisado, o juiz apareceu somente como barão; era a hierarquia sobrepujando a pessoa. Inclusive, na própria assinatura constava somente *Barão de Villa Maria*.⁹⁴

De qualquer modo, o que importa destacar aqui é a riqueza de detalhes que esses documentos têm proporcionado para desvendar o passado, lançando luz e permitindo perceber uma história dos indivíduos, estudar o seu cotidiano, a história das famílias, os mais diferentes espaços do privado: a casa, a cozinha, o campo, os múltiplos estratos sociais: escravos, nobres, burocráticos, mulheres sós e como elas se relacionavam com o grupo, e como eram inseridas na sociedade. Por meio deles, são reveladas facetas essenciais para tirar do esquecimento a vida e o cotidiano de algumas mulheres, principalmente uma mato-grossense, D. Senhorinha, que viveu no século XIX e, agora, começa a tomar vulto, formas e sair da nebulosa em que, por mais de 150 anos, foi relegada ao esquecimento. Apesar de ter vivido sempre em um contexto de opressão pela guerra, e em eterna luta pela sobrevivência, ela chegou a um novo século. Em 1912, foi homenageada pelo Exército, quando o Regimento, formado, recebeu o seu estandarte das mãos da esposa do lendário Guia Lopes:

Boletim Regimental n. 324 de 15 de Novembro de 1912. Para conhecimento do Regimento e devida execução publico o seguinte: '15 de Novembro'. É hoje um dia de duplo jubilo, para a Patria, por ser commemorada a data da Proclamação da Replubica no Brasil, e par nós em particular, porque vamos receber um novo estandarte, vindo das mãos da d.. Senhorinha Maria da Conceição Lopes, que ora o está empunhando. A razão de ser esta senhora eleita para tão nobre incumbencia, provém de um facto de nossa história militar.

⁹⁴ INVENTÁRIO de Jose Francisco Lopes.

Há 47 annos brasileiros e paraguaios luctaram nesta zona. De Laguna, ao alarma da fome com seu cortejo de horrores, retrocedeu a columna brasileira que invadira o Paraguay; então, guiada e protegida de ardis e surpresas do inimigo, pelo sublime João Francisco Lopes, esposo desta senhora (indicando-a) se salvou o pavilhão patrio á guarda do nosso regimento, parte dessa columna. Após essa titanica façanha, com o coração ferido pela saudade de sua familia aprisionada, succumbiu o heroico João Francisco Lopes; assim pois, das mãos de sua virtuosa consorte, digna de seus mais acendrados affectos, vem o nosso estandarte trazendo-nos as benções do passado, aureolado das lagrimas patrioticas de sua portadora, que nesse momento bem symbolisa a imagem de nossa mãe Pátria.⁹⁵

Por duas vezes, o nome João é confundido por José. Pouco tempo depois, em 1913, D. Senhorinha faleceu em Bela Vista, MS, sendo acompanhada até ao túmulo pelo regimento das forças federais, que prestaram sua homenagem em honra da madrinha de batismo da bandeira nacional pertencente ao regimento da fronteira. No final da vida, D. Senhorinha relatou :

...os seus sacrificios passados, consistentes na sua prisão de 18 de Outubro de 1849 e na perda de seus haveres naquella época; na sua segunda captura, como prisioneira de guerra, de 1864 a 1870; na perda do marido e tres filhos voluntarios da patria, nas façanhas e crueldades praticadas contra os brasileiros prisioneiros de guerra pelo padre Romão; na sua magua contra os que lhe queriam usurpar, sem razão, as terras da margem direita do Apa.⁹⁶

⁹⁵ PEREIRA, A., *Heróis abandonados*, p.51.

⁹⁶MENDONÇA, E., *Datas Mato-grossenses*, p.71.

2.2 PATRIOTAS

A indignação com a invasão paraguaia em Mato Grosso e o aprisionamento do navio Marquês de Olinda, visto como um ato traiçoeiro e injustificável, pois não havia declaração de guerra, fez com que, no início de 1865, houvesse um grande número de voluntários dispostos a ir para a guerra. Entretanto, a longa duração do conflito e o grande número de mortos fizeram rarear esses voluntários, que esperavam uma guerra curta e rápida. O serviço militar era considerado um castigo, uma degradação, e a convocação dos chamados “voluntários”, na realidade homens aprisionados e enviados à força para o campo de batalha, era vista como uma situação perigosa para a manutenção do conflito e para os interesses do Império.

A Guerra foi um evento importante para a trajetória e formação do escritor Machado de Assis, que, com suas influentes crônicas e com muita habilidade, soube manipular os temas da civilização contra a barbárie e pretendeu empolgar o patriotismo das mulheres e, principalmente, a dos futuros soldados. O termo civilização, forjado na época da guerra, era interpretado como sinônimo de modernidade e se contrapunha aos bárbaros chefiados por Solano Lopes.

O crítico Raimundo de Magalhães Júnior, analisando os princípios da obra machadiana, escreveu:

É bem verdade que ele não foi um combatente. Mas, como poeta, como jornalista, como escritor, ajudou a criar o ambiente de vibração patriótica, o clima de confiança, a atmosfera moral necessária à continuação da guerra⁹⁷

Nesse contexto, Machado de Assis era de fundamental “importância para o espírito de guerra, e literalmente formou opiniões, agindo como legitimador do espírito bélico. Esse é um dos raros momentos em que a ‘função social’ do escritor é claríssima, quando manipula habilmente os temas da civilização contra a barbárie”.⁹⁸

Machado de Assis dá a impressão de escrever essas crônicas sob “reações emocionais” causadas pelo grande impacto que sobre ele teriam exercido os acontecimentos

⁹⁷ MAGALHÃES, R., *apud* Francisco Alambert, *Civilização e Barbárie, História e Cultura : Representações Culturais e Projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República*, p.16.

⁹⁸ MAGALHÃES, R., *apud* Francisco Alambert, *Civilização e Barbárie, História e Cultura: Representações Culturais e Projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República*, p.15.

que levaram à guerra. Essas reações seriam a causa, não raramente “patética”, de algumas dessas crônicas, como posso observar, quando trata do papel da mulher na guerra:

Não nascestes para a guerra da pólvora e da espingarda. Nascestes para outra guerra, em que a mais inábil e menos valente, vale por dois Aquiles. Mas, nos momentos supremos da pátria, não sois das últimas. De qualquer modo ajudais os homens. Uma como, mãe espartana, arma o filho e o manda para a batalha; outras bordam uma bandeira e a entregam aos soldados, outras costumam as fardas dos valentes; outras dilaceram as próprias saias para encher cartuchos; outras preparam os fios para os hospitais; outras juncam de flores os caminhos dos bravos. Voltará aquele filho antes da desafronta da pátria? Deixarão os soldados que lhe arranquem aquela bandeira? Entregarão as fardas que os vestem? Sentirão os ferimentos quando aqueles fios os hão de curar? A par da santa idéia da pátria agravada, vai na imaginação dos heróis a idéia da dedicação feminina, das flores que os aguardam, das orações que os recomendam de longe.⁹⁹

E mais:

Não tendes uma espada, tendes uma agulha, não comandais um regimento, formais coragens, não fazeis um assalto, fazeis uma oração, não distribuis medalhas, espalhais flores, e estas, podeis estar certas, hão de lembrar, mesmo quando o forem secas, os feitos do passado e as vitórias do País.¹⁰⁰

Dionísio Cerqueira também acompanhou a lógica patriótica disseminada, de forma magistral, por Machado de Assis, e registrou, em suas reminiscências, de modo bastante claro, aquela época de empolgação pela pátria, que foi absorvida por algumas mulheres, como D. Rosa Maria Paulina da Fonseca, senhora alagoana que ofertava seus sete filhos à causa brasileira:

Havia um oficial do regimento, que então nos fazia inveja – o Severiano da Fonseca, que foi depois marechal e barão de Alagôas, um dos sete illustres filhos da veneranda D. Rosa, cuja casa modesta e placida era um quartel general e lar amigo a todos os militares;- da grande velhinha, que soube inflamar a alma dos seus filhos com a chamma de amor á patria, que lhe abrazava o coração de brasileira.¹⁰¹

⁹⁹ PEREGRINO, H., *apud* Francisco Alambert, *Civilização e Barbárie, História e Cultura: Representações Culturais e Projeções na “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República*, p.21.

¹⁰⁰ PEREGRINO, H., *apud* Francisco Alambert, *Civilização e Barbárie, História e Cultura: Representações Culturais e Projeções na “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República*, p.21.

¹⁰¹ CERQUEIRA, D., *Reminiscências da Campanha do Paraguai: 1865-1870*, p.74.

Um outro filho, Manuel Deodoro, futuramente seria aquele Marechal Deodoro da Fonseca, o proclamador da República. A *Semana Ilustrada* publicou um soneto de D. Rosa em homenagem aos futuros heróis da guerra, que vinha acompanhado de uma ilustração dela com os sete filhos, também publicado em Cerqueira:

Cala-te amor de mãe! quando o inimigo
Pisa da nossa terra o chão sagrado
Amor de pátria, vívido, elevado,
Só tu na solidão serás comigo!

O dever é maior que o perigo:
Pede-te a pátria, cidadão honrado,
Vai, meu filho, e nas lides do soldado
Minha lembrança viverá contigo!

És o sétimo, o último. Minh alma
Vai toda aí, convosco repartida
E eu dou-a de olhos secos, fria e calma

Oh! Não te assuste o horror da márcia lida;
Colhe no vasto campo a melhor palma;
Ou morte honrada ou gloriosa vida.¹⁰²

Com o tempo, descobriu-se que a autoria dos versos era do próprio Machado de Assis e que a mãe alagoana havia-lhe inspirado numa nova tentativa de envolver as mulheres na guerra.¹⁰³

Também com referência a esta patriota, que era mãe de vários militares que atuaram na guerra, e que poderia ter direito a uma pensão, ao pesquisar, no Arquivo Histórico do Exército, descobri que seu requerimento, maço 8, pasta 175, foi expurgado, conforme publicação em Boletim Interno nº2, de 23 de Maio 75, sendo, portanto, impossível saber o final desse processo.

¹⁰² CERQUEIRA, D., *Reminiscências da Campanha do Paraguai: 1865-1870*, p.75.

¹⁰³ MAGALHÃES, J. R., *Ao redor de Machado de Assis*, p.87.

O Brasil todo foi percorrido por um clima de indignação contra a opressão paraguaia. Também no Rio Grande do Sul, surgiram mulheres patriotas que procuravam incentivar os soldados a lutar pela pátria invadida, o que é sintetizado no poema:

Exulta, oh minha lyra, um canto entôa!
Não temas applaudir de perto a gloria;
Que é merito maior a voz humilde
Unir-se aos grandes hymnos da victoria.
Um canto, pois, aos bravos que vencêrão,
Aos valentes do sul honra e luzeiro,
Que prostrão qual leões na lucta o forte,
Amparando no triumpho o prisioneiro!
A elles, sim! um brado augusto e santo!
A elles, glória d esta livre terra,
Que adormecem sorrindo ao som do hymnos,
E despertão cantando á voz da guerra!
O troar dos canhões que lhes importa?!
Que lhes importa o ruído da metralha?!
Si morrerem, mausoléus dá-lhes a história,
E a saudade da patria os amortalha!
A vós todos, soldados que vencestes,
Que o Brasil com seus feitos apregôa;
A vós todos, que bravos pelejastes,
Esta humilde, patriótica corôa!
Honra e glória á patria que desperta,
Tão nobre emulação de seus guerreiros!
Honra e gloria aos filhos desta terra!
Honra a gloria aos soldados brasileiros!
Exulta, oh minha lyra, um canto entôa!
Não temas applaudir de perto a gloria,
Que é merito maior a voz humilde
Unir-se aos grandes hymnos da victoria!
Porto Alegre, Março de 1865.¹⁰⁴

¹⁰⁴ POR UMA SENHORA RIO GRANDENSE. Uma coroa aos soldados brasileiros.

Outro exemplo de patriotismo que posso citar foi o de Ana Justina Ferreira Néri, uma das únicas mulheres que estiveram na Guerra do Paraguai e ficaram conhecidas nacionalmente. Enfermeira e senhora de elite, que teve direito a nomes e sobrenomes, por ser viúva de um homem de projeção na época, o oficial de marinha capitão-de-fragata Isidoro Antonio Néri, e que faleceu em 1844, a bordo do brigue Três de Maio, no Maranhão. Ela acompanhou e cuidou dos três filhos combatentes até o Paraguai, seguindo com o 40º Batalhão de Voluntários da Pátria, comandado por seu irmão, Joaquim Maurício Ferreira. Durante a guerra, Ana Néri residiu em Corrientes, Humaitá e Assunção, tratou de doentes em hospitais, perdendo um filho e um sobrinho nesse período. Embora não apresente, especificamente, a figura de Ana Néri, o quadro dá idéia da improvisação de uma enfermaria). Ela foi lembrada, entre outros, nas cartas de Benjamin Constant à sua mulher:

Com Tibúrcio, comemorou o aniversário de Maria Joaquina, na casa de Ana Néri, mãe de três oficiais brasileiros e uma das pioneiras da enfermagem no Brasil, que fixou residência perto do campo de operações para atender aos feridos, o que lhe valeu o apelido de ‘mãe dos brasileiros’. Muitos anos após sua morte, teria seu nome dado à escola de enfermagem instalada no Brasil. Benjamin Constant referiu-se a ela como ‘uma respeitável senhora brasileira’ e ‘muito minha amiga’.¹⁰⁵

¹⁰⁵ LEMOS, R., *Benjamin Constant: Vida e História*, p.121.

2.3 ANDARILHAS E VIVANDEIRAS

Outra categoria de mulheres, as seguidoras do exército, andarilhas e vivandeiras, movidas pelos mais diversos motivos: econômicos, afetivos, comerciais, entre outros, acompanhava os homens, criando modos de vida e sobrevivência na retaguarda das tropas. As vivandeiras eram mulheres que acompanhavam o exército para vender víveres, bebidas e objetos de necessidade; muitas delas, eram também prostitutas. Com todo o preconceito existente, foram poucas vezes notadas. Amantes ou legítimas esposas de soldados, elas cuidavam dos filhos, da comida, das roupas e, por vezes, enfrentavam os campos de batalha, pegando em armas e socorrendo os feridos, fazendo curativos e os conduzindo até os hospitais de sangue. Sofriam como os homens a marcha extenuante, o sol, o frio, a fome, as chuvas que alagavam os campos, as doenças, os acampamentos sem as mínimas condições de higiene e as mortes. Assim escreveu o General de Brigada José Luiz Rodrigues da Silva sobre o comércio das vivandeiras:

O acampamento do commercio era o 'boulevard', o nosso famoso club. Concorríamos a elle nos interregnos dos malvados exercícios. Ahi se palestrava com amigos em viagens continuas da pátria, portadores de noticias frescas dos parentes e pessoas caras; saboreava-se o bom café, os doces finos, os melhores vinhos e cervejas, intercaladas das chistosas pilherias e anedotas ao gosto brejeiro e suggestivo de Zola e Paulo de Montegazza; cavaqueava-se, fugitivamente embora, com as hetairas de alto cothurno, de origem platina ou européia, accesiveis apenas aos argentarios, aos elevados chefes de gola bordada, calça de galão e chapéu de penacho...

Esse povo infeliz deu provas repetidas de caridade e altruísmo, em meio das agruras do seu infortúnio.

Uma houve que se salientou. Amasia inseparável de distincto general, acompanhava-o nas excursões difficeis até, e, aos primeiros tiros de qualquer peleja, ahi se achava ella em seu cavallo garboso, bem apeirado, pondo em pratica os bellos sentimentos, que tão bem se aninhavam no coração maculado, mas ainda com laivos de virtude¹⁰⁶

Um relato muito interessante e raro, redigido em 1869, é o do Capitão Pedro Werlang, no qual se lê que algumas mulheres eram utilizadas para carregar material de artilharia:

¹⁰⁶ SILVA, J., *Recordações da Campanha do Paraguay*, p.43.

Tôdas as mulheres que acompanhavam nosso exército tinham que carregar munição de artilharia; nossa cavalaria ia a pé, pois havíamos nos livrados dos cavalos.¹⁰⁷

Outro exemplo significativo pode ser colhido na *Retirada da Laguna*, narrativa romanceada elaborada em forma de relatório militar, na qual prevaleceram atos de bravura e heroísmo, onde são descritas as agruras de uma expedição brasileira e sua luta contra o inimigo guarani, na região fronteira entre o Mato Grosso e o Paraguai. A expedição não suportou nem dois meses de luta contra os inimigos paraguaios, a falta de abastecimento e o ataque de um inimigo muito mais cruel: a cólera. O historiador militar general Tasso Fragoso, diferentemente da maioria dos que escreveram sobre essa expedição, preocupados em construir heróis, narrou uma “operação militar desvaliosa, célebre apenas por ter se caracterizado pela falta de comida...”.¹⁰⁸ Escrito por Alfredo d’Escragnolle Taunay, uma de suas obras mestras, a *Retirada da Laguna* tem cunho memorialista e um rigor geográfico obsessivo, sendo, hoje, considerada leitura obrigatória para os pesquisadores da Guerra do Paraguai. Observador sagaz, Taunay demonstrou, também, ter um olhar peculiar, quando descreveu a posição ordenada para a marcha em direção ao inimigo:

No dia seguinte desfilou o corpo diante do comandante. Já a vanguarda, composta como era de homens de nossa cavalaria desmontada, devia dar-lhe motivos de reflexão... Após eles marchava o vigésimo primeiro batalhão de infantaria de linha, precedendo uma bateria de duas peças raiadas, depois o vigésimo batalhão, outra aterria igual à primeira... e afinal as bagagens, o comércio com a sua gente e material, e as mulheres dos soldados bastante numerosas.¹⁰⁹

Em outro olhar de Taunay, sobre as mulheres que seguiam a expedição, observo, em certa medida, um tom mais humano:

...as mulheres que nos acompanhavam setenta e uma, contadas à entrada da ponte. Iam tôdas a pé, exceto duas, montadas em bêstas; carregavam quase todas crianças de peito ou pouco mais velhas. Por heroína passava uma e todas a apontavam. Havendo-se encarniçado um paraguaio em lhe arrancar o filho, tomara ela de um salto uma espada largada no chão, e num ápice matara o assaltante. Mais infeliz vira

¹⁰⁷ BECKER, K., *Alemães e Descendentes – do Rio Grande do Sul – na Guerra do Paraguai*, p.148.

¹⁰⁸ A afirmação parece ter sido feita pelo General Tasso Fragoso e encontra-se citada no livro de Luís de Castro Souza, *a Medicina na Guerra do Paraguai*, o qual, por sua vez, retirou-a da obra do Gen. F. de Paula Cidade, *Síntese de três séculos de Literatura Militar Brasileira*, p.496.

¹⁰⁹ TAUNAY, A., *A Retirada da Laguna*, p.50.

o filhinho recém-nascido espostejado por um inimigo, que pelas pernas lho arrancara do colo. Traziam todas no rosto, aliás, os estigmas do sofrimento e da extrema miséria.¹¹⁰

Apesar de ser diferenciada das outras setenta, passando de anônima a heroína, quando atacou para defender o filho, a sua condição de subalterna permaneceu, pois ela não tinha um nome e fazia todo o percurso a pé. Taunay registrou, também, que as mulheres, mesmo diante das doenças, não tinham quaisquer direitos, nem a cuidados, remédios e, muito menos, abrigo.

Nesse mesmo dia 28 morreram algumas mulheres, mais *desamparadas* ainda do que os outros doentes, mais despidas de qualquer socorro e, por causa de sua natural fraqueza, mais assinaladas com o estigma da última miséria.¹¹¹

O autor desse relatório militar, Visconde de Taunay, pesquisador naturalista, com olhar de viajante ilustrado do interior, pretendeu caracterizar a fauna, a flora e o tipo humano exótico do interior. Se José de Alencar criou, no imaginário nacional, a “harmonia racial”, Taunay vivenciou a ilusão dessa possibilidade na relação que manteve com Antônia, índia chané que comprou do pai em troca de um “saco de feijão, outro de milho, dois alqueires de arroz, uma vaca para corte e um boi montaria”. O jovem escritor viveu, então, uma relação apaixonada e intensa:

A bela Antônia apegou-se logo a mim e ainda mais eu a ela me apeguei. Em tudo lhe achava graça, especialmente no modo ingênuo de dizer as coisas e na elegância inata dos gestos e movimentos. Embelezei-me de todo por essa amável rapariga e sem resistência me entreguei exclusivamente ao sentimento forte, demasiado forte, que em mim nasceu. Passei, pois, ao seu lado dias descuidosos e bem felizes, desejando de coração que muito tempo decorresse antes que me visse constrangido a voltar às agitações do mundo, de que me achava tão separado e alheio. Pensando por vezes e sempre com sinceras saudades daquela época, quer parecer-me que essa ingênuo índia foi das mulheres a quem mais amei.¹¹²

O tom apaixonado e humano de Taunay foi substituído, ao referir-se a Antônia em outra obra, por um tom preconceituoso:

¹¹⁰ TAUNAY, A., *A Retirada da Laguna*, p.103.

¹¹¹ TAUNAY, A., *A Retirada da Laguna*, p.119.

¹¹² TAUNAY, A., *A Retirada da Laguna*, p.207.

... vive hoje em Corumbá ou Cuiabá e deve ter quarenta e dois anos, o que significa que deve estar velha e feia mêmê, pois as índias cedo, muito cedo, perdem todos os encantos e regalias da mocidade.¹¹³

Esse amor da juventude talvez possa explicar o fato de sua resolução quanto à publicação tardia de *Memórias*, manuscrito que confiou à Arca do Sigilo do Instituto Histórico Brasileiro, o que foi feito por seus herdeiros:

Estas Memórias só podem, só devem ser entregues à publicidade depois de 22 de fevereiro de 1943, isto é completos cem anos da época do meu nascimento, ou cinqüenta anos de 1893, data em que as hei de depor em lugar seguro.¹¹⁴

Para assimilar essa resolução de Taunay, procurei entender o contexto histórico no qual a obra foi escrita, pois, como ensinou Certeau, é importante identificar o “lugar social” no qual o historiador elaborou sua obra.¹¹⁵

A participação da mulher na Guerra do Paraguai também foi notada por Dionísio Cerqueira, que partiu como soldado aos 17 anos de idade, em 1865, participando da maior parte dos conflitos bélicos no Paraguai e na Argentina. Voltou ao Brasil em 1870, como tenente de infantaria. Escreveu suas reminiscências já na maturidade e confessou “É difícil guardar nitidas na memória, por mais intensas que hajam sido, as impressões de um passado de quarenta anos”. Desejou prestar uma homenagem aos companheiros “que derramaram o sangue pela pátria sem preocupações de glória, só por amor á bandeira.” Em 1864, Cerqueira cursava o 2º ano da Escola Militar e não tinha obrigação de partir, mas, ao ver alguns companheiros em ordem de marcha com marmitas, cantis, baionetas, carabinas, não pode conter-se, na firme convicção de cumprir o dever patriótico:

...achei-os admiráveis e, confesso meu pecado, tive tanta inveja, que não pude mais abrir um livro. Não podia ficar no Rio de Janeiro estudando, quando a pátria reclamava o sangue dos filhos para a sua desaffronta¹¹⁶

¹¹³ TAUNAY, A., *Memórias*, p.222.

¹¹⁴ TAUNAY, A., *Memórias*, p.222.

¹¹⁵ CERTEAU, M., *A Escrita da História*, p.66.

¹¹⁶ CERQUEIRA, D., *Reminiscências da Campanha do Paraguai: 1865- 1870*, p.3.

Cerqueira registrou a presença feminina, com louvor e bravura:

Essas mulheres que seguiam o exército não tinham medo de coisa alguma. Iam ás avançadas mais perigosas levar a boia dos maridos. Nas linhas de atiradores que combatinham encarniçadas, vi-as mais de uma vez achegarem-se dos feridos, rasgarem as saias em ataduras para lhes estancarem o sangue, montal-os na garupa dos seus cavallos e conduzil-os no meio das balas para os hospitaes. Algumas trocavam as amazonas por bombachas nos dias de combates e, as pontas de suas lanças formavam os salientes nas cargas dos seus regimentos.¹¹⁷

Explicou, também, o aumento populacional, que ocorria nos acampamentos:

Não era muito raro ouvir á noite depois do toque de silencio um vagido de creança, que nascia. Na manhã, seguinte, fazia a sua primeira marcha amarrada ás costas de alguma china caridosa ou da propria mãe, que, com a cabeça envolvida num lenço vermelho, cavalgava magro matungo, cuja sella era uma barraca dobrada, presa ao lombo de uma guasca. Esses filhos do regimento creavam-se fortes e, livremente, cresciam nos acampamentos, espertinhos e vestidos de soldadinhos, com um gorro velho na cabeça e comendo a magra boia que com elles e as mães, repartiam os paes, brutaes ás vezes, mas quasi sempre amorosos e bons.¹¹⁸

Ao contrário de Cerqueira, outro memorialista, André Rebouças, que redigiu um minucioso diário, abordou a presença feminina com ironia:

Nada de mais comico do que o embarque d essa pobre Bohemia feminina, que a 6 dias não abandona as trez Pontes nem mesmo á noite, anhelando e precipitando o momento de embarcar e de se ir reunir ao Exército!

As mulheres levão quasi sempre ao hombro 2 ou 3 caturritas (perequitos) e a cabeças barracas, utensis de cosinha, etc., seus maridos ou protetores as seguem, levando, de envolta com o armamento e equipamentos, objectos que com elles formão os mais ridiculos contrastes!.¹¹⁹

José Luiz Rodrigues, em suas *Recordações da Campanha do Paraguai*, traz informações sobre os distúrbios causados pela presença de mulheres no acampamento, a existência de uma prostituição de luxo, bem como os motivos que levaram o General Osório a decidir seu regresso:

¹¹⁷ CERQUEIRA, D., *Reminiscências da Campanha do Paraguai*: 1865-1870, p.307.

¹¹⁸ CERQUEIRA, D., *Reminiscências da Campanha do Paraguai*: 1865-1870, p.68.

¹¹⁹ REBOUÇAS, A., *Diário: A Guerra do Paraguai*, p.125.

Osorio determinou o regresso das mulheres de vida alegre, inclusive viúvas, que a sorrrelfa saltaram no Passo da Patria. Tal celeuma e charivari levantaram, que elle mandou revogar a ordem, deixando o ‘pessoal’ em liberdade ampla de acção...¹²⁰

Continua, porém, comentando o heroísmo de sua conduta:

Ao ribombar do canhão, nos pontos mais perigosos da linha de combate, ellas surgiam a galope, quaes amazonas, acudindo a feridos e correndo aos hospitaes de sangue. Dilaceravam as roupas em ataduras e lá permaneciam até o fim da refrega, attendendo a todos com solicitude carinhosa. Retribuiam com generosidade espontanea o favor da meia ração que recebiam.¹²¹

No início da guerra com o Paraguai, os jornais, que funcionaram como instrumento para incentivar o sentimento de nacionalidade e entusiasmo patriótico da população, transmitiam a muitos jovens brasileiros o amor pela pátria e a vontade de “servir ao Brasil”. O caso mais conhecido de alistamento de Voluntários da Pátria foi bastante registrado pela imprensa da época e por Taunay, que atribuiu a uma mulher um papel significativo na guerra. Apesar de irônico e preconceituoso, constatou que houve até mulheres soldadas como a Sargenta Jovita,:

Chegaram os retratos do Viegas, o meu antigo inspetor, e da interessante Jovita que me pareceu muito engraçada nos seus trajas de primeira Sargenta.

Entretanto Polidoro, como homem de muito juízo e bom censo, fez muito bem não consentindo na partida daquela patriota como soldado. O papel de enfermeira para a mulher que queira dedicar-se é o mais elevado e nobre possível; concilia a dedicação e a conveniência, a abnegação e a dignidade. A piauense devia considerar tudo isso e em lugar de seus instintos belicosos, lembrar-se de que para uma mulher é mais nobre sanar feridas do que as abrir.¹²²

Jovita Alves Feitosa, de dezessete anos, uma jovem piauense de família simples, vestida orgulhosamente de homem, cortou os cabelos e apresentou-se, incógnita, ao Exército. Mas foi logo descoberta, virou notícia, e a sua história chegou aos jornais, sendo retratada pelo *Diário Liga e Progresso*, em 1865.¹²³

¹²⁰ SILVA, R., *Recordações da Campanha do Paraguai*, p.44.

¹²¹ SILVA, R., *Recordações da Campanha do Paraguai*, p.44.

¹²² TAUNAY, A., *Cartas da Campanha de Matto Grosso*, p.119.

¹²³ CUARTEROLO, M., *Soldados de la Memoria*, p.147.

Na época, começaram a surgir, com frequência, reportagens sobre a jovem voluntária, que rompeu com os padrões estabelecidos para uma época em que a mulher desempenhava apenas funções domésticas e permanecia à margem das regras impostas pela sociedade patriarcal. Sua figura despertou polêmicas, nas quais uns defendiam a imagem da mulher soldado e outros a criticavam. No dia 27 de agosto de 1865, o *Jornal do Comércio* publicou o comentário de um autor que usava o pseudônimo de “O Admirado”, que se referia ao fato de uma mulher estar dando o exemplo ao se alistar para os serviços de guerra:

Será possível que o belo sexo de algumas províncias esteja dando o exemplo, oferecendo-se para o serviço de guerra e alguns Srs. Oficiais do efectivo serviço ainda empregados nas fortalezas e comissões outra, que podem ser substituídos pelos reformados!!!¹²⁴

Um outro anônimo, J.M.C., em 14 de setembro do mesmo ano, criticou o presidente do Piauí, Franklin Dória, por aceitar o pedido de alistamento de Jovita. Segundo o autor do artigo, as mulheres deveriam acompanhar os homens, exercendo as mesmas funções que praticavam em casa:

A ofensa mais grave à dignidade dos homens que se prezam e à daqueles que militarão é sem dúvida a presença da jovem Jovita Alves Feitosa nas fileiras do segundo batalhão de voluntários do Piauí... a mulher poderá servir quando muito para fornecer um ou outro cartucho um ou outro cantil d'água... mas não poderá jamais lançar mão de um sabre e bater-se quando se apresentam as ocasiões.¹²⁵

No dia seguinte, outro artigo no mesmo jornal, também escrito por um anônimo, que se nomeava “O Justo”, criticou o artigo anterior, rebatendo a crítica e o preconceito demonstrado e elogiando o presidente da Província do Piauí e a iniciativa da jovem Jovita:

...que mal vem à terra em que se aceite para a guerra a uma casta e interessante jovem que outro impulso não teve em seu coração senão o do amor pátrio?¹²⁶

É interessante observar que essa discussão foi feita somente através de anônimos, o que leva a duas interpretações diferentes: a primeira, que os autores dos artigos eram pessoas

¹²⁴ MATOS, K., *Jovita Feitosa*, p.20.

¹²⁵ MATOS, K., *Jovita Feitosa*, p.22.

¹²⁶ MATOS, K., *Jovita Feitosa*, p.22.

do próprio jornal, que tinham o propósito de acirrar opiniões para vender mais jornais; e a segunda, que os autores eram, realmente, eleitores, mas tinham receio de expressar opiniões em assuntos tão polêmicos. É preciso considerar, também, que a imagem de Jovita foi utilizada pelos jornais como um trunfo, vendida como a imagem de coragem, quando muitos homens fugiam, para não participar da guerra. Foi aceita devido à necessidade de mulheres na frente de combate para o serviço de enfermagem, passou a usar farda com saiote, sendo destinada a um hospital militar.¹²⁷ Sua popularidade cresceu de tal maneira, que um cronista do diário *Liga e Progresso* escreveu:

Todos corríam para verla. Las fotografías se reproducen todos los dias y era raro quien no tuviera un retrato de la voluntaria do Piauí.¹²⁸

De fato, o *Jornal do Comércio*, além de utilizar a imagem de Jovita como elemento de propaganda para a guerra, também comercializava os seus retratos, como pode observar:

Anuncios.

Retrato da Voluntária da Pátria Jovita

Vende-se hoje e também se distribue grátis aos assignantes da Revista Fluminense e a quem assignar desde o 1º número deste periódico; na Rua de Santo Antonio nº26 A, typographia dos Srs.Brito & Irmão. ¹²⁹

Famosa por pouco tempo, teve sua história envolta em mistérios, assim como sua morte, em 1867. Uma versão conta que se suicidou em 9 de outubro daquele ano, ao ver-se esquecida, depois de ter recebido presentes e homenagens de presidentes de províncias e de populares, ao regressar dos combates. Outra versão afirma que ela embarcou para o Paraguai, no vapor Jaguaribe e acabou morrendo na batalha de Acusta Ñu. Não sei se se ela realmente combateu na guerra ou se foi somente uma das ajudantes da Ana Néri, pois não encontrei nenhum trabalho científico sobre ela. Hoje é nome de rua, no Recife (PE), e em Fortaleza (CE).

¹²⁷ DORATIOTO, F., *Maldita Guerra: Traços biográficos da heroína Jovita Alves Feitosa, ex-sargento do 2º Corpo de Voluntários do Piauí*, p.116.

¹²⁸ CUAETEROLO, M., *Soldados de la Memória*, p.147.

¹²⁹ MATOS, K., *Jovita Feitosa*, p.40.

Outro grupo de mulheres analisadas neste trabalho, sem nome e registradas como *as agregadas*, foi o das companheiras dos soldados, esposas ou amantes que os seguiam pelos fortes da fronteira. Assim é que, na Colônia Militar dos Dourados, por meio do Mapa Estatístico da População, de dezembro de 1862, assinado pelo Tenente Comandante Interino José Maurício de Velasco Molin, constatei a presença de mulheres:

Advertencia

Existem como agregadas nesta Colonia seis mulheres, deste numero vierão para esta no corrente mês duas, uma voluntariamente para aqui residir, e outra enviada pelo Sr. Tenente Coronel Comandante deste Distrito 'por ser de ma conducta'.¹³⁰

O envio de uma mulher que tivesse um comportamento transgressor e, portanto, diferente das demais, para regiões mais remotas seria, provavelmente, uma forma de penalizá-la com a prestação de serviços. A análise dos mapas estatísticos da população, nas colônias de Dourados e Miranda, nos anos de 1861 e 1862, em número de cinco¹³¹, permitiu-me traçar um perfil dos militares e civis moradores da região fronteira. Na parte formal, constava a relação nominal dos soldados colonos, sua graduação e estado civil, número de pessoas da família, número de escravos ou criados, total de pessoas e uma observação sobre a origem de cada um dos militares residentes. Em alguns mapas, a redação é perfeita e clara, com assinaturas legíveis, demonstrando algum grau de escolaridade dos comandantes, como o caso do Tenente Antonio João Ribeiro, da colônia de Dourados, que assinou o mapa de julho de 1862. No final da página, com o nome de *advertência*, eram registrados todos os agregados, ou seja, pessoas que não faziam parte do quadro permanente da colônia, como mulheres, crianças, índios camaradas e paisanos. É importante ressaltar que, em nenhum dos mapas analisados, constava o nome desses agregados; que a maioria dos soldados era constituída de solteiros e, portanto, as famílias eram raras, sendo as poucas encontradas pertencentes aos comandantes oficiais; que o maior número de pessoas encontrado foi de 32, em dezembro de 1862, na Colônia de Dourados; e que também foi registrada a presença de paisanos contratados, talvez operários de construção ou agricultores responsáveis pelas lavouras de subsistência.

¹³⁰AHI. Série Correspondência. Governo de Matto Grosso. Offícios. Tomo 4. 1862-1877.

¹³¹AHI. Série Correspondência. Governo de Matto Grosso. Offícios. Tomo 4. 1862-1877.

A presença feminina na guerra também foi mencionada por um viajante inglês, Richard Burton (1821-1890), que esteve por duas vezes em campos de batalha brasileiros, e escreveu em forma de cartas as suas impressões sobre a Guerra do Paraguai. São 27 delas, que dirigiu a um desconhecido, iniciando-as sempre com “Meu caro Z”. Foi um observador atento, minucioso e dotado de grande sensibilidade. Ele relatou a presença de mulheres e assim registrou suas impressões:

Mulheres – mulatas brasileiras e ‘chinas’ argentinas – pareciam fervilhar. Quase todas estavam montadas em amazone e se faziam notar pelos chapéus de palha com a costureira profusão de contas e flores. Destacam-se como cavalcadoras ousadíssimas, sendo difícil mantê-las fora do fogo. Calcula-se de outiva que sejam em número de 4.000, mas não há dúvida de que isso é um exagero. Já seria ruim demais ter apenas uma delas. Algumas fizeram toda a campanha e, como ‘capitães honorárias’, devem abarrotar os hospitais. Meus amigos brasileiros as consideram um mal necessário. O mal eu posso ver, mas não a necessidade. É difícil imaginar algo mais horrendo e revoltante do que essa espécie de feminidade.⁸²

Entretanto, era um homem do século XIX, portanto, avaliou a presença feminina com olhar de puritano estrangeiro e analisou-a, comparando-a com valores próprios da sociedade européia ocidental.

Geralmente, os historiadores que ignoram ou tratam com desdém a presença das mulheres, em sua maioria fazendo menções rápidas a elas quando estão tratando de outro assunto, acabam deixando pistas e não conseguem sepultar as imagens femininas visualizadas. Ao não lhes dar importância, legaram-nos a necessidade de resgatá-las e colocá-las em primeiro plano.

⁸² BURTON, R., *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*, p.329.

CAPÍTULO 3

HEROÍNAS NA GUERRA E NA VIDA COTIDIANA

3.1 FUGITIVAS

Entre dezembro de 1864 e meados de setembro de 1865, o Paraguai invadiu o território brasileiro e argentino. As áreas brasileiras conquistadas, o antigo Mato Grosso e o Rio Grande do Sul, encontravam-se despreparadas, desprotegidas e esboçaram pouca reação. A população viu-se sozinha, diante de um inimigo que planejou uma guerra relâmpago, e tornou-se um alvo fácil para a invasão paraguaia. Em Corumbá, os habitantes, civis e militares, diante da impossibilidade de resistência, fugiram de modo desesperado, desordenado e precipitado, tentando alcançar Cuiabá e regiões distantes em que não houvesse soldados paraguaios. A violência perpetrada a partir da invasão raramente é registrada pela historiografia tradicional e, mesmo recentemente, os autores que tratam desse tema não se preocupam em registrar, de forma sistemática, a agonia e o pânico que as famílias brasileiras foram obrigadas a enfrentar, diante de um inimigo que acreditava que essa região lhe pertencia, e por isso invadia e ocupava o território litigioso com o Brasil. O medo e a insegurança faziam parte de uma situação trágica, porém eram acompanhadas pela esperança de embarcar de qualquer forma, subindo o rio até Cuiabá. Contando com poucos recursos, fugindo a pé por trilhas ou embarcando em canoas, a população foi capturada e aprisionada pelo grosso da tropa paraguaia, que percorria as fazendas, saqueando e levando o gado que encontrava e tudo que tivesse algum valor. As famílias, acompanhadas de velhos e crianças e, por isso, mais lentas, tornaram-se presas fáceis. Alguns que não puderam embarcar e se esconderam nas matas, não conseguindo resistir à fome, voltaram à vila e foram presos.

Fontes que tiveram papel relevante na construção das imagens da mulher na Guerra do Paraguai, encontradas no Arquivo Histórico do Itamaraty, foram os *Autos de Perguntas*¹³² feitos pelo Chefe de Polícia, Doutor Firmo José de Mattos, na Secretaria da Polícia, em 1865, em Cuiabá, aos foragidos de Corumbá, protagonistas e testemunhas oculares da invasão paraguaia. Na capital mato-grossense, a população ficou alarmada com as notícias das fáceis vitórias paraguaias e da visão de refugiados chegando do Sul em condições deploráveis. A partir daí, Cuiabá, mesmo longe do cenário de guerra, sofreu os reflexos de um embargo fluvial e terrestre, com constante ameaça de fome, devido à desarticulação da produção agrícola resultante da invasão. Dessa forma, é compreensível o

¹³² ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATI – Série Correspondência – Offícios – Governo de Mato Grosso – Tomo 4 – Anos de 1862 a 1877.

clima de insegurança e, mesmo, de terror, que se instalou no cenário de guerra e que transparece, com muita clareza, na documentação produzida pelos foragidos. São, ao todo, 14 homens, chamados de *respondentes*, que foram interrogados, principalmente, sobre o que presenciaram durante a invasão e sua conseqüente fuga. Trata-se de um minucioso interrogatório, em que se procurava descobrir tudo a respeito dos invasores e suas reais intenções. São documentos oficiais, de valor inestimável, nos quais estão registradas inúmeras informações e apreciações sobre diversos aspectos da invasão e da forma como foram tratadas as pessoas presas, a maioria das quais constituída por famílias, moradoras da região em conflito. De um modo geral, esses 14 inquéritos¹³³ seguem um padrão de perguntas e respostas, tendo, como foco central, a preocupação de se esclarecer todos os acontecimentos referentes à invasão paraguaia na região fronteiriça, chamada Baixo Paraguai. São os *respondentes*:

- 1) João Paes da Costa Sobrinho, 32 anos de idade, casado, natural de Cuiabá, filho de Joaquim Paes da Costa. Foi interrogado em 24 de fevereiro de 1865.
- 2) José Fernandes Pinto, 41 anos de idade, solteiro, natural de Cuiabá, morador da fronteira do Baixo Paraguai, filho de Salvador José Pinto. Foi interrogado em 25 de fevereiro de 1865.
- 3) Marcelino Lopes de Souza, 41 anos de idade, solteiro, nauta, natural de Cuiabá, filho de Catarina de Souza. Estava em Corumbá a negócios.
- 4) Ricardo da Costa Teixeira, 18 anos de idade, natural de Cuiabá, morador de Corumbá, filho de João da Costa Teixeira. Foi interrogado em 27 de fevereiro de 1865.
- 5) Francisco de Mello, 25 anos de idade, mais ou menos, solteiro, vive de vencimentos que recebe como foguista de vapores, natural da Ilha de S. Miguel, reino de Portugal, morador da Villa de Corumbá, filho de Fernandes de Mello e Maria Theodora. Foi interrogado em 7 de abril de 1865.
- 6) José Batista de Lima, 38 anos de idade, solteiro, vive de negócios, natural da Ilha de (ilegível), Reino de Portugal, morador de Corumbá, onde tinha uma taverna, filho de Antonio Gomes de Lima.
- 7) João Rodrigues de Mattos, 30 anos de idade, mais ou menos, solteiro, sem ofício, vive de agencias, natural de Cuiabá, filho de João Rodrigues de Mattos.
- 8) Gregório Soares de Brito, 42 anos de idade, solteiro, vive de agencias, natural de Cuiabá, filho de Gregório da Silva Soares. Foi interrogado em 8 de abril de 1865.
- 9) Goncalo Paes de Campos, acompanhou Gregório Soares de Brito e Goncalo Leite Pereira para levar duas cartas a Corumbá a João Paes da Costa Sobrinho.
- 10) José Narciso Pereira, 35 anos de idade, solteiro, nauta, natural de Vila do Conde, Portugal, filho de João José de Souza. Foi interrogado em 18 de abril de 1865.
- 11) Joaquim Ferreira Leite, 29 anos de idade, solteiro, ferreiro, natural de Vila Nova do Minho, Portugal, morador de Corumbá, filho de Bernardo Ferreira Leite. Foi interrogado em 18 de abril de 1865.

¹³³ AHI – Série Correspondência – Offícios – Governo de Matto Grosso – Tomo 4 – Anos de 1862 a 1877.

12) Manuel José Duarte, 35 anos de idade, solteiro, nautico, natural de Lisboa, morador de Corumbá, filho de José Fernandes Passos. Foi interrogado em 31 de maio de 1866.

13) Joaquim Barbosa de Alcântara, 33 anos de idade, casado, vive de agencias, roceiro, natural de Pernambuco, morador de Corumbá, filho de Joaquim Barbosa de Alcântara. Foi interrogado em 1 de dezembro de 1866.

14) Joaquim da Silva Leme, 25 anos de idade, solteiro, soldado do 5º Batalhão de Artilharia a pé, natural de Cuiabá, filho de Felisberto da Silva Leme. Foi interrogado em 23 de fevereiro de 1867.¹³⁴

Segue um dos exemplos desses inquéritos:

Auto de Perguntas feitas a José Fernandes Pinto

Aos vinte e cinco dias do mês de fevereiro de 1865, nesta cidade de Cuiabá, e na Secretaria da Polícia, onde se achava o respectivo Chefe Doutor Firmo José de Mattos, presente José Fernandes Pinto, natural desta Província, filho de Salvador José Pinto, com 41 anos de idade, solteiro, morador da fronteira do Baixo Paraguai, pelo mesmo Doutor lhe foram feitas as perguntas seguintes: Perguntado o que sabia dos últimos acontecimentos que se deram na fronteira do Baixo Paraguai entre a força paraguaia e as brasileiras residentes na mesma fronteira. Respondeu que ‘morando abaixo do posto do José Dias e fronteira ao do Mangabal, que fica na margem esquerda do Rio Paraguai, soube ali dos acontecimentos havidos no Forte de Coimbra e Corumbá e que observou que muitas famílias que residiam nesse último lugar tinham se mudado para a Fazenda referida do Mangabal em consequência da invasão paraguaia e que ali existiam para mais de 40 pessoas entre homens, mulheres e crianças. No dia que saiu de seu sítio tinham vistos paraguaios em grande número cercado a Fazenda do Mangabal, e feitos prisioneiros para mais de 300 pessoas que ali existiam [ilegível] e que nessa ocasião observou muitas imoralidades praticadas pelas forças paraguaias com as famílias brasileiras que foram prisioneiras [ilegível] serem arrastadas as senhoras brasileiras, casadas, e donzelas para fins libidinosos e que horrorizado com a cena que observava embarcou em uma canoa, e pelos campos que estavam alagados, seguiu para esta cidade.¹³⁵

De acordo com este testemunho, algumas brasileiras teriam sido violentadas pelo inimigo. Não há notícias sobre as consequências advindas desses fatos. O que se sabe, ao certo, é que os memorialistas, como, por exemplo, Taunay, preferiram omitir tais acontecimentos. A maioria das perguntas seguia um mesmo padrão:

...em que dia ele respondente, sahio desta Cidade com destino a Fronteira do Baixo Paraguai, até onde chegou, em companhia de quem e qual o motivo porque voltou?

...quando saiu de Corumbá e qual o motivo que o levou a abandonar a sua residencia?

...com quem havia encontrado em sua viagem?

...quais as notícias que ele respondente ouvio e de quem?

¹³⁴ AHI – Série Correspondência – Offícios – Governo de Matto Grosso – Tomo 4 – Anos de 1862 a 1877.

¹³⁵ AHI – Série Correspondência – Offícios – Governo de Matto Grosso – Tomo 4 – Anos de 1862 a 1877.

...o que mais sabia a respeito dos feitos das forças paraguaias na fronteira?
 ...que numero de forças paraguaias tem em Corumbá, nos Dourados e em Cuiabá?
 ...se sabia d onde tinha obtido o estrangeiro essa notícia.
 ...se sabe que os paraguaios roubavao as casas dos habitantes de Corumbá.
 ...se sabia que havia sido assassinado algum brasileiro ou estrangeiro?
 ...se em Corumbá havia muitos prisioneiros e quaes elles erao?
 ...se sabia que os paraguaios haviam exigido dos estrangeiros residentes em Corumba assinaturas em papel branco e com que fim?
 ...se consta-lhe haver apparecido em Corumbá um Semanario, em que vinhão agradecimentos de brasileiros prisioneiros aos paraguaios pelo tratamento que tiverão?
 ...se sabia qual era o tratamento que os paraguaios davão as famílias prisioneiras?
 ...de quem, quais eram as famílias?
 ...se não sabia ou não tinha ouvido diser-se que os paraguaios tinhão degolado a alguns brasileiros prisioneiros?
 ...em sua viagem águas acima encontrou com algum vapor inimigo?
 ...quando caiu prisioneiro das forças paraguaias e como tal como esteve?
 ...desde quano achava-se prisioneiros das forças paraguaias e onde esteve durante esse tempo?
 ...que numero de prisioneiros existião em Corumbá?
 ...se as mulheres são bem ou mal tratadas pelos paraguaios?
 ...se sabia que elles pretendião atacar esta capital?¹³⁶

A existência de perguntas feitas aos respondentes prova que havia notícias das violências sofridas pelas mulheres, mas, provavelmente, por se tratar de um assunto secundário ao que se concebia como assunto bélico, não mereceu novas investigações. De fato, D. Ignez Augusta Corrêa de Almeida, presa pelos paraguaios em Corumbá e resgatada por tropas brasileiras quando já tinha perdido toda a sua família, marido e filhos, ao que tudo indica, não prestou depoimento, mesmo morando em Cuiabá, local onde foi realizado o inquérito aos fugitivos de Corumbá.

Por meio da análise dos textos selecionados, procurei compreender de que modo os habitantes de Corumbá reagiram diante de uma invasão que não esperavam, como se organizaram, quais as formas que encontraram para fugir e, quando aprisionados, o que fizeram para sobreviver. Historiadores brasileiros, assim como dois participantes da guerra do lado paraguaio, Thompson e Centurion, autores de relatos equilibrados, afirmaram que

¹³⁶ AHI – Série Correspondência – Offícios – Governo de Matto Grosso – Tomo 4 – Anos de 1862 a 1877.

eram possíveis a resistência em Coimbra e a defesa de Corumbá.¹³⁷ De qualquer forma, não faz parte desse trabalho uma análise criteriosa da situação militar; o que fiz foi tentar descobrir quais os mecanismos de que a população dispunha para a sua defesa, enquanto esperava, ansiosa, uma resolução das autoridades competentes. O abandono da vila de Corumbá foi determinado a 2 de janeiro de 1865, pelo comandante das armas Coronel Carlos Augusto de Oliveira, que seguiu com sua família, seu Estado-Maior e a guarnição de Corumbá com destino a Cuiabá. A partir daí, toda a região ficou exposta à violência e ao saque.

Diante dos relatos da maioria dos 14 respondentes verifico que a população, em pânico e desesperada, não tendo, por parte das autoridades, nenhuma defesa e orientação, procurava, de todas as formas possíveis, alcançar o rio e, depois de uma tremenda jornada através do desconhecido, enfrentando inúmeros obstáculos e perigos e o medo constante de encontrar e cair prisioneira dos paraguaios, sem a menor possibilidade de defesa, chegar até Cuiabá.

José Fernandes Pinto, João Paes da Costa Sobrinho, Joaquim da Silva Leme, José Batista de Lima, Gregorio Soares de Brito, Jose Narciso Pereira, Manoel José Duarte, deixaram testemunhos de várias formas de violências utilizadas pelas forças invasoras:

...os paraguaios em grande numero cercaram a fazenda do Mangabal, e feitos prisioneiros mais de 300 pessoas que ali existiam estacionadas, e que nessa ocasião observou muitas imoralidades praticadas pelas forcas paraguaias com as familias brasileiras que foram prisioneiras, sendo arrastadas as senhoras brasileiras, casadas, e donzelas para fins libidinosos e que horrorizado com a cena que observava embarcou em uma canoa, e pelos campos que estavam alagados, seguio para esta Cidade.

Os paraguaios tinham feito algumas pessoas que ali estavam prisioneiras, e entre elas uma mulher de nome Antonia, cujo filho menor chorando foi morto pelos paraguaios, batendo a cabeça do mesmo na caixa da roda do vapor.

...só existiam ali prisioneiras, cerca de 300 mulheres, brasileiras, tendo seguido para Assunção todos os homens. São maltratadas porque só lhe davão um pequeno pedaço de carne por dia para suas subsistencias, sendo empregadas no serviço de faxina, e castigadas com surras quando cometião qualquer falta.

...os paraguaios haviam cometido um saque geral em todas as cazas, roubando o que encontravão de valor, porem que não lhe consta que ali desrespeitassem as familias, mas que no Mangabal soube terem deflorado a uma moça, filha de um tal Jose Joaquim.

Soube mais que todos os prisioneiros sofriam grande fome pela falta de recursos que havia no lugar. Soube pelo negociante Braga, que os paraguaios não respeitavam as familias e que tanto ali em Corumba como no Mangabal havia se dados fatos de grande imoralidade.

...sendo elles de natureza bruta e sem a menor educação e moralidade muito maltratavão as familias prisioneiras com suas habituaes imoralidades.

¹³⁷ DORATIOTO, F., *Maldita Guerra*, p.101.

...sendo castigadas corporalmente com laços e com espadas, e mettidas em ferro, sempre que cometião qualquer falta.¹³⁸

Pela análise das respostas, cheguei à conclusão de que, sobre a população indefesa, recaiu toda a sorte de violências e infortúnios, principalmente sobre as mulheres, as quais, além de sofrer violências sexuais, eram mantidas vivas, como escravas, para servir as tropas paraguaias ali estacionadas. Aterrorizadas, diante de um inimigo que costumava utilizar a degola para manter o terror, forma de violência freqüentemente utilizada, sofreram fome e frio, eram castigadas constantemente, sendo mantidas a ferro, e muitas eram mortas quando tentavam fugir. Tinham que plantar, lavar, cozinhar e transportar mercadorias. Terminada a guerra, o sofrimento teria continuidade.

¹³⁸ AHI – Série Correspondência – Offícios – Governo de Matto Grosso – Tomo 4 – 1862 a 1877.

3.2 VIÚVAS E DESCENDENTES DOS COMBATENTES

Nos requerimentos de pedido de pensão, feitos pelas viúvas, mães, filhas e irmãs dos combatentes mortos na Guerra, encontrados no Arquivo Histórico do Exército (Divisão de História Militar), local onde poucos têm garimpado, encontrei informações sobre mulheres que pulsam ocultas em nossa história, mas se encontram prisioneiras submissas de um universo masculino. Os dados disponíveis nos processos permitiram-me traçar um perfil social dos envolvidos: nomes dos combatentes, certidões de nascimento, casamento e batismo, dia, mês e ano de suas mortes; em alguns casos, nome da batalha e do hospital em que morreu o combatente, a *causa mortis*, sua fé de ofício e folha corrida, certidão das Secretarias de Estado dos Negócios do Império e da Guerra. Das mulheres requerentes, denominadas de *supplicantes*, que pediam os benefícios, consta o seguinte: nome, idade, local de nascimento e casamento, tipo de parentesco que tinha com o combatente (esposa, mãe, irmã e filha), prova de que era alimentada pelo militar (no caso específico de irmãs), nome de testemunhas, assinaturas de escreventes, assinaturas de pessoas que representavam a rogo uma parte contratante, em razão desta não saber ler e nem escrever, requerimentos à Majestade Imperial, ao Cônego Vigário, ao Vigário Paroquial, ao Inspetor Provincial, à Secretaria do Tesouro e Secretaria Do Estado dos Negócios de Guerra. Também constam, nesses documentos, os decretos da legislação militar que embasavam todos esses pedidos.

Em número de quinze, esses requerimentos,¹³⁹ nove de esposas, quatro de filhas e dois de irmãs, apesar de poucos, além de permitirem visualizar uma parte do universo em estudo, também possibilitam perceber o alcance e controle do governo imperial e provincial sobre as mais diversas regiões do país, e que, por meio desses processos, indiretamente remetia ao controle da vida privada, que é um espaço de especificidades e de diferenças contidas em uma dada realidade histórica, mas que *precisa deixar de ser uma zona maldita, proibida e obscura*¹⁴⁰.

¹³⁹ O pesquisador não tem acesso ao local onde se encontra esse material. Consta que, no porão do Palácio Duque de Caxias, estão depositadas 2.198 caixas de documentos, amontoados sem nenhuma organização. Para se pesquisar, é preciso confiar, inteiramente, nas informações que se recebe, ficando-se, portanto, dependente e subordinado a intermediários, nesse caso específico, os soldados que trabalham nesse arquivo, que tem, como responsáveis, os Tenentes Historiadores Marcos Paulo Mendes Araújo e Alcemar Ferreira Junior.

¹⁴⁰PERROT, M., *História da Vida Privada*, p.9.

Um significativo número de mulheres que, direta ou indiretamente, foram afetadas pelas perdas humanas causadas pela Guerra do Paraguai, passou a requerer seus direitos, solicitando pagamento de pensão e meio soldo, para sustentarem não só a elas, como também aos filhos, sempre numerosos e, em muitos casos, progenitores velhos e doentes. As alegações giram em torno da pobreza a que estavam submetidas e da dependência do homem para provimento das suas necessidades. O decreto que regulamentava a forma que deviam ser instruídas as petições de remunerações de serviços militares, de n.º 89, de 31 de julho de 1841, observava o seguinte:

Nenhuma petição de serviços militares Me poderá ser apresentada a despacho se não for acompanhada dos seguintes documentos originaes, competentemente legalizados: 1º, folha corrida, com data que não exceda de seis mezes, pela qual o pretendente se mostre livre de culpa, assim no foro criminal e civil, como no militar: 2º, certidão das Secretarias de Estado do Negócio do Império e da Guerra, com a referida data, declarando as mercês que o mesmo pretendente houver tido, ou que nenhuma há recebido: 3º, fé de offício, na qual deverão constar especificadas e circunstancialmente os serviços de que se pede remuneração; devendo esta ser substituída, a respeito das partes que não forem militares, pelas atestações mencionadas nas disposições 5º. 6º, Todas as petições de remuneração de serviços militares serão dirigidas pela Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra; a qual, mandando ouvir o Procurador da Corôa, Soberania e Fazenda Nacional, as transmittirá, com o parecer do Ministro da Guerra, á Secretaria de Estado dos Negócios do Império, se as Mercês pedidas forem da natureza daquellas que só por esta Repartição podem ser expedidas.

José Clemente Pereira, do Meu Conselho Ministro e Secretario de Estado dos Negócios da Guerra o tenha assim entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em trinta e um de Julho de mil oitocentos quarenta e um, vigesimo da Independencia e do Imperio.¹⁴¹

Com a Rubrica de Sua Majestade o Imperador

José Clemente Pereira.

Se ao Estado cabia indenizar essas perdas, às mulheres cabia provar a sua relação de parentesco com o combatente, para obter a indenização de meio soldo a que faziam jus. Já no começo da Guerra, em 24 de setembro de 1865, havia uma preocupação do Exército com o amparo das famílias dos soldados que se encontravam em combate. Procurava-se localizá-las para que pudessem ser amparadas, como podemos observar na Ordem do Dia n.º 99, despachada do “Quartel General do Commando em Chefe do Exercito em operações no Mandosoby – Chico”:

Sendo necessário que o Governo Imperial fique informado do pessoal e mais circumstancias das familias dos officiaes que compõem este Exercito, a fim de que por falta d’ este conhecimento não sejam prejudicados os seus direitos ou retardada a satisfação d’ estes. S. Exc. O Sr. General Cammandante em Chefe

¹⁴¹ LEIS E DECISÕES. Coleções das Leis do Império do Brasil. 1841. Parte II, tomo IV, p. 40/41.

ordena que, cada um dos Sr. Officiaes do mesmo Exercito remetta directamente a este Quartel General uma relação com declaração dos nomes de sua esposa, e filhos, assim como do lugar em que residem: devendo os que não forem casados ou que não tiverem filhos legitimados, fazer igual declaração a respeito de suas mães e irmãs viúvas ou solteiras, que vivam as suas expensas.

Os Srs. Commandantes de Corpos deverão fazer o mesmo em relação as praças de pret¹⁴² do seu commando tanto actuaes, como as que de qualquer maneira, venhão fazer parte de seu corpo.¹⁴³

Innocencio Velloso Pederneiras

Tenente Coronel Deputado do Ajudante – General

Apesar de ordens como esta demonstrarem zelo e preocupação para com as famílias dos oficiais combatentes, havia, ao contrário, uma outra realidade, caracterizada pelo total descaso e preconceito para com as famílias dos não oficiais e menos graduados e que, naquela época, representavam a quase totalidade dos efetivos do Exército, sendo que a legislação militar vigente não os protegia. Os estudos de caso, tomados e exemplificados a seguir, devem ser considerados como pistas possíveis para se entender o universo daquela época, em que a mulher tentava sobreviver em um mundo de homens.

Anna Joaquina do Sacramento Jesus, esposa do “praça de pret”, Manoel Francisco Dias, que, por seu marido não pertencer ao quadro dos oficiais, não teve direito ao benefício militar, apesar de ter enviado requerimentos a todos os órgãos competentes para essa questão: “1) Comando em Chefe de todas as Forças Brasileiras em Operação contra o Governo do Paraguai – Quartel General em Tyu-Cuê. 2) Secretaria d’Estado dos Negócios da Guerra. 3) a Majestade Imperial. 4) ao Conego Vigario. 5) ao Vigario Paroquial. 6) ao Inspector Provincial. 7) a Secretaria do Thesouro.”¹⁴⁴ Como resposta, recebeu o seguinte aviso:

Secretaria de d’Estado dos Negócios de Guerra

Repartição do Ajudante General em 5 de fevereiro de 1868

S.EX. o Sr General Marques de Caxias, em seo incluso officio de 26 de dezembro do anno findo, dis que, informado como lhe fora determinado em Aviso de 3 do dito mês, sobre apreensão de Anna Joaquina do Sacramento Jesus, que pede uma pensão allegando Ter fallecido em combate seo marido o Voluntario da Patria do Corpo de Policia de Sergipe, Manoel Francisco Dias, ocorre-lhe o dever de declarar que não tem sido pratica conceder-se pensoes a viúvas de praças de pret.

¹⁴² Pronuncia-se pré: era o soldado raso ou praça rasa.

¹⁴³ GUERRA DO PARAGUAI.1865-1870.Ordens do Dia. p.52.

¹⁴⁴ Arquivo Histórico do Exército. Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

A Secção submete a V. Ex. ^a o Snr. Ministro o incluso requerimento da Suplicante acompanhado da informação desta Secção Nº 1457 de 23 novembro ultimo, a fim de receber o necessario despacho.

Antonio Domingos Ferreira Bastos

Major Empregado da 1ª Secção.¹⁴⁵

Esta situação perdurou até 1893, quando o Vice Presidente da República, Floriano Peixoto, determinou ao Ministério da Guerra, por meio da Repartição de Ajudante General, no Rio de Janeiro, que decretasse a Ordem do Dia nº 493, em que concedia, às famílias das “praças de pret” do exército, da armada, da guarda nacional, dos corpos de polícia, e de outras corporações militarmente organizadas, que faleceram em combate ou em consequência de ferimentos nele recebidos, a percepção do soldo correspondente ao posto respectivo.

A expectativa do recebimento de um auxílio em forma de pensão, ou de outros benefícios, encorajava essas mulheres a endereçarem suas reivindicações à “Secretaria d’Estado dos Negócios da Guerra. Necessitando de amparo jurídico, quando dirigiam uma petição às autoridades, elas geralmente recorriam à interferência de pessoas habilitadas e conhecedoras das leis, já que a maioria era analfabeta, morava em regiões *assas longiquas* e terceiros teriam que assinar por elas “a rogo”, o que justificava a semelhança dos documentos assinados. Elas próprias raramente se manifestaram de forma direta e objetiva. Seus depoimentos eram colhidos e, muito provavelmente, distorcidos por força dos valores e das convenções de época. De todos os requerimentos analisados, um único caso foi observado em que a *supplicante* passava uma procuração a um parente próximo, nesse caso específico, seu filho, para que reivindicasse seus direitos, sendo que ela própria assinou a solicitação, demonstrando sua condição de alfabetizada. Foi o caso de *D. Anna Joaquina de Leivas Barros*, viúva do Tenente Coronel Cirurgião-mor de Divisão, *Dr. Polycarpo Cesario de Barros*, que pediu uma pensão, “allegando os relevantes serviços de seu finado marido, já na pas e já na guerra, por espaço de 42 annos, em cujo período de tempo esteve sempre no effectivo serviço de sua profissão, sem jamais se negar a sacrificios de qualquer natureza”.¹⁴⁶

Por este Particular instrumento de ‘Procuração’ constituo meu filho Marcos Cesar de Barros, meu bastante ‘Procurador’, afim de requerer tudo que for mister

¹⁴⁵ AHE. Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

¹⁴⁶ AHE. Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

a bem do benefício do melhoramento do soldo a que tenho direito, pelo meu falecido marido. Para clareza vai esta por meu punho firmada.

Corte 18 de maio de 1887

Anna Joaquina de Leivas Barros¹⁴⁷

Por meio do comunicado abaixo, encontrado em um jornal da época, pude observar indícios da existência de bacharéis habilitados que advogavam em causa dos militares da Guarda Nacional, dos Voluntários da Pátria e dos flagelados da guerra, como viúvas e órfãos, que recorriam a esses profissionais para obterem o auxílio que julgavam ser-lhes devido. Ao que tudo indica, a presença desses anúncios demonstrava um esquema bem montado para atender os soldados e suas famílias:

Aos Voluntários da Pátria, Guarda Nacional e todos aquelles que tem seus direitos a reclamarem.

O abaixo assinado, advogado e morador na Côrte, requer atrasados de campanha que cahirão em exercício findo, mandando os interessados suas baixas em original informando quaes os batalhões e companhias que esteve e os mezes do anno que se lhe deve.

Requer os meio-soldos, e pensão que competem as viuvas e filhas.

Requer as medalhas de campanha, e honra dos postos que alcançarão na guerra.

Requer qualquer reclamação que tenham com o Governo Imperial.

Mandarão procuração com poderes especiais.

O seu trabalho é módico e pago depois de concluído.

Rio de Janeiro, 15 de junho de 1875.

O advogado, Dr. Simeão Estellite de Paulo e Silva.¹⁴⁸

D. Maria Isabel Prestes Cardoso Pinto fez-se representar por um advogado que, seguindo os meandros da lei, enviou o seguinte requerimento, endereçado à Majestade Imperial:

Senhor

O Advogado – Joaquim Antonio Faria d’Abreu e Lima, vem respeitosamente requerer a V. Majestade para que se Digne mandar que se restitua a Supplicante a Procuração que juntou a petição de sua constituinte D. Maria Isabel Prestes Cardoso Pinto, residente na província do Pará, na qual pedio por certidão pela Pagadoria das Tropas da Corte, qual a consignação que seu falecido filho, o Ten. Ajudante do 6º Batalhão de Voluntários da Pátria Frederico Albano Cardoso Pinto lhe deixou de seu soldo, partindo para o theatro da guerra; – visto como sem a mesma procuração não pode a supplicante continuar a requerer a

¹⁴⁷ AHE. Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

¹⁴⁸ A SITUAÇÃO., Cuiabá, 22 set. 1875.

bem dos direitos de sua Constituinte, e a Província do Pará é assas longiqua para que a supplicante sem perda de tempo possa obter nova procuração.

O Advogado

Joaquim Antonio Faria d'Abreu e Lima

1 de abril 1867 ¹⁴⁹

Em todos os requerimentos analisados, observo tons de súplicas e pedidos de clemência, bastante veementes, principalmente aos endereçados a Sua Majestade Imperial. *D. Anna Emilia da Rocha*, em 17 de julho de 1869, da Cidade de S. Luiz, no Maranhão, e irmã do Capitão do Exército Antônio Raimundo da Rocha, falecido na Campanha do Paraguai em 12 de abril de 1867, além de ter que provar que era alimentada por seu irmão, dirigiu um requerimento a Sua Majestade Imperial: “a paupérrima irmã honesta de um servidor do Estado, que perdeu a vida na pugna da causa da civilização contra a barbaria, e defesa da Patria ultrajada por inimigos externos” Vale a pena ressaltar que termos como “civilização contra a barbaria”, muito usados nesses documentos, nunca caíram em desuso, sendo uma constante em toda a historiografia da época, permanecendo até nossos dias, bastante freqüentes em textos que têm como objeto central a Guerra do Paraguai.¹⁵⁰ Um universo desconhecido, de abandono, solidão e miséria, que todas essas mulheres tinham que enfrentar para conseguir um sustento para a família, não havendo nenhum caso, entre todos os analisados, em que o pedido de pensão fosse feito somente para a requerente. Outro exemplo semelhante foi o de *D. Angélica Theodora de Jesus*, residente na cidade de Diamantina, Minas Gerais, viúva e mãe de um combatente que morreu no Hospital Militar de Cerrito, depois dos combates de setembro de 1866, durante a Campanha do Paraguai, “que veio submissa implorar uma pensão, devido ao ceu estado de viuvez e de miseria”:

O Snr Ministro do Império, com Aviso de 2 do corrente remete, para ser processado por este Ministério, o incluso requerimento documentado, em que Angélica Theodora de Jesus, pede uma pensão, allegando que seu filho o Voluntário da Pátria José João de Aquino falleceu na Campanha do Paraguay.

O requerimento da Supplicante não pode ter andamento sem que ela apresente folha corrida e Certidão das Secretarias da Guerra do Império, declarando as mercês que houver tido ou que nenhuma há recebido na forma do Decreto número 89 de 31 de julho de 1841.

Secção de Exame em 8 de outubro de 1873.

O chefe da Secção

¹⁴⁹ AHE. Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

¹⁵⁰ Ver, por exemplo, Fancisco Alambert, *Civilização e Barbárie, História e Cultura- Representações Culturais e projeções da Guerra do Paraguai nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República*, p.8.

Em resposta a esse requerimento, o encarregado, Lopes da Costa, respondeu que “a suplicante deve juntar os documentos que faltão e são exigidos por lei”: casamento, batismo, óbito, atestado de pobreza e honra, fornecidos pelo vigário da paróquia e pelo inspetor de quarteirão da sua cidade de origem e todos os outros de origem militar.

No requerimento datado em 19 de novembro de 1875, enviado do Rio de Janeiro e endereçado ao vigário e sub-delegado da Freguesia do Santo Antônio dos Pobres, *D. Maria Geronima Cardoso de Azeredo*, “allegando achar-se balda de recursos, com 68 annos de idade, tendo-se conservado sempre com a maior honestidade no estado de viuvez, e sem meios de viver hoje com tão mesquinho vencimento, hoje! que tudo está tão caro”,¹⁵² solicitou esses comprovantes, sem os quais ela não poderia obter o meio soldo a que julgava ter direito, por ser viúva do Capitão Felipe Ferreira de Azeredo. Em resposta a seu pedido, o vigário e o delegado, “ungidos de autoridade”, enviaram os seguintes atestados:

Attesto que a Supplicante é muito pobre; sua conduta moral é digna de louvor o que confirmo. Matriz de Santo Antonio, 19 de novembro de 1875.

Conego Vigario, Ernestiano José do Amaral.¹⁵³

E mais:

Attesto que a Supplicante é pobre e quanto ao seu comportamento nada tenho a declarar em ceu desabono. O referido é verdade e juro sob a fé do meu cargo. Inspetoria da Freguesia de Santo Antonio.

José Antonio de Espírito- O Inspetor¹⁵⁴.

Parece ter bastante influência a questão moral, sendo constante, em todos os requerimentos analisados, a necessidade de comprovação da honestidade, dignidade e comportamento, de modo que o atestado de honra foi um dos documentos principais exigidos por lei para que a requerente pudesse conseguir o benefício. De fato, a sociedade,

¹⁵¹ AHE. Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

¹⁵² AHE. Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

¹⁵³ AHE. Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

¹⁵⁴ AHE. Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

tal qual o exército, era um todo heterogêneo e, no século XIX, patriarcal; a separação entre os sexos era evidente e regida por um duplo padrão de moralidade, sendo que o código de honra do homem era diverso do da mulher. Os homens eram destinados à vida pública, comercial, política, militar – e as mulheres à vida privada, ao lar, aos filhos e à espera constante do homem, de volta à família. A mulher que ousasse viver de um modo diferente desse código de ética e que fugisse aos padrões estabelecidos, como, por exemplo, arranjando um novo companheiro, pagava um alto preço, já que não conseguia os atestados de honra do pároco e do inspetor de quartelão do seu município, exigidos pelo Exército para que pudesse conseguir o benefício.

Apesar de ser, também, por lei, um dos documentos exigidos para a obtenção de benefícios militares, não encontrei nenhum registro de batismo no material analisado, sendo que seus detalhes poderiam revelar elementos importantes para a compreensão do espaço social estudado. Vários fatores podem esclarecer a situação deficitária em que se encontravam os documentos paroquiais no século XIX: a imensidão do território, o isolamento dos povoados, a vastidão das dioceses, o baixo número de párocos, entre outros. A perda da documentação eclesiástica deve-se, também, às condições deficientes de conservação e da negligência com que essa documentação foi tratada pelas autoridades da Igreja. O padre Amado Decléene, procurando, em 1971, documentos solicitados pela Cúria Metropolitana de Cuiabá, respondeu que dificilmente encontraria tais informações “porque houve um chanceler muito devoto de limpeza, que queimou muita coisa dita velha”.¹⁵⁵ Muitas paróquias ficaram, durante vários anos, vacantes e apresentam lacunas nos arquivos paroquiais conservados até o momento. Por ficar, por vários anos, desprovidas de párocos, seus registros perderam-se ou se extraviaram e, quando havia padres, estes eram, muitas vezes, obrigados a se deslocar por quilômetros para celebrarem casamentos, batismos, anotando os registros em pequenos cadernos ou folhas avulsas, para depois transcrevê-los nos livros apropriados, na sede da paróquia, o que poderia, eventualmente, levar à perda de alguns registros ou de alguma informação. Parece ser uma constante, no século XIX, a desorganização da Igreja Católica, no âmbito da América portuguesa e espanhola. Também no Paraguai, a documentação eclesiástica era uma fonte bem problemática, como demonstra o seguinte trecho:

Muchas parroquias estaban abandonadas y eran atendidas precariamente por el clérigo de un pueblo vecino. A causa de la mala formación y del escaso control

¹⁵⁵ MARIN, J., *O Acontecer e “Desacontecer” da Romanização na Fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*, p.26.

de parte del obispado, muchos sacerdotes llevaban los libros en forma muy negligente. Por eso, los registros de matrimonios en el siglo XIX contenían mucho menos informaciones que los europeos, lo que no significa, sin embargo, sólo dejadez de los sacerdotes sudamericanos, sino también implica que se atribuía menor importancia a esta institución. Los libros de bautizos en general están mejor llevados; por cierto, la mayoría de los niños paraguayos eran bautizados en la casa inmediatamente después del nacimiento. Unos meses después se realizaba la administración de los santos óleos y la inscripción en los registros. Pero si no había párroco en el pueblo, esto a veces se omitía en los registros.¹⁵⁶

Considerando-se a organização da Igreja em âmbito regional, a efetivação dos assentos do registro vital poderia variar, não apenas de diocese para diocese, como de paróquia para paróquia. Como o ato de batizar e de lavrar os assentos era uma das funções dos párocos, é possível inferir que a eficácia da obrigatoriedade de batizar as crianças resultava mais do esforço deles do que dos próprios pais. Num estudo recente sobre a ilegitimidade na Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá, na província de Mato Grosso, no século XIX, foram observadas falhas e ausência de dados nas atas de batismos; em alguns casos, não havia a ordem cronológica de datas de nascimentos¹⁵⁷. Mas isso, ao contrário, não acontecia no caso do parentesco espiritual, e mostra o zelo dos párocos em nunca deixar em branco os campos que se referia ao nome, profissão, ensinamento da doutrina cristã e os bons costumes dos padrinhos escolhidos pelos pais, evidenciando preocupação em obedecer ao que dispunham as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia¹⁵⁸. O sacramento do batismo possibilitava a ampliação do círculo de parentesco entre pessoas das mais variadas classes sociais, ao tempo em que reforçava os vínculos entre indivíduos de uma mesma família. Os pais procuravam eleger para padrinhos de seus filhos homens cuja profissão era a militar. A relação de compadrio com os militares, de certa maneira, era selada pelas relações de caserna.¹⁵⁹

A Igreja fazia-se presente, também, em outros momentos da vida cotidiana, como no caso dos funerais, sendo a certidão de óbito outro documento exigido nos processos de

¹⁵⁶POTTHAST-JUTKEIT, B., “*Paráiso de Mahoma*” o “*País de las mujeres*”?, p.85.

¹⁵⁷PERARO, M., *Fardas, Saias e Batinas* : a ilegitimidade na Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá, 1853-90, p. 109.

¹⁵⁸ Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, feitas e ordenadas pelo Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo do dito arcebispado e do Conselho de Sua Majestade, propostas e aceitas em o Sínodo diocesano que o dito senhor celebrou em 12 de junho do ano de 1707, título XXII, § 979.

¹⁵⁹PERARO, M., *Fardas, Saias e Batinas*: a ilegitimidade na Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá, 1853-90, p. 257.

pedido de pensão das viúvas. Mas, nesses casos específicos, não era a Igreja que os elaborava; devido ao estado de guerra em que se encontrava o país, estes eram fornecidos, em sua grande maioria, pelos médicos e enfermeiros que atendiam aos combatentes nas enfermarias militares, como consta o processo movido por *D. Amélia da Silva Telles*, do Rio de Janeiro, em 28 de março de 1868, em que pediu uma pensão, por ser viúva do Capitão de Comissão Jayme da Silva Telles, falecido na enfermaria da Cidade do Rio Grande, na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul:

Enfermaria Militar Permanente na Cidade do Rio Grande 24 de janeiro de 1868

Tem alta d'esta Enfermaria por ter fallecido o Snr Capitão o 6 Corpo Provisorio de Guardas Nacionaes, Jayme da Silva Telles, com 36 annos de idade, filho do Snr Major Joaquim da Silva Telles Queiros, natural desta Provincia, socorrido por bordo do Vapor S. Paulo, até 22 do corrente, e por esta enfermaria até a presente data.

Molestia Entero-Colite

Dr. João Romão Pedro

José Carlos Aveiro

Enfermeiro-Mor¹⁶⁰

É interessante observar que, em quase 100% dos casos analisados, as mulheres estavam envoltas em uma hierarquia que as fazia diferentes das outras mulheres, as outras “sem eira, sem beira” e sem sobrenome. Era uma distinção social, referente à designação de “Dona”, o que pode ser explicado em decorrência do posto ocupado por seu marido, revelando um *status* social somente concedido às mulheres pertencentes à elite colonial. De fato, mulheres cujos maridos pertenciam a carreiras políticas, administrativa e militar eram distinguidas das outras que não tinham marido “de papel passado”, família e posses, tendo somente o pré-nome, refletindo uma época em que a maioria das mulheres tinha total dependência do homem. No caso específico das famílias de militares, posso citar como exemplo:

Em 12 de outubro de 1882, o capitão Jesuíno Dioclesiano de Sousa Bruno e Dona Joana Dolores Lara, moradores da Paróquia de São Gonçalo de Pedro Segundo, que pretendiam unir-se pelo matrimônio, compareceram diante da Justiça Eclesiástica. Ele, soldado do Oitavo Batalhão de Infantaria em Cuiabá, natural da Bahia, 43 anos de idade, e ela, paraguaia, com 23 anos, encaminharam petição ao provisor vigário geral de Gêner e Casamentos, monsenhor José

¹⁶⁰ AHE. Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

Joaquim Graciano de Pina, par que fosse admitida a eles permissão para justificar que eram livres e desimpedidos para contrair novas núpcias.¹⁶¹

Mas, e as outras, as não casadas, as que não tinham direito ao cerimonioso “Dona”, como vislumbrá-las? Aquelas Maria Sem Nome, seguidoras dos soldados nas batalhas, as andarilhas e vivandeiras que não tinham rosto, aquelas “transparentes”, a que a história se nega mencionar? Sentindo, participando ou vivendo o começo e o fim de uma guerra, ficaram excluídas de uma memória histórica. As raras personagens femininas, lembradas através de poucos memorialistas e que, hoje, estão sendo lentamente resgatadas pela “história das mulheres”, procuram ganhar espaço para contar, finalmente, a sua história. Aquelas mulheres simples do povo, entre muitas outras, das quais só sobraram alguns fragmentos, como a preta Ana, de Taunay, ou Ana Mamuda, de Luis de Castro, como Aninha Gangalha e Maria Fusil, do Forte de Coimbra, ou como a segundo-sargento Jovita, “muito engraçada em seu uniforme”, voluntária das tropas brasileiras, que demonstrou uma posição contestadora para os padrões da época? E as personagens de Mato Grosso e Rio Grande do Sul, únicos estados brasileiros que tiveram seu território invadido, onde estão? Representando uma ampla parcela da população, ficaram desconhecidas e pobres, completamente abandonadas à falta de recursos, sem direito à cidadania e aos benefícios concedidos por lei, quando perderam seus companheiros mortos nas batalhas. Violentemente excluídas, devido à falta de um casamento legal, não lhes foi permitido alcançar sua plena condição humana através da ação jurídica, que daria direito a uma pensão. Mas, se algumas eram seguidoras e companheiras dos militares, porque não se casavam?

Apesar de este não ser o tema central desta dissertação, devo fazer aqui algumas considerações sobre a questão do matrimônio, já que, naquela época, existia a preocupação, por parte de autoridades militares, com a proteção das famílias, inclusive por meio da legislação, como o decreto nº 89, de 31 de julho de 1841. Apesar disso, tendo a garantia do recebimento dos benefícios dados por lei, por fatores variados, os casamentos, de um modo geral, eram pouco numerosos. Todos os documentos exigidos deviam ser solicitados a duas esferas de poder masculino, a Igreja e o Estado, as quais justificavam a

¹⁶¹ Sobre a presença de mulheres emigradas para o Mato Grosso, uma das regiões que mais as absorveram como conseqüência da guerra, ver Maria Adenir Peraro, *Fardas, saias e batina: a ilegitimidade na Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá, 1853-90*, especialmente a Parte III: “A remissão do pecado, item III.2: Errantes e Aventureiros: o sentido do matrimônio e os tratos ilícitos”, p. 195 a 232. Embora a imigração de paraguaias para Cuiabá não seja o objeto central do trabalho, a autora analisa vários casos de mulheres paraguaias que seguiram os soldados para o Mato Grosso em decorrência de casamento ou união consensual.

instalação de um aparelho burocrático que afirmava o poder da Igreja no Novo Mundo e garantiam o povoamento, a segurança e controle social na Colônia. Mary Del Priore, ao investigar a trajetória da mulher brasileira desde o início da colonização até o período que precedeu a independência, faz uso, além de outros documentos, dos processos eclesiásticos. Esse exame permitiu, à historiadora, registrar a ação da Igreja, que considerava o casamento um mecanismo de ordenamento social, e a “família, um palco para uma revolução silenciosa de comportamentos, que se fechavam em torno da mulher, impondo-lhe apenas e lentamente o papel de mãe devotada e recolhida”.

O casamento foi imposto no Brasil, tanto pela Igreja como pelo Estado. A primeira, desejosa de implantar na Colônia o projeto de difusão do catolicismo e das normas tridentinas, por intermédio de famílias constituídas legalmente, por meio de um discurso sobre a moral conjugal e a indissolubilidade do casamento, objetivando, assim, o modelo católico de constituição da família, como espaço de controle da Igreja sobre a população. Por meio do Estado, que tinha interesses no povoamento e manutenção da segurança da Colônia, o casamento cristão impôs-se, também, como uma necessidade da elite branca e dirigente, visando assegurar seus direitos patrimoniais. A família era o elemento essencial da produção, assegurando o funcionamento econômico e a transmissão dos patrimônios. A partir da segunda metade do século XIX, em nome da civilização e da modernidade, a população passava, então, a ser alvo do Estado Imperial, que via a família como criadora da cidadania e da civilidade, e que tinha interesse em adequá-la aos novos padrões culturais europeus, passando, então, a ser reeducada, disciplinada. Para a mulher da elite do século XIX, o casamento era a única alternativa para adquirir *status* econômico e social e ela era pressionada por toda a sociedade, principalmente pela família e pela Igreja.

A análise documental permitiu-me perceber as determinações da Igreja Católica relativas à vida privada dessas mulheres, ou seja, a necessidade de comprovação do estado de casamento, com depoimentos de testemunhas, assim como a apresentação do registro de batismo e atestado de pobreza e honestidade emitidas pelo vigário geral da paróquia e pelo delegado da Freguesia em que elas residiam.

Com o Concílio de Trento (1545-1563), é que se tornou realidade o estabelecimento da exigência de se registrar, nas Igrejas, os casamentos e batismos. Mas isto foi formalizado somente no início do século XVIII, com as Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia (1707), mecanismo legal que buscava adaptar a legislação decorrente do concílio tridentino às peculiaridades da Colônia, e que dispunha dos

instrumentos de controle sobre múltiplos aspectos da vida de livres e de escravos. Eram divididas em cinco livros, e ficaram em vigor até o século XIX. Reafirme-se, portanto, que um dos instrumentos utilizados pela Igreja para atingir a normatização da população constituía-se na imposição dos sacramentos – casamento e batismo – e, por conseguinte, na valorização da família cristã, o que, na Colônia, era considerado como “um ideal a ser perseguido, uma garantia de respeitabilidade, segurança e ascensão a todos os que o atingissem”.¹⁶²

Em estudo sobre os processos matrimoniais paulistas de finais do século XVIII e início do XIX, e outras fontes comprobatórias da maior burocratização do casamento eclesiástico naquela época, são expostas as dificuldades financeiras e burocráticas impostas pela Igreja ao casamento legal, sendo o processo matrimonial caro, lento e complicado, exigindo, dos noivos, variados documentos e grandes despesas, inclusive certidões de batismo, atestado de residência e certidões de óbito do primeiro cônjuge, no caso de viúvos. Esses estudos demonstraram, também, a frequência de casais que se uniam no Brasil colonial sem passar pelo sacramento do matrimônio, em decorrência das dificuldades burocráticas impostas pela Igreja.¹⁶³ Quando existiam impedimentos, sobretudo de parentesco, a Igreja, tradicionalmente, cobrava pelas dispensas que julgava cabíveis. Na falta de alguns desses papéis, os noivos poderiam recorrer a testemunhas idôneas. Nesse caso,

...a tendência para o concubinato não pode, portanto, ser encarada apenas como uma questão de libertinagem, mas também como a resultante de obstáculos econômicos à celebração do casamento.¹⁶⁴

Muitos historiadores têm alegado variadas razões para a generalização do concubinato entre as camadas populares, mas todos parecem vinculá-la, principalmente, ao alto custo do sacramento e aos complicados trâmites burocráticos.¹⁶⁵ Mas, para outros, o problema deve ser posto em outros termos, além do econômico. Para alguns, no Brasil, o sentido do casamento, para o grupo social mais pobre, era diferente daquele da elite; eles

¹⁶² VAINFAS, R., *Trópico dos Pecados*, p.100.

¹⁶³ SILVA, M., *Sistema de casamento no Brasil colonial*, p.47-56.

¹⁶⁴ SILVA, M., *Sistema de casamento no Brasil colonial*, p.49.

³⁵ Caio Prado Júnior afirmava que “o maior obstáculo à realização do casamento, e mais frequente, é o seu custo; a este respeito, as queixas contemporâneas abundam, e está-se sempre às voltas com a questão” . (*Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. p.363.)

não se casavam, não por terem escolhido qualquer forma de união oposta ao sacramento católico e pelos obstáculos financeiros e, ou, burocráticos, e sim, por viverem num mundo instável e precário, onde a itinerância fazia parte das suas vidas.¹⁶⁶

Gilberto Freire, em *Casa Grande e Senzala*, ensina que, para o conhecimento da história social do Brasil, não há, talvez, fonte de informação mais segura, que os livros de viagens dos estrangeiros, e dentre eles, para o caso específico de matrimônio, cita “os bons e honestos da marca de” Richard Burton:

Em meados do século XIX, Burton encontrou em Minas Gerais uma cidade de cinco mil habitantes com duas famílias apenas de puro sangue europeu. No litoral observou o inglês que fora possível aos colonos casar suas filhas com europeus. Mas nas capitânicas do interior o mulatismo tornara-se um ‘mal necessário’ (mulatism became a necessary evil). A principio – é de supor – menos por casamento do que por uniões irregulares de brancos com negras, muitas vezes suas escravas. Daí a ‘estranha aversão ao casamento’ que Burton ainda surpreendeu nas populações mineiras. Os homens ‘não gostavam de casar para toda a vida’, mas de unir-se ou de amasiar-se; as leis portuguesas e brasileiras, facilitando o perfilhamento dos filhos ilegítimos, só faziam favorecer essa tendência para o concubinato e para as ligações efêmeras.¹⁶⁷

O cotidiano das mulheres do séc. XIX foi marcado pela luta pela sobrevivência e sua conduta por rígidos códigos de honra, os quais apenas uma minoria seguia. As mulheres pobres eram as que mais se distanciavam dos padrões morais oficiais. Como poucas se casavam, perdiam o direito à pensão de que as casadas eram merecedoras. Sendo viúvas e sós, ficaram sujeitas a constantes vigilâncias com relação a sua conduta social e eram obrigadas a apresentar, para receber pensão, atestado de honra e pobreza, fornecidas pela Igreja e pelo Inspetor de Quarteirão.

¹⁶⁶ VAINFAS, R., *Trópico dos Pecados*, p.94.

¹⁶⁷ BURTON, R., *apud* Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, v. 2, p.525.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a Guerra do Paraguai um objeto privilegiado na História do Brasil e levando em conta a vastíssima produção acadêmica sobre o tema, posso afirmar que a preocupação maior da historiografia tem sido com os homens envolvidos no conflito. Contada nos livros escolares, a História do Brasil é o cenário predileto de diversos heróis viris. Essa constatação estimulou a investigação sobre a presença das mulheres no cenário da guerra, seus papéis, as relações estabelecidas entre si e com os soldados, bem como a forma com que foram tratadas pelos exércitos em luta. É certo que, para uma história de homens e de uma guerra, o registro da presença feminina e os destaques que a ela poderiam ser dados tornam-se uma raridade, pois só aos homens cabiam os papéis principais.

Desenvolvi a pesquisa recorrendo, basicamente, a três acervos: o Arquivo Histórico do Exército, o Arquivo Histórico do Itamaraty e o Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso do Sul, o que me permitiu reconstruir vários aspectos do cotidiano dessas mulheres. Analisei requerimentos, inventários, leis e ofícios, que revelaram a presença das mulheres naquela guerra, em que situações precárias, instáveis e provisórias eram uma constante.

A documentação que encontrei não se restringia apenas aos pedidos de pensões de viúvas, inventários ou requerimentos da época desejada. Portanto, fazer um recorte temporal para atingir o objetivo proposto inicialmente foi um trabalho árduo, de pura garimpagem, pois não é possível saber o que existe dentro de cada maço de documentos analisado, o que exigiu um processo incessante de procura. Ressalto, também, que os documentos não foram de todo explorados em sua riqueza.

Em geral, os documentos, matéria prima do historiador, na falta de uma política de preservação dos arquivos públicos, apresentam, com frequência, folhas incompletas, grande parte delas quebrando ao menor toque, ou seja, desidratadas, necessitando, com certa urgência, de um trabalho de restauração, catalogação e microfilmagem, devido ao seu estado de conservação.

A história, por mais distante que esteja, tem por objetivo provocar reflexões sobre o mundo atual. Seria um erro pesquisar os fatos passados, dar luz a uma época, interpretar fatos que tenham significado algo, ler nas entrelinhas, enfim, dar vozes ao passado, e isso nada significar ou contribuir para as pessoas da época presente. Como a história é sempre contada do ponto de vista do dominador, que era o homem branco, foram raras as mulheres que constaram dos textos oficiais. Portanto, não foi meu objetivo, simplesmente, constatar e criticar essa lacuna na histórica oficial mas, sim, rever o passado e trazer à tona algumas brasileiras fantásticas que participaram da guerra e, com isso, ajudar a construir um futuro mais igualitário, com o papel da mulher reconhecido.

De fato, este trabalho teve a pretensão de narrar, explicar e contribuir com a história das mulheres moradoras da fronteira Brasil / Paraguai e, também, de muitas outras, que vivenciaram o período conturbado da Guerra do Paraguai, numa tentativa de resgatar o papel da mulher na construção do Brasil. É necessário que se conheça a história das mulheres que viveram a guerra nos seus mais variados segmentos, que se dê vida a esse tema, que se enfatizem a complexidade e a diversidade dessa experiência vivenciada por elas e que se criem espaços para que elas sejam “ouvidas” com respeito e sejam inseridas no contexto histórico, essencialmente masculino, no qual, quase sempre, foram vistas pela historiografia tradicional como submissas e dóceis.

Silêncios, hesitações, lacunas, foram alguns dos desafios que enfrentei ao longo da elaboração desta dissertação, que resultou da insistência de propósito em desvendar um passado em que as mulheres pouco apareciam. Embora não tenha podido resgatar a intimidade dessas mulheres, em seus múltiplos aspectos, posso dizer que recuperei a sua participação na Guerra do Paraguai, negada pela maioria dos historiadores. Pergunto-me, então, para que serve a História das Mulheres? E respondo: para fazê-las existir.

FONTES

1 Documentos

1.1 ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO.

Divisão de História Militar. Série Requerimentos.

1.2 ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATI.

Ofícios Recebidos. Assunção. 1855-1881.

Série Correspondência – Ofícios – Governo de Matto Grosso – Tomo 4 – Anos de 1862 a 1877.

1.3 ARQUIVO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MS.

INVENTÁRIO de José Francisco Lopes. Seção do Memorial. Campo Grande.

1.4 BIBLIOTECA NACIONAL.

ACAMPAMENTO do 7.º batalhão de voluntários no sitio da Água-Branca. Obras Raras. Seção Iconografia.

GUERRA DO PARAGUAY. Ataque de 16 de julho de 1866 em Tuyuty. Obras Raras. Seção Iconografia.

GUERRA DO PARAGUAI. 1865-1870. Ordens do Dia. Obras Raras.

POR UMA SENHORA RIOGRANDENSE. Uma coroa aos soldados brasileiros. *Bazar Volante*, Rio de Janeiro, a. 2, n. 32, p.2-3. 30 abr. 1865. Obras Raras.

1.5 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL. Dourados-MS.

RELATÓRIO do Presidente da Província de Mato Grosso Brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho, de 10 de outubro de 1864. microfilme. Acervo do Centro de Documentação Regional. Dourados-MS.

2 Periódicos

BOLETIM DE NOTÍCIAS, O. Cuiabá, 9 de maio de 1865.

BAZAR VOLANTE. Rio de Janeiro, 30 abr. 1865.

SITUAÇÃO, A. Cuiabá, 22 set. 1875.

3 Legislação

LEIS E DECISÕES. Coleções das Leis do Império do Brasil. 1841. Parte II, tomo IV. (Acervo do Arquivo Histórico do Exército)

4 Textos contemporâneos à Guerra do Paraguai

BURTON, Richard Francis. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Tradução José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1997.

CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memórias o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1987.

CERQUEIRA, Evangelista de Castro Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865 – 1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1929.

FONSECA, João Severiano da. *Viagem ao redor do Brasil: 1875 – 1878*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1986.

LYNCH, E., *Esposicion y Protesta*. Buenos Aires: Imprensa RURAL, 1875.

MASTERMAN, George Frederick. *Siete años de aventuras en el Paraguay*. Buenos Aires, 1871.

OURO PRETO, Visconde de. *A Marinha D'outr'ora: subsidios para a História*. Rio de Janeiro: Typographia Mont Alverne, 1894.

REGO, Maria do Carmo de Mello. *Lembranças de Mato Grosso*. Edição Fac-similar de 1897. Várzea Grande-MT: Fundação Júlio Campos, 1993. (Coleção de Memórias Históricas da Fundação Júlio Campos)

SILVA, José Luiz Rodrigues. *Recordações da Campanha do Paraguay*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, [s.d.].

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. *Memórias*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1946.

_____. *A Retirada da Laguna*. 15. ed. São Paulo: Biblioteca do Exército, 1959.

_____. *Cartas da Campanha de Matto Grosso: 1865 a 1866*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca Militar, 1944.

VAN-HALLE, A. A. José. *Lopez: viagem ao Paraguay; episodios da vida intima do ex-ditador e de sua favorita Elisa Lynch*. Rio de Janeiro; Typographia Americana, 1870.

VARELA, Hector F. *Elisa Lynch*. Buenos Aires: Editorial Tor, 1870.

VASQUEZ, José Antonio, SALERNO, Osvaldo (Orgs.). *El Centinela: periódicos de la guerra de la triple alianza*. Asunción: Centro de Documentación e Investigaciones, 1998.

5 Textos sobre a Guerra do Paraguai publicados nos séculos XX e XXI

ALAMBERT, Francisco. *Civilização e barbárie, história e cultura: representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do 2º Reinado e da 1ª República*. 1999. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

ALBUM Graphico do Estado de Matto-Grosso. Org. por S. C. Ayala e Feliciano Simon. Corumbá; Hamburgo, 1914.

ALCALA, Guido Rodriguez (Org). *Residentas, Destinadas y Traidoras*. 2. ed. Asunción: Criterio, 1991.

ALMEIDA, Mario Monteiro de. *Episódios da Formação Geográfica do Brasil: fixação das raias com o Uruguai e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1951.

ANUARIO DEL INSTITUTO FEMININO DE INVESTIGACIONES HISTÓRICAS. v. 1. Asunción-Paraguay, 1970/1971.

BARBOSA, Emilio G. *Os Barbosa em Mato Grosso*. Campo Grande: Editôra Empresa Correio do Estado Ltda., 1961.

BAPTISTA, Fernando. *Elisa Lynch: Mulher do Mundo e da Guerra*. São Paulo: Civilização Brasileira; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

BAPTISTA, Pereira. *Civilização contra a barbárie*: Conferência feita na Faculdade de Direito de Belo Horizonte a 15 de abril de 1928.

BECKER, Klaus. *Alemães e Descendentes – Do Rio Grande do Sul - Na Guerra do Paraguai*. Canoas: Hilgert, 1968.

BENTO, Cláudio Moreira. Bicentenário do Forte de Coimbra. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 ago. 1975, p. 11.

BLOMBERG, Hector Pedro. *La Dama del Paraguay*. Buenos Aires: Inter-Americana, 1942.

CARVALHO, José Murilo de. Um voluntário na Guerra do Paraguai. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 8 jul. 2001.

CUARTEROLO, Miguel Ángel. *Soldados de la Memoria*: Imágenes y Hombres de la Guerra del Paraguay. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, 2000.

COLLOR, Lindolfo. *No Centenário de Solano Lopez*. São Paulo: Cayeiras, [s/d].

CUNHA, Marco Antonio. *A Chama da Nacionalidade*: Ecos da Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2000.

DIENER, Pablo.; COSTA, Maria de Fátima. *A América de Rugendas*: Obras e Documentos. São Paulo: Estação Liberdade; Kosmos, 1999.

KOSTIANOVSKY, Olinda Massare. *La mujer Paraguaya*: Su Participación en la Guerra Grande. Asunción: Escuela Técnica Salesiana, 1970.

LEMOS, Renato. *Benjamin Constant*: Vida e História. Rio de Janeiro: Top Books, 1999.

LEONZO, Nanci. Nossas Marias Quitéria. *Revista do Exército Brasileiro*, v.135, p.47-55. 3. trim. 1998.

LIMA, João Francisco de. *Ana Néri*: heroína da caridade. São Paulo: Nova Época Editorial, 1977.

LOBO, Helio. *Às Portas da Guerra*: Do ULTIMATUM Saraiva, 10 de agosto de 1864, á Convenção da Villa União, 2º de fevereiro de 1865. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1916.

LUCIDIO, João Antonio Botelho. *Nos confins do Império um deserto de homens povoado por bois*: A ocupação do Planalto Sul Mato Grosso. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, ICHF, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro.

MAIA, Jorge. *A Invasão de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1964.

MARQUES, Maria Eduarda Magalhães (Org.). *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

MATOS, Kelma. *Jovita Feitosa*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

MELLO, Raul Silveira de. *A Epopéia de Antônio João: aos cem anos da epopéia militar dos Dourados*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1969.

MENDONÇA, Estevão de. *Datas Mato-grossenses*. Nictheroy: Escola Typ. Salesiana, 1919.

MENEZES, Alfredo da Mota. *Guerra do Paraguai: como construímos o conflito*. São Paulo: Contexto; Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 1998.

MOTA, Artur Silveira da. *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. 2. ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1982.

NAVEIRA, Raquel. *Guerra entre irmãos: poemas inspirados na Guerra do Paraguai*. 2. ed. Campo Grande: Gráfica Ruy Barbosa, 1997.

PEREIRA, Baptista. *Civilização contra Barbárie*. Conferência feita na Faculdade de Direito de Belo Horizonte a 15 de abril de 1928. São Paulo, 1928.

PINHO, Wanderley. *Cartas do Imperador D. Pedro II ao Barão de Cotegipe*. ord. e anot. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

POMER, Léon. *Paraguai: nossa guerra contra esse soldado*. 3.ed. São Paulo: Global, 1986. (Série História Popular)

POTTHAST-JUTKEIT, Bárbara. “*Paraiso de Mahoma*” o “*País de las mujeres*”? : El rol de la familia en la sociedad paraguaya del Siglo XIX. Tradução de Carmen Livieres de Maynzhausen. Asunción: Instituto Cultural Paraguayo-Aleman, 1996.

RIVAS, Bárbara Ganson de. *Las Consecuencias Demográficas y Sociales de la Guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Litocolor, 1985.

RODRIGUES, J. Barbosa. *Histórias da Terra Matogrossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1983. (Col. História, v.2).

ROMERO, Roberto A. *Pancha Garmendia y Francisco Solano Lopez: Leyenda y Realidad*. Asunción: Augusto Gallegos, 1998.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SGANZERLA, Alfredo. *A história de Frei Mariano de Bagnaia*. Campo Grande: FUCMAT, 1992.

SILVA, José Luiz Rodrigues. *Recordações da Campanha do Paraguai*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, [s.d.].

SOUZA, João Batista de. *Evolução Histórica sul Mato Grosso*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1960.

SOUSA, Jorge Prata. *Escravidão ou Morte: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Mauad / ADESA, 1996.

TORRES, Gabriela Valenzuela de Francis. *La Mujer Paraguaya en la Estructuración de la Patria*. Conferencia leída por su Autora en el Salon Auditorio del Diario ABC (Color). Asunción: São Roque, 1971.

TRÍAS, Vivian. *El Paraguay de Francia el Supremo a la Guerra de la Tríplice Alianza*. Buenos Aires: Crisis, 1975.

VERSEN, Max Von. *História da Guerra do Paraguai*. Tradução de Manuel Tomás Alves Nogueira. São Paulo: USP, Itatiaia, 1976.

VILLAMIL, Manuel Peña (Org). *Silvia*. Asunción: Criterio, 1987.

ZARZA, Idalia Flores G. de. *Juan Bautista Alberdi: En la Defensa del Paraguay en la Guerra contra la Triple Alianza*. Buenos Aires: República Argentina, 1976.

_____. *La mujer paraguaya, protagonista de la Historia: (1537-1870)*. Asunción: El Lector.

ZIOGAS, Marilyn Godoy. *Indias, Vasallas y Campesinas*. Asunción: Arte Nuevo, 1987.

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1981.
- BADINTER, Elizabeth (Org). *Palavras de Homens (1790-1793)*. Tradução de Maria Hellena F. Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difel, 1985.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- CAMPOFIORITO, Quirino. *História da Pintura Brasileira no Século XIX: 1800-1918*. 5 v. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek Cultural, 1983.
- CARDOZO, Efraim. *Paraguay Independiente*. 2. ed. Asunción, 1988.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Meneses. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e representações*. Tradução de Francisco Bethencourt. Lisboa: Difel, 1990.
- CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. 21. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CORRÊA, Lúcia Salsa. *Os Voluntários da Pátria (e outros mitos)*. São Paulo: Global, 1983.
- CORRÊA, Viriato. *O Brasil dos meus avós: Crônicas da história brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1930.
- D’ALESSIO, Márcia Mansor. *Reflexões sobre o saber histórico: Entrevistas com Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebérioux*. São Paulo: UNESP, 1998.
- DEL PRIORE, Mary. *A Mulher na História do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. Mary.; VENÂNCIO, Renato Pinto. *O Livro de Ouro da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DEVEREUX, Georges. *Mulher e Mito*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Papirus, 1990.

DIAS, Maria Odila da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate dos sentidos*. São Paulo; Editora Unesp, 2001.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *O Conflito com o Paraguai: A Grande Guerra do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: USP (Fundação do Desenvolvimento da Educação), 1995.

FERRO, Marc. *A História Viglada*. Tradução de Doris Sanches Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*. 6. ed. rev. e aum. v.1 e 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950. (Coleção Documentos Brasileiros)

GALETTI, Lylia da Silva. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. 2000. Tese (Doutorado) - Departamento de História, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

GUTFREIND, Ieda, REICHEL, Heloisa Jockims. *Fronteiras e Guerras no Prata*. São Paulo: Atual, 1995. (Série Discutindo a História do Brasil).

KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos problemas*. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LEONZO, Nanci. A gaveta do barão. Separata de: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, a. 157, n. 391, p.351-359, abr./jun. 1996.

LUKACS, John. *O Hitler da História*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Org). *Masculino, Feminino, Plural: Gênero na Interdisciplinariedade*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

PERARO, Maria Adenir. *Farda, saias e batina: a ilegitimidade na Paróquia Senhor Bom Jesus de Cuiabá, 1853-90*. 1997. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

_____. *Bastardos do Império: família e sociedade em Mato Grosso no século XIX*. São Paulo: Contexto, 2001.

PERROT, Michelle. *Poder dos homens, potência das mulheres?: O exemplo do século XIX*. São Paulo: Cultura Vozes, 1996.

_____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Isilda S. de. *Gênero em Debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.

SCHPUN, Mônica (Org). *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1997.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1991.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. 2. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

VOLPATO, Luisa Rios Ricci. *Cativos do Sertão: Vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850 – 1888*. São Paulo: Editora Marco Zero; Cuiabá- MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1993.

_____. *A Conquista da Terra no Universo da Pobreza: Formação da fronteira oeste do Brasil, 1719 – 1881*. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na História*. Tradução Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.